

## *1 Objectivos*

No quadro de investigação da Gramática Generativa, a relação entre as componentes sintáctica e morfológica da gramática tem sido alvo de um extenso debate. Relativamente a esta questão, é possível distinguir dois tipos de análises: aquelas para que o factor de riqueza morfológica determina diferenças inter-linguísticas fundamentais, como as que se prendem com movimento do verbo, e aquelas para que a sintaxe constitui uma componente relativamente autónoma da morfologia. Em ambos os casos, o papel reservado ao estudo do processo de aquisição da linguagem é tido como fundamental, na medida em que contribui para avaliar qual das componentes em questão, sintáctica ou morfológica, assume preponderância no desenvolvimento linguístico de um indivíduo.

No âmbito da presente dissertação, e ao contrário do que tem vindo a ser sugerido em literatura recente, é meu objectivo demonstrar que o domínio da flexão verbal antecede a consolidação de alguns padrões sintácticos fundamentais. Procurarei validar a minha proposta apresentando dados relativos à ‘sensibilidade/compreensão’ de contrastes morfológicos e sintácticos, o que, de um ponto de vista metodológico, constitui algo de inovador relativamente a propostas recentes, na literatura, tomando como objecto de estudo dados referentes unicamente ao domínio da ‘produção’. Assumindo um ponto de vista mais lato, procurarei avaliar de que modo a adopção desta nova perspectiva de análise de dados poderá contribuir para o debate acerca da articulação entre as componentes sintáctica e morfológica da gramática.

## *2 Enquadramento teórico*

### *2.1 O empreendimento generativo no âmbito das várias correntes de estudo acerca da aquisição da linguagem*

A tendência para conceber as línguas como sistemas de regras estruturados e homogéneos tem vindo a definir-se como apanágio das mais importantes orientações da Linguística Moderna. A linguagem, entendida como veículo suporte do pensamento humano, tem, nesse sentido, frequentemente vindo a ser interpretada como o resultado da interacção entre um conjunto de módulos autónomos, de natureza diversa, caracterizados por regras e princípios específicos a cada um deles. É, todavia, apenas na

segunda metade do século XX que a Linguística se assume como ciência cognitiva propriamente dita, definindo como objectivos fundamentais não só a caracterização do sistema de representação que constitui a linguagem, mas também do modo como esse sistema de representação se desenvolve na mente do falante. O programa de investigação generativo, tal como definido por N. Chomsky em meados da década de 50, constitui, nesse sentido, uma das mais importantes mudanças de enfoque no que respeita à própria concepção dos problemas relativos à linguagem, “its nature, origins and use”<sup>1</sup>: ao considerar a existência de um conjunto de princípios e estruturas especificamente linguísticos, codificados biologicamente no ser humano, e constituindo o estágio inicial da sua faculdade da linguagem, o empreendimento generativo assume como objecto de estudo “um sistema de regras e princípios radicados em última instância na mente humana, e não em propriedades absolutas das expressões consideradas em si mesmas, ou consideradas como um aspecto particular do comportamento humano, independentemente das propriedades mentais subjacentes à sua produção e compreensão”<sup>2</sup>. No que respeita à natureza do sistema de conhecimentos que constitui o saber linguístico, a Teoria da Gramática Generativa assume-se, portanto, inequivocamente, como uma teoria de cariz psicológico “concerned with the state of the mind/brain of the person who knows a particular language”<sup>3</sup>, ou seja, com o modelo de competência que, em última instância, lhe permite beneficiar de toda uma série de intuições acerca da forma e significação das expressões linguísticas.

Relativamente ao modo como se desenvolve, no sujeito falante, o sistema de conhecimentos que constitui a sua gramática interiorizada, parte-se do pressuposto de que os estímulos iniciais a que as crianças têm acesso durante o período de aquisição não permitem, tanto ao nível quantitativo como qualitativo, legitimar a riqueza e complexidade que caracteriza a competência final adulta. Nos termos de Meisel (1995), o tipo de conhecimento que resulta do processo de aquisição “seems to be largely underdetermined by the data, i. e. humans apparently have access to a substantial body of knowledge about language which cannot be «learned», since the relevant information is not present in the empirical basis for such learning, neither in the primary data nor in the context”<sup>4</sup>. De acordo com Chomsky (1966b), a discrepância entre o tipo de dados em questão implica, necessariamente, a assunção da existência de um mecanismo inato

---

<sup>1</sup> Chomsky 2000: 5

<sup>2</sup> Raposo 1992: 25

<sup>3</sup> Chomsky 2000: 5

<sup>4</sup> Meisel 1995: 11

(o chamado ‘Mecanismo de Aquisição da Linguagem’, ou ‘Gramática Universal’, no âmbito do quadro mais recente de investigação generativista,) que permita à criança proceder à “projectão quantitativa e qualitativa dos dados primários (necessariamente finitos e consistindo em expressões relativamente simples) sobre o conjunto infinito de expressões da [sua] língua”<sup>5</sup>; de outra maneira, o processo de aquisição da linguagem não poderia senão ser interpretado como um caso de “«overlearning»”<sup>6</sup>.

Outro dos pressupostos generativistas relativos à concepção do processo de aquisição da linguagem prende-se com a própria natureza dos dados que se supõe constituírem o *input* linguístico inicial. De acordo com estudos desenvolvidos no âmbito desta questão (Brown & Hanlon, 1970; Pinker, 1989), a informação que integra o meio ambiente linguístico a que as crianças têm acesso caracteriza-se, essencialmente, por exhibir um carácter positivo, sendo, deste modo, formada, maioritariamente, por expressões de natureza gramatical. Nos termos de Hornstein & Lightfoot (1981), as crianças não são informadas sistematicamente “that some hypothetical sentences are in fact ungrammatical, that a given sentence is ambiguous, or that certain sets of sentences are paraphrases of each other, and many legitimate and acceptable sentence-types may never occur in a child's linguistic experience. However, children come to know facts about language for which there is no clear evidence or no evidence at all in the input”<sup>7</sup>. É, portanto, de acordo com informação de natureza essencialmente positiva que as crianças desenvolvem toda uma série de conhecimentos acerca da sua língua - a sua gramática interna, nomeadamente, a competência para determinar o estatuto de maior ou menor aceitabilidade de um número ilimitado de expressões. O papel desempenhado pela instrução gramatical em todo este processo, seja sob a forma de explicação, seja sob a forma de correcção de erros, é tido, fundamentalmente, como marginal. Particularmente, a correcção, ainda que ocorrendo durante o período de aquisição, tende a incidir, sobretudo, sobre questões de natureza pragmática, ou seja, de adequação da fala da criança à situação discursiva, e não propriamente sobre questões relacionadas com a gramaticalidade dos enunciados. Dados relacionados com a produção infantil (Morgan & Travis, 1989) mostram, efectivamente, que as crianças, mesmo quando corrigidas, acabam, na maioria das vezes, pura e simplesmente por ignorar as instruções recebidas, insistindo, sistematicamente, nos mesmos erros. Fundamentalmente, o papel

---

<sup>5</sup> Raposo 1992: 37

<sup>6</sup> Chomsky 2000: 8

<sup>7</sup> Hornstein & Lightfoot 1981: 10

desempenhado pela correcção ou instrução explícitas durante a fase de aquisição da linguagem levanta um problema fundamental que é o da exigência de uniformidade do *input* inicial (Cook, 1988). Efectivamente, é sabido que, independentemente da sua experiência particular (considerada não só em termos linguísticos mas também no que respeita ao domínio social e educativo), as crianças desenvolvem sistemas finais de competência linguística muito semelhantes no que respeita ao seu escopo e qualidade<sup>8</sup>. No entanto, a ideia de que a correcção se encontra uniformemente presente ao nível do processo de aquisição da linguagem é algo que se manifesta claramente discutível, senão mesmo insustentável. Tendo por base informação unicamente positiva, as crianças conseguem, deste modo, desenvolver toda uma série de conhecimentos negativos acerca da sua própria língua, facto que, evidentemente, reitera a conclusão de que apenas um mecanismo inato suficientemente complexo permite legitimar as várias etapas do processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem de forma lógica e coerente.

A investigação desenvolvida no âmbito do modelo generativo assume, deste modo, um cariz marcadamente racionalista: embora se reconheça o meio ambiente exterior como factor de particular importância no desenvolvimento linguístico de um indivíduo, considera-se que um tal desenvolvimento se encontra determinado à partida por uma estrutura mental inata que permite aos falantes interpretar o estímulo linguístico empírico a que são sujeitos no momento de aquisição de uma língua. O sistema de princípios linguísticos que constitui esta estrutura “opera de modo altamente específico na base de dados primários limitados, guiando de um modo quase rígido o desenvolvimento de certas estruturas e proibindo outras”<sup>9</sup>. Assume-se, nesse sentido, que a Gramática Universal constitui um órgão biológico efectivo, que evolui no indivíduo falante de modo muito semelhante ao de qualquer outro órgão, sendo o resultado dessa evolução a gramática final que caracteriza os conhecimentos linguísticos de um adulto. A observação da existência de um período crítico para a aquisição da linguagem permite, na verdade, argumentar a favor dessa posição: de acordo com estudos levados a cabo pelo neurologista Eric Lenneberg (1967), o desenvolvimento do sistema de conhecimentos que constitui a faculdade da linguagem necessita obrigatoriamente de ser estimulado durante um intervalo específico de tempo que,

---

<sup>8</sup> Na base deste pressuposto encontra-se, ainda assim, a assunção de que é, efectivamente, a exposição ao *input* linguístico que espoleta o funcionamento do Mecanismo de Aquisição da Linguagem, ou seja, de que as crianças, não se encontrando imersas num ambiente linguístico, não chegam a adquirir uma língua.

<sup>9</sup> Raposo 1992: 46

segundo o autor, se estende dos dois anos à puberdade. No que concerne ao desenvolvimento dos mecanismos neuronais que suportam o conhecimento gramatical, este período coincide, precisamente com a especialização funcional de um dos hemisférios cerebrais (usualmente o esquerdo) no âmbito do uso da linguagem. Nos termos da chamada ‘Hipótese do Período Crítico’ assume-se, portanto, que, a menos que a exposição aos dados linguísticos se verifique no intervalo de tempo tido como relevante<sup>10</sup>, não se chega a verificar a aquisição de uma língua, pelo menos com o mesmo grau de proficiência que sucede relativamente aos indivíduos expostos ao *input* linguístico durante o período de tempo tido como normal. Paralelamente, o estudo de lesões cerebrais associadas ao uso da linguagem mostra, efectivamente, que a idade pode constituir um factor determinante nesse sentido: Seliger (1978), por exemplo, demonstra que as lesões verificadas ao nível da mesma área cerebral têm como resultado diferentes tipos de afasia, dependendo da idade dos falantes.

Por razões óbvias, é manifestamente impossível testar de forma conveniente a Hipótese do Período Crítico. Essa é a razão pela qual a maior parte da investigação que tem vindo a ser desenvolvida relativamente a esta questão se baseia, essencialmente, no estudo de alguns casos específicos de crianças mantidas em isolamento durante os seus primeiros anos de vida. Nesse sentido, um dos casos mais amplamente discutidos é, seguramente, o caso de Genie, uma criança de treze anos, descoberta nos anos 70, que, tendo sido privada de todo e qualquer tipo de interacção social e/ou linguística, terá, ao cabo de sete anos de reabilitação, experimentado um desenvolvimento extraordinário das suas capacidades cognitivas, muito embora as suas aptidões linguísticas tenham permanecido equiparáveis às de uma criança de dois anos.

Estudos relacionados com a aquisição de linguagem gestual por crianças com deficiências auditivas (Newport & Supalla, 1990) mostram, igualmente, que o grau de proficiência atingido pelas crianças depende, crucialmente, da idade em que se verifica a exposição ao *input* linguístico inicial. Particularmente, os autores demonstram que, nos casos em que a exposição se verifica numa fase mais tardia, as crianças revelam uma série de dificuldades que não são sentidas por crianças expostas durante o período tido como crítico.

---

<sup>10</sup> De acordo com Long (1990), o período em que as crianças se manifestam sensíveis aos dados linguísticos varia consoante as componentes linguísticas em causa. Particularmente, o autor argumenta que a sensibilidade aos dados de natureza fonológica se mantém activa apenas até a idade dos cinco ou seis anos, enquanto a sensibilidade a dados de natureza morfológica e sintáctica se prolonga, supostamente, até à puberdade.

Fundamentalmente, os casos em discussão podem ser tidos como indícios de que a aquisição da linguagem constitui um processo autónomo face ao desenvolvimento cognitivo em geral, facto que permite reiterar a hipótese de que a Gramática Universal constitui um órgão biológico efectivo no ser humano. Simultaneamente, os factos em questão constituem argumentos que se manifestam favoráveis à assunção de que existe, efectivamente, um período crítico para a aquisição de uma dada língua, e que, como tal, a faculdade da linguagem se desenvolve no ser humano de modo parcialmente predeterminado.

Em síntese, de acordo com a perspectiva generativista da aquisição da linguagem, o conjunto específico de conhecimentos que constitui a competência linguística final de um falante não pode ser tido como o resultado da acção de processos gerais de natureza indutiva, ou da interacção de princípios elementares como os de associação e generalização. É, efectivamente, o carácter extraordinariamente rico e complexo do sistema de conhecimentos de um falante adulto que inviabiliza a hipótese sob discussão, implicando, necessariamente, a assunção de um estado inicial da faculdade da linguagem geneticamente codificado na espécie humana.

## *2.2 O Modelo de Princípios e Parâmetros*

O modelo de Princípios e Parâmetros, proposto inicialmente por Chomsky (1981), surge como resultado da necessidade de conceber “a theory of grammar which should be able to meet both the descriptive adequacy and the explanatory adequacy conditions”<sup>11</sup>. No âmbito deste modelo, a Gramática Universal é tida como a soma de uma série de princípios considerados intrínsecos à mente humana e agindo de forma computacional sobre o conjunto de expressões de uma língua. Neste sentido, e para além de um conjunto de princípios invariáveis que se considera restringir, de modo rígido, a forma que as gramáticas finais podem assumir, pressupõe-se a existência de um outro tipo de princípios – os ‘parâmetros’, “[which] do not account exhaustively for properties of grammars”<sup>12</sup>. Na medida em que codificam propriedades específicas das línguas particulares, os parâmetros permitem definir, de forma consideravelmente restrita, “the range of variation that is possible in language”<sup>13</sup>, sugerindo, assim, um

---

<sup>11</sup> Avram 2002a: 13

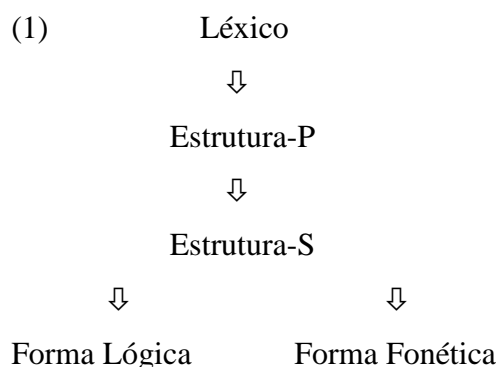
<sup>12</sup> Meisel 1995: 12

<sup>13</sup> Guasti 2002: 19

modo natural não só de reequacionar o leque de questões relacionadas com a diversidade e tipologia linguísticas, mas, sobretudo, “de resolver a tensão entre a adequação descritiva e a adequação explicativa”<sup>14</sup>.

De um ponto de vista da organização da gramática, o modelo de Princípios e Parâmetros caracteriza-se pela concepção de uma série de componentes ou módulos autónomos, referentes a diferentes domínios da linguagem e obedecendo a princípios de natureza independente<sup>15</sup>. Concretamente, assume-se que a gramática se organiza em função de três componentes fundamentais, que são as componentes sintáctica, semântica e fonológica. Enquanto as componentes semântica e fonológica assumem, basicamente, uma função interpretativa, no sentido em que processam as representações que derivam da componente sintáctica, esta permite estabelecer a relação entre os níveis de representação através dos quais a Gramática Universal codifica a informação veiculada pelas expressões linguísticas.

No que respeita à interacção entre as diferentes componentes e níveis de representação gramatical, é assumido o seguinte modelo de estruturação:



O ‘Léxico’ representa o ponto de partida da derivação frásica, constituindo o repositório de uma série de “informações de natureza fonológica, sintáctica e semântica sobre os itens lexicais individuais”<sup>16</sup>. Particularmente, a entrada de cada item lexical contém informações específicas acerca da sua natureza fonológica e semântica, bem como especificações acerca das suas propriedades de selecção e subcategorização, ou seja, das restrições que cada núcleo lexical impõe quanto aos seus argumentos e às

---

<sup>14</sup> Chomsky 1995:45

<sup>15</sup> Cada um desses módulos legitima, por sua vez, a concepção de uma série de subteorias que interagem de modo complexo para dar conta das propriedades sintácticas das expressões linguísticas. Não sendo objectivo da presente dissertação expor, em detalhe, cada uma das subteorias em questão, proceder-se-á apenas à exposição de alguns dos pontos mais relevantes à medida que tal se afigurar necessário.

<sup>16</sup> Raposo 1992: 89

categorias lexicais que podem constituir os seus complementos. Mediante mecanismos próprios de inserção dos itens lexicais ao nível da estrutura sintáctica, é derivada a chamada ‘estrutura-P’ de uma frase, que constitui, essencialmente, o resultado da observação das propriedades temáticas e de subcategorização dos itens lexicais, *i. e.*, das relações que um ou mais argumentos mantêm com um elemento predicador, e de outras restrições mais gerais acerca do número e tipo de argumentos seleccionados pelos itens lexicais individuais. A expressão efectiva da hierarquia de constituintes na frase resulta, por fim, da interacção entre dois princípios de base que constituem um esquema universal de estrutura da frase – esquema X’:

$$(2) \quad \begin{aligned} X' &\Rightarrow X^0/X' Y'' \\ X'' &\Rightarrow Z'' X''/X' \end{aligned}^{17}$$

De acordo com estes princípios, um ‘núcleo’ lexical, caracteriza-se, fundamentalmente, pela possibilidade de subcategorizar um ‘complemento’, formando com ele um constituinte de nível superior. A relação entre os dois níveis em questão é definida como uma relação de ‘projectão’, ou seja, uma relação em que um constituinte de nível 0 projecta um constituinte de nível 1. Este projecta, por sua vez, uma categoria de nível superior, que inclui um modificador não subcategorizado pelo núcleo lexical – o ‘especificador’<sup>18</sup>. Os diferentes níveis encontram-se notados, em (2), respectivamente, como X<sup>0</sup>, X’ e X’’. Fundamentalmente, o esquema em questão sintetiza duas propriedades essenciais acerca das categorias sintagmáticas: em primeiro lugar, o facto de uma categoria sintagmática XP incluir, obrigatoriamente, um núcleo pertencente a uma categoria lexical principal, e, em segundo, o facto de, para uma dada categoria sintagmática XP, o núcleo pertencer, obrigatoriamente, à categoria lexical X correspondente. As propriedades em causa determinam um dos princípios fundamentais que definem a teoria X-barra e constituem uma condição essencial de boa-formação sobre o *output* da componente categorial – o ‘Princípio da Endocentricidade’.

A derivação da ‘estrutura-S’, ou seja, do nível de representação concreto da estrutura hierárquica e da ordenação linear efectivamente existentes entre os constituintes da frase, resulta, por sua vez, da aplicação de um esquema único de

<sup>17</sup> A ordem relativa dos constituintes [Z’’ X’] e [X<sup>0</sup> Y’] é, porém, sujeita a variação inter e intra-linguística.

<sup>18</sup> Outros modificadores não subcategorizados são denominados ‘adjuntos’, e caracterizam-se por expandir recursivamente os níveis barra.



movimento – ‘Mover  $\alpha$ ’, que permite que qualquer constituinte seja movido de uma posição sintáctica para outra, independentemente da sua categoria gramatical ou da língua particular e tipo de construção gramatical em questão<sup>19</sup>.

Considerando que o número e a natureza das transformações que permitem derivar a estrutura-S desempenham um papel fundamental com vista à interpretação do conteúdo semântico de uma frase, a abordagem de Princípios e Parâmetros pressupõe a existência de um nível de representação abstracto – a Forma Lógica, derivado directamente do nível de estrutura-S, e cuja função consiste em “representar os aspectos de significado de uma oração que são determinados pelas suas propriedades estruturais”<sup>20</sup>. A necessidade de que as propriedades temáticas dos itens nucleares sejam satisfeitas ao nível da Forma Lógica implica que também ao nível da estrutura-S se encontre representado este tipo de informações. Nesse sentido, assume-se que cada categoria movida deixa, na posição de partida, um nó categorialmente idêntico, que, estando com ela indexado, funciona como seu vestígio. A teoria dos vestígios permite, nestes termos, codificar na estrutura-S das orações a informação sobre a função semântica dos argumentos, consubstanciando, assim, a exigência de que a projecção dos diferentes níveis de representação sintáctica se observe as propriedades de cariz lógico-gramatical dos itens lexicais individuais.

O nível de representação a que corresponde a Forma Lógica caracteriza-se, ainda, por constituir o espaço em que se verifica uma série de processos sintácticos que não assumem qualquer tipo de reflexo fonológico. Pressupõe-se, nesse sentido, que os níveis de Forma Lógica e Forma Fonética não comunicam entre si, sendo derivados de uma bifurcação ao nível da estrutura-S.

### *2.2.1 A concordância sujeito-verbo*

As derivações frásicas geradas pelo sistema computacional podem ser caracterizadas em função de uma tipologia baseada na estrutura morfológica das flexões

---

<sup>19</sup> A natureza específica de  $\alpha$ , é todavia, sujeita a variação paramétrica, uma vez que as línguas individuais lhe podem atribuir valores bastante distintos. Independentemente do tipo de variação em causa, assume-se, ainda assim, a existência de uma série de restrições genéricas relativas ao tipo de constituintes movidos – pressupõe-se que apenas as categorias sintagmáticas e nucleares se movam, e não categorias de nível intermédio, e a outras condições associadas aos diferentes módulos que interagem no âmbito do modelo gramatical.

<sup>20</sup> Raposo 1992: 137

verbais. Estas distinguem-se, fundamentalmente, pelo facto exibirem ou não marcas de ‘tempo’ – T, e ‘concordância’ – Conc:

- (3) i. [+T, +Conc]
- ii. [-T, -Conc]
- iii. [+T, -Conc]
- iv. [-T, +Conc]

As flexões verbais exibindo marcas temporais – ((3i,iii)), são denominadas ‘finitas’; aquelas que não exibem marcas temporais ((3ii,iv)) são denominadas ‘não-finitas’. Tanto umas como outras podem exibir marcas de concordância com um dos argumentos da frase – tipicamente, o sujeito<sup>21</sup>.

Apesar de as marcas flexionais de tempo e de concordância serem realizadas morfologicamente como sufixos verbais, Chomsky (1981) opta por representá-las na estrutura frásica através de uma categoria autónoma denominada ‘Flexão’ – Flex (cf. (4)). A sua análise resulta do facto de Flex constituir um elemento gramatical sintacticamente activo e independente de outras categorias sintácticas, hospedando não só as marcas verbais de tempo e concordância mas também, em Inglês, os verbos auxiliares modais<sup>22</sup>:

- (4) [<sub>Flex</sub>’ N’’ [<sub>Flex</sub>’ Flex V’’]]<sup>23</sup>

De acordo com (4), Flex constitui uma categoria de nível 0, capaz de projectar de forma consistente com o esquema universal de estrutura da frase – o esquema X’. A primeira projecção de Flex – Flex’, é tida como aquela que contém Flex e o sintagma verbal da frase, que é interpretado como o complemento de Flex. A projecção máxima Flex’’ corresponde, por sua vez, àquela que contém Flex’ e o sintagma nominal sujeito da frase, que é interpretado como o especificador de Flex.

Nos termos em questão, a afixação das marcas verbais de tempo e concordância é tida como o resultado do movimento de dois tipos de constituintes<sup>24</sup>:

<sup>21</sup> Não obstante, (3i,ii) constituem as opções menos marcadas de um ponto de vista inter-linguístico

<sup>22</sup> Flex substitui Aux, a categoria proposta em modelos anteriores da Gramática Gerativa para hospedar verbos auxiliares. Esta análise é motivada pelo facto de se assumir que, ao contrário dos verbos modais, os verbos auxiliares são gerados internamente a V’’ (Emonds 1976).

<sup>23</sup> Cabe a Pesetsky (1982) a formulação da primeira análise endocêntrica da estrutura da frase, já que, segundo Chomsky (1981), esta se manifesta exocêntrica: [<sub>F</sub> N’’ Flex V’’].

- (5) i.  $[_{Flex'} N'' [_{Flex'} v_i [_{V''} [_{V'} [V [V V] Flex_i] \dots]]]]^{25}$   
 ii.  $[_{Flex'} N'' [_{Flex'} [_{Flex'} V_i [_{Flex'} Flex]] [_{V''} [_{V'} v_i \dots]]]]$

Assim, enquanto, em (5i), as marcas flexionais verbais se movem para uma posição de adjunção ao verbo<sup>26</sup>, em (5ii), é o verbo a mover-se para uma posição de adjunção às marcas verbais de tempo e concordância<sup>27</sup>.

O reconhecimento de indícios da insuficiência estrutural de (4)<sup>28</sup>, determinou, entretanto, a cisão de Flex em duas projecções distintas – uma hospedando as marcas flexionais de tempo (T''), e outra, de concordância (Conc''):

- (6)  $[_{Conc''} N''^{29} [_{Conc'} Conc [_{T''} [_{T'} T V'']]]^{30}$

<sup>24</sup> Nos termos da ‘Hipótese Lexicalista Fraca’, proposta, inicialmente, por Anderson (1982), e assumida numa fase inicial do Modelo de Princípios e Parâmetros, considera-se existir uma distinção entre os módulos que constituem a “morfologia derivacional” e a “morfologia flexional”. Assim, enquanto a derivação morfológica é tida como o resultado de um conjunto de regras operando de forma interna ao Léxico, as relações flexionais são concebidas como resultantes da aplicação, entre estrutura-P e estrutura-S, da operação Mover  $\alpha$ , pertencendo, portanto, inteiramente, ao domínio da sintaxe (cf. 4: 32).

<sup>25</sup> A cadeia  $\{v_i, Flex_i\}$  viola um dos princípios que se considera restringir a operação de Mover  $\alpha$  – o ‘P(rincípio da) C(ategoria) V(azia)’, que se traduz na necessidade de uma categoria movida assumir uma determinada relação estrutural com o seu vestígio: a) a categoria movida não deve ‘dominar’ o seu vestígio, e b) o primeiro nó ramificado a dominar a categoria movida deve, igualmente, dominar o seu vestígio (obedecendo a estes critérios, considera-se que a categoria movida ‘c-comanda’ o seu vestígio). Segundo Chomsky (1989), o movimento subsequente – entenda-se, em Forma Lógica, do complexo  $[V + Flex_i]$  para uma posição hierarquicamente superior permitiria, no entanto, desfazer a cadeia inadequada para a satisfação do PCV.

<sup>26</sup> De acordo com Chomsky (1981) assume-se que este é o movimento que permite derivar correctamente ordens de palavras envolvendo advérbios adjungidos à esquerda de V'' e verbos lexicais, em línguas como o Inglês:

John  $[_{Flex'} v_i [_{V''} often [_{V''} [V [V read] Flex_i] the papers]]$ .  
 John often reads the papers.

<sup>27</sup> De acordo com Emonds (1976, 1978), assume-se que este é o movimento que permite derivar correctamente ordens de palavras envolvendo advérbios adjungidos à esquerda de V'' e:

- a) verbos auxiliares, em línguas como o Inglês:  
 i. John  $[_{Flex'} [_{Flex'} have_i [_{Flex'} Flex]] [_{V''} often [_{V''} v_i amused the children]]]$ .  
 John has often amused the children.  
 b) verbos auxiliares (i.) e lexicais (ii.), em línguas como o Francês:  
 i. Pierre  $[_{Flex'} [_{Flex'} avoir_i [_{Flex'} Flex]] [_{V''} souvent [_{V''} v_i parlé d'elle]]]$ .  
 Pierre avait souvent parlé d'elle.  
 ii. Pierre  $[_{Flex'} [_{Flex'} parler_i [_{Flex'} Flex]] [_{V''} souvent [_{V''} v_i d'elle]]]$ .  
 Pierre parle souvent d'elle.

<sup>28</sup> Observando que, no Francês, contrariamente ao que sucede com os verbos lexicais finitos (i.), os verbos lexicais não-finitos não podem anteceder advérbios que instanciem posições de c-comando sobre V'' (ii.), Pollock (1989) assume que a estrutura frásica disponibiliza duas posições-alvo para o movimento do verbo, dependendo da natureza finita ou não-finita da flexão verbal.

- i. Jean (\*pas) aime (pas) Marie.  
 ii. Ne (pas) posséder (\*pas) de voiture en banlieue rend la vie difficile.

<sup>29</sup> De acordo com a proposta de Sportiche (1988), o argumento desempenhando a função de sujeito da frase é gerado na posição de especificador de VP, podendo, posteriormente, mover-se para que lhe seja atribuído ‘caso’ – de acordo com Chomsky (1980a), a marcação casual dos sintagmas nominais constitui

De acordo com (6), Conc e T constituem categorias de nível 0, projectando conforme os requisitos do esquema X'. A primeira projecção de T (T') é tida como aquela que contém T e o sintagma verbal da frase, que é interpretado como o complemento de T. A primeira projecção de Conc (Conc') é, por sua vez, tida como aquela que contém Conc e T'' – o seu complemento. A projecção máxima Conc'' corresponde, por fim, àquela que contém Conc' e o sintagma nominal sujeito da frase, que é interpretado como o especificador de Conc.

A impossibilidade de conceber uma relação isomórfica entre as componentes sintáctica e morfológica da gramática<sup>31</sup> determinou, enfim, a assunção de que a estrutura interna dos itens lexicais se manifesta inacessível às operações da sintaxe<sup>32</sup>. Nos termos em questão, a afixação verbal constitui apenas o reflexo morfológico da relação estrutural privilegiada entre Conc e o argumento ocupando a sua posição de especificador<sup>33</sup>.

### 2.3 O Programa Minimalista

Assumindo os pressupostos essenciais do modelo de Princípios e Parâmetros, o Programa Minimalista institui-se, fundamentalmente, como um conjunto de orientações guiadas pelo objectivo de reduzir o aparato teórico e metodológico em que assenta o quadro de investigação generativo. As análises propostas no âmbito deste programa não resultam, assim, de um afastamento radical relativamente a assunções teóricas anteriores, mas sim de um esforço para equacionar sob novas perspectivas questões de fundo relativas ao desenho da faculdade da linguagem.

---

um fenómeno universal que, independentemente da sua manifestação morfológica, assume uma natureza, essencialmente, sintáctica.

<sup>30</sup> No âmbito da proposta inicial de cisão de Flex, Pollock (1989) sugere que, por motivos relacionados com as condições estruturais próprias para a atribuição de papéis temáticos, seja T'' a dominar Conc''. Atendendo à necessidade de que as derivações morfológicas reflectam directamente as derivações sintácticas (Baker 1988), Belletti (1990) assume, porém, que apenas o complexo [<sub>Conc</sub> V [<sub>Conc</sub> T [<sub>Conc</sub> Conc ]]] permite dar conta da ordem pela qual se apresentam os afixos verbais no Italiano. Para a autora, Conc'' deve, portanto, assumir uma posição hierarquicamente superior a T'' na estrutura frásica.

<sup>31</sup> Marcas flexionais amalgamadas ou não-concatenativas constituem evidências nesse sentido. Conc e T resultam, assim, interpretados como codificações de um conjunto de propriedades morfológicas (verbais, entre outras), projectando ao nível da estrutura frásica.

<sup>32</sup> Concretamente, nos termos da 'Hipótese Lexicalista Forte', os processos de flexão e derivação morfológica operam ao nível lexical e não sintáctico (cf. 4: 32-33).

<sup>33</sup> O movimento do verbo para uma posição de adjunção a Conc passa, nesta perspectiva, a ser interpretado como resultante da necessidade que o procedimento computacional tem de 'verificar' se as propriedades que o verbo codifica condizem com aquelas codificadas por Conc.

Uma pressuposição fundamental é a de que “a faculdade da linguagem é não-redundante, ou seja, [que] os fenómenos [linguísticos] particulares não são «sobredeterminados» pelos princípios da linguagem”<sup>34</sup>. Assume-se, nesse sentido, que, à semelhança de outros sistemas orgânicos, a linguagem se caracteriza, fundamentalmente, por obedecer a princípios gerais de eficiência computacional. Paralelamente, estabelece-se como objectivo determinar que tipo de propriedades fundamentam uma concepção mínima da linguagem, ou seja, aquelas “sem as quais o objecto de estudo não poderia ser uma linguagem humana”<sup>35</sup>. No âmbito desta questão, e considerando que a linguagem cumpre não só uma função expressiva, mas constitui, igualmente, o veículo suporte do pensamento humano, atribui-se particular relevância aos chamados ‘sistemas de performance’, ou seja, aos sistemas com os quais a faculdade da linguagem se articula e que permitem que as expressões linguísticas “sejam usadas para articular, interpretar, referir, perguntar, reflectir e exercer outras acções”<sup>36</sup>. Considera-se que os sistemas de performance são de dois tipos distintos, um de natureza C(onceptual)-I(intencional), e outro de natureza S(ensorial e)-M(otora). Sendo, presumivelmente, dotados de estrutura própria e independente da faculdade da linguagem, assume-se que ambos impõem condições específicas sobre o modo como as expressões linguísticas são interpretadas – as chamadas ‘condições de legibilidade’ ou ‘condições de output básicas’. Na perspectiva assumida pelo Programa Minimalista, são estas as condições mínimas que a linguagem deve respeitar, sob o risco de não se manifestar usável pelos próprios sistemas com que comunica. Uma ‘tese forte minimalista’ é a de que, atendendo a uma série de princípios elementares de eficiência computacional, as expressões linguísticas que produzem instruções legíveis para os sistemas de performance – ‘convergentes’, em termos minimalistas, constituem uma realização óptima das condições de interface. Os níveis de representação postulados para expressar as propriedades temáticas e de subcategorização, bem como a ordem efectivamente existente entre os constituintes da frase – estrutura-P e estrutura-S, respectivamente, deixam, neste sentido, de ser considerados conceptualmente motivados, sendo que as condições que se aplicavam a estes níveis passam a ser interpretadas em termos da satisfação das exigências dos sistemas de interface.

---

<sup>34</sup> Chomsky 1995: 244

<sup>35</sup> Raposo 1995: 23

<sup>36</sup> Chomsky 1995: 244

Atendendo ao facto de as línguas particulares constituírem, na sua forma mais elementar, sistemas capazes de gerar um número infinito de expressões linguísticas, assume-se que o procedimento computacional que integra a faculdade da linguagem assenta numa operação de base – ‘Compor’, que “toma como ponto de partida um par de objectos sintácticos ( $OS_i, OS_j$ ) e [os] substitui [...] por um novo objecto sintáctico composto  $OS_{ij}$ ”<sup>37</sup>. Os objectos sintácticos sobre os quais se aplicam as operações do procedimento computacional correspondem, na sua forma mais elementar, a itens lexicais individuais, que, satisfazendo requisitos básicos de eficiência computacional, constituem uma codificação óptima da informação que se exige para as computações posteriores. Presumivelmente, o mapeamento desta informação em termos de um Léxico constitui, no âmbito de uma língua particular, o resultado de uma operação única, incidindo sobre um subconjunto previamente seleccionado das propriedades que a faculdade da linguagem disponibiliza para esse efeito. Nesta perspectiva, “[a] particular language is identified at least by valuation of parameters and selection from the store of features made available by UG, and a listing of combinations of these features in LIs (the lexicon)”<sup>38</sup>. Os requisitos de uma computação eficiente determinam, igualmente, que o sistema computacional proceda a uma selecção do conjunto de itens lexicais a serem, efectivamente, acedidos no curso de uma derivação. Uma assunção de relevo é a de que, tendo sido formado uma determinada ‘matriz lexical’, o procedimento computacional deixa de poder aceder ao Léxico. Incapaz de introduzir, na derivação, outros traços para além dos codificados na entrada dos itens lexicais individuais, o sistema computacional limita-se apenas a rearranjá-los, sucessivamente, em novos objectos sintácticos. Nos termos em questão, considera-se, assim, que a derivação frásica satisfaz uma ‘condição de inclusividade’<sup>39</sup>.

A propriedade linguística de infinidade discreta determina que Compor se aplique de forma iterativa e na ausência de qualquer tipo de restrições. Concretamente, assume-se que, no âmbito de uma determinada computação, um objecto sintáctico (lexical ou derivado) é dotado de uma propriedade que lhe permite ser indefinidamente

---

<sup>37</sup> Chomsky 1995: 315

<sup>38</sup> Chomsky 2006: 4

<sup>39</sup> De acordo com Chomsky, esta condição é, todavia, violada pelas operações que introduzem traços fonéticos ou traços relativos à estrutura prosódica dos objectos sintácticos, facto que, para o autor, constitui um indicador da primazia de C-I no âmbito do desenho da linguagem.

composto com outros objectos sintácticos – o chamado ‘T(raço de) P(eriferia)’<sup>40</sup> de um constituinte. A propriedade em questão é, presumivelmente, veiculada por um elemento mínimo – a sua ‘etiqueta’, que codifica, para além disso, informações relevantes relativas à sua interpretação, às suas propriedades de selecção e outras informações necessárias a computações posteriores. Nesta perspectiva, o esquema X’ deixa de assumir qualquer estatuto formal na expressão da hierarquia de constituintes: assumindo o estatuto inapagável de TP, “the elements of expressions can have indefinitely many specifiers (*complement* and *specifier* mean nothing more in this framework than *first-merged* and *later-merged*)”<sup>41</sup>. Paralelamente, dada a condição de inclusividade, excluem-se da representação da estrutura de constituintes “quaisquer elementos para além dos traços lexicais e dos objectos construídos a partir desses traços”<sup>42</sup>. Os níveis de barra deixam, neste sentido, de ser identificados por qualquer marca em especial, passando apenas a definir-se como propriedades relacionais das categorias que integram as representações estruturais. Concretamente, assume-se que, nos termos em questão, “[u]ma categoria que já não projecta é uma projecção máxima [...], e uma categoria que não é projecção de nada é uma projecção mínima; qualquer outra é um X’, invisível na interface e para a computação”<sup>43</sup>.

Operando de forma irrestrita, considera-se que Compor incide tanto sobre objectos sintácticos distintos – ‘Compor Externo’<sup>44</sup>, como sobre um objecto sintáctico e um dos seus constituintes – ‘Compor Interno’. No caso particular de Compor Interno, a etiqueta de um dos constituintes compostos funciona como uma ‘sonda’, que localiza na estrutura frásica um ‘alvo’ que se manifeste apropriado<sup>45</sup>. Os requisitos de uma computação eficiente limitam o espaço de busca de uma sonda ao seu domínio de complemento, *i. e.*, aquilo que, na base de um conjunto de pressupostos elementares<sup>46</sup>, constitui “its [...] smallest searchable domain”<sup>47</sup>. Nos termos da condição de

---

<sup>40</sup> Considerações relacionadas com a eficiência do procedimento computacional levam a assumir que os objectos sintácticos sobre os quais Compor incide se mantêm, presumivelmente, inalterados, *i. e.*, que os constituintes compostos assumem, entre si, uma relação hierárquica de irmandade.

<sup>41</sup> Chomsky 2006: 6

<sup>42</sup> Chomsky 1995: 337

<sup>43</sup> Chomsky 1995: 334

<sup>44</sup> Compor Externo caracteriza-se pelo facto de permitir ou não satisfazer as propriedades de selecção de um dos objectos sintácticos compostos, manifestando-se, nesse sentido, respectivamente, obrigatório ou opcional.

<sup>45</sup> A relação que a sonda estabelece com o alvo é, todavia, independente de Compor Interno, podendo apenas legitimar, nos constituintes em questão, um conjunto de modificações internas.

<sup>46</sup> Concretamente, na base de duas relações fundamentais: as relações de ‘dominância’ e de ‘irmandade’ entre constituintes.

<sup>47</sup> Chomsky 2006: 6

inclusividade, considera-se, ainda, que Compor Interno não gera qualquer tipo de vestígios ou índices. Da aplicação de Compor Interno resulta, assim, uma nova noção de cadeia de constituintes, definida como uma sequência de constituintes idênticos ou ocorrências de um determinado constituinte<sup>48</sup>.

A necessidade de minimizar a complexidade computacional determina, por fim, que a derivação frásica proceda por ‘fases’, sendo cada uma delas definida em função de uma ‘sub-matriz lexical’ específica, colocada na ‘memória activa’. As sub-matrizes lexicais constituem objectos sintácticos determinados pelo seu grau de independência em termos das propriedades de interface. De um ponto de vista semântico, identificam-se como “the closest counterpart to a proposition: either a verb phrase in which all theta roles are assigned or a full clause including tense and force”<sup>49</sup>. Crucialmente, a computação das diferentes sub-matrizes lexicais sucede de forma independente. Assim, “[w]hen the computation exhausts LA<sub>i</sub>, forming the syntactic object K, L returns to LA, either extending K to K’ or forming an independent structure M to be assimilated later to K or to some extension of K”<sup>50</sup>. Paralelamente, os requisitos de uma computação eficiente determinam que “once the interpretation of small units is determined, it will not be modified by later operations”<sup>51</sup>, ou seja, que as derivações frásicas devem proceder de forma estritamente cíclica. Em termos minimalistas, a ‘ciclicidade estrita’ é salvaguardada se, no âmbito de uma determinada fase da computação, o objecto sintáctico ‘transferido’ para as interfaces C-I e S-M se manifestar inacessível a operações sintácticas posteriores. Nesta perspectiva, as propriedades das sondas devem ser esgotadas antes que novos elementos da sub-matriz lexical sejam acedidos para proceder a outras operações sintácticas, caso contrário, a derivação fracassa por razões relacionadas com a própria inacessibilidade das sondas.

Considerando que o procedimento computacional opera por fases, LF deixa de poder definir-se como nível de representação independente: apesar de se manter a assunção de que a gramática se organiza em função de três componentes fundamentais, considera-se que estas que não determinam ciclos de derivação frásica distintos, mas participam dos mesmos ciclos de derivação. Nesta perspectiva, movimentos visíveis e invisíveis de constituintes procedem em paralelo, ao nível da fase.

---

<sup>48</sup> No que respeita ao nível de interface S-M, porém, e devido a questões relacionadas com a eficiência do procedimento computacional, “all copies other than the final occurrence generated are deleted” (Chomsky 2006: 8)

<sup>49</sup> Chomsky 1998: 20

<sup>50</sup> Chomsky 2001a: 12

<sup>51</sup> Chomsky 2006: 4



### 2.3.1 A concordância sujeito-verbo

No âmbito do Programa Minimalista, assume-se que as operações do procedimento computacional incidem sobre os traços codificados pelos itens lexicais individuais<sup>52</sup>. Estes podem ser caracterizados em função de três categorias distintas: a) traços ‘fonológicos’, *i. e.*, interpretáveis apenas pelo sistema S-M; b) traços ‘semânticos’, *i. e.*, interpretáveis apenas pelo sistema C-I; e c) traços ‘formais’, *i. e.*, acessíveis no curso da derivação sintáctica estrita. Dada a natureza tipicamente assimétrica das relações de concordância, os traços que veiculam a informação de flexão dos itens lexicais – ‘traços-phi’, são tidos como semanticamente a) interpretáveis, quando codificados por categorias de natureza referencial, e b) ininterpretáveis, quando codificados por categorias de natureza predicativa. Considerando que “[a]n uninterpretable feature F must be distinguished somehow in LEX from interpretable features”<sup>53</sup>, assume-se que os traços-phi ininterpretáveis não se encontram especificados ao nível da componente lexical: a sua especificação resulta da aplicação de uma operação sintáctica autónoma – ‘Concordar’, concebida nos termos da relação sonda-alvo<sup>54</sup>. Assim, os traços de flexão das categorias de tipo predicativo podem ser interpretados como constituindo “a probe that seeks a goal, namely, ‘matching’ features that establish agreement”<sup>55</sup>. O valor destes traços é definido por referência aos traços interpretáveis de flexão codificados pelo alvo. No que respeita, especificamente, à concordância sujeito-verbo, a sonda tida como relevante é constituída pelos traços-phi codificados por T<sup>56</sup>, e o alvo, o constituinte nominal desempenhando a função de sujeito. A motivação desta análise resulta do facto de se assumir que Concordar permite especificar traços ininterpretáveis de Caso do sujeito<sup>57</sup>.

---

<sup>52</sup> Contrariamente ao pressuposto no âmbito da Hipótese Forte Lexicalista, assume-se que os processos de flexão e derivação morfológica são de natureza pós-sintáctica. A sintaxe caracteriza-se, assim, apenas por manipular os traços codificados pelos itens lexicais individuais.

<sup>53</sup> Chomsky 2001b: 13

<sup>54</sup> Sendo especificados ao nível lexical ou sintáctico, os traços-phi constituem necessariamente traços de natureza formal. Independentemente da sua especificação, as exigências de convergência das expressões linguísticas determinam, no entanto, que os traços-phi ininterpretáveis sejam eliminados quando do processo de ‘transferência’ para os sistemas de performance.

<sup>55</sup> Chomsky 1998: 37

<sup>56</sup> No âmbito da abordagem minimalista, não são admitidas categorias sintácticas codificando apenas traços ininterpretáveis. Conc encontra-se, por conseguinte, excluído da estrutura frásica.

<sup>57</sup> Particularmente, assume-se que são os traços ininterpretáveis de Caso estrutural que activam o alvo de T.

Finalmente, é de salientar que a natureza irrestrita de Compor não permite formular uma relação estrutural privilegiada para efeitos de concordância. Assumindo que a afixação verbal constitui uma operação de natureza estritamente fonológica, condicionada “by the phonetically affixal character of the inflectional categories”<sup>58</sup>, a concordância sujeito-verbo resulta concebida como independente das operações de movimento de constituintes na sintaxe estrita – Compor Interno.

### 3 A aquisição da linguagem

#### 3.1 O processo de ligação paramétrica

No quadro de investigação da Gramática Generativa, o filtro computacional que medeia a relação entre os dados linguísticos primários a que a criança tem acesso e o sistema de conhecimentos que integra a sua gramática final é concebido como a soma de um conjunto restrito de princípios universais e de uma série finita de opções sobre a sua aplicação – os parâmetros:

(7) Input  $\Rightarrow$  Princípios e Parâmetros  $\Rightarrow$  Output

Assumindo que os parâmetros codificam propriedades específicas das línguas naturais, a aquisição, pela criança, da gramática final da sua língua implica, assim, não só a aprendizagem do conjunto de itens lexicais que instanciam o seu ‘dicionário mental’, *i. e.*, o conjunto de formas cujas propriedades fonológicas, sintáticas e semânticas que determinam a derivação frásica, mas também a ligação dos parâmetros que integram o estado inicial da sua faculdade da linguagem. Em termos computacionais, o processo de aquisição de uma língua resulta, nesse sentido, frequentemente interpretado como o crescimento ou maturação da Gramática Universal, que, em função da informação obtida a partir do meio linguístico ambiente, transita de um “estado apenas parcialmente especificado (com parâmetros por fixar) [par]a um estado completamente especificado (com os parâmetros fixados)”<sup>59</sup>.

Crucialmente, assume-se, que, independentemente do conjunto de ligações paramétricas resultantes de uma experiência linguística particular, cada estágio de evolução gramatical deve apenas integrar “structures and mechanisms which do not

---

<sup>58</sup> Chomsky 2001a: 38

<sup>59</sup> Raposo 1992: 55

violate the principles of U[niversal] G[rammar]”<sup>60</sup>. A relação que se estabelece entre o estado inicial da faculdade da linguagem e o sistema de conhecimentos final adquirido é, nesse sentido, fundamentalmente, uma relação de continuidade (cf. 3.1: 23).

A assunção de que “certain forms or configurations are simply impossible given the system of principles of UG”<sup>61</sup>, aliada ao pressuposto de que, em termos de variação paramétrica, as opções disponibilizadas são, igualmente, bastante limitadas (dado que existem em número finito e possuem, por hipótese, apenas dois valores<sup>62</sup>), reduz consideravelmente o espaço de busca da criança, determinando, de modo altamente específico, a forma que a sua gramática final pode assumir. Particularmente, o papel reservado às crianças no âmbito da formação de hipóteses sobre o funcionamento da sua língua resulta, nesta abordagem, substancialmente reduzido, facto que, em última análise, consubstancia a observação tácita de que a aquisição da linguagem se processa de forma relativamente uniforme.

Paralelamente, um dos factores que torna a abordagem paramétrica mais atractiva em termos do estudo do processo de aquisição da linguagem diz respeito ao facto de as escolhas parametrizáveis permitidas pela Gramática Universal não constituírem o reflexo directo das diferenças concretas existentes entre os vários sistemas gramaticais. Nos termos de Raposo (1992), os parâmetros “não se encontram em correspondência biunívoca com as propriedades simples ou directamente observáveis dos sistemas linguísticos”<sup>63</sup>, pelo que as diferenças superficiais entre línguas não constituem, exhaustivamente, opções ao nível da Gramática Universal. Neste contexto, a fixação de um parâmetro segundo um determinado valor processa-se antes a um nível abstracto da gramática, sendo que a ligação correcta (ou incorrecta) de um número reduzido de parâmetros desencadeia, no âmbito de vários domínios da gramática, uma série de efeitos aparentemente desconexos ou indirectamente relacionados.

A noção de parâmetro aqui implícita tem como consequência a assunção de que nem todos os dados linguísticos acessíveis à criança durante o processo de aquisição assumem a mesma relevância em termos da determinação do sistema de conhecimentos que integram a sua gramática final. Esta constitui, em última instância, uma implicação

---

<sup>60</sup> Meisel 1995: 11

<sup>61</sup> Avram 2002a: 17

<sup>62</sup> A maioria dos parâmetros sugeridos, até agora, no âmbito da literatura generativista, representa uma escolha entre apenas dois valores. Manzini & Wexler (1987), no entanto, consideram que algumas ligações paramétricas podem envolver mais do que duas opções.

<sup>63</sup> Raposo 1992: 62

da própria perspectiva teórica em que se enquadra a investigação generativista, “which has virtually eliminated inductive learning as a means to acquire abstract grammatical knowledge”<sup>64</sup>. Nesta perspectiva, é a presença de uma propriedade em particular nos dados linguísticos primários que espoleta a fixação de uma dada opção paramétrica, o que se verifica “without there being any intervening computation of consequences or evaluation of alternatives”<sup>65</sup>. O modelo paramétrico institui-se, assim, fundamentalmente como uma teoria selectiva (e não instrutiva) da aquisição da linguagem, ou seja, uma teoria em que a ligação dos parâmetros especificados pela Gramática Universal se verifica mediante a selecção dos valores apropriados em virtude dos estímulos presentes no meio linguístico ambiente.

Paralelamente, pressupõe-se que tendo sido identificada nos dados linguísticos primários uma propriedade considerada relevante para a ligação de um determinado parâmetro, esta deve ser interpretada de forma determinística em relação ao valor que esse parâmetro pode assumir<sup>66</sup>. Um parâmetro da Gramática Universal, é tido, assim, como uma espécie de ‘comutador linguístico’, cuja ligação é espoletada de forma semi-automática “only by narrowly defined properties of the data, not by all features which are possibly related to a given parameter value”<sup>67</sup>. De acordo com Truscott & Wexler (1989), isso implica que os fenómenos que constituem, efectivamente, indicações fiáveis da ligação correcta de um determinado conjunto de parâmetros devem ocorrer “with a fairly high frequency (high enough that all learners of language would encounter [them])”<sup>68</sup>. Dado o estatuto teoricamente indesejável que constitui fixar um limiar mínimo de frequência das propriedades relevantes do *input*, é, todavia, usual considerar que os estímulos presentes nos dados linguísticos primários devem, simplesmente, obedecer a critérios muito específicos de saliência ou robustez (Lightfoot, 1991). Fundamentalmente, a natureza dos parâmetros deve ser tal que a sua ligação, num dos valores permitidos, possa ser feita unicamente com base em dados

---

<sup>64</sup> Meisel 1995: 33

<sup>65</sup> Fodor 1999: 366

<sup>66</sup> A visão determinística associada à presente concepção do processo de aquisição da linguagem não exclui a possibilidade de uma ligação incorrecta dos parâmetros, isto porque os estímulos presentes nos dados linguísticos primários não constituem ‘rótulos’, sendo sempre sujeitos a análise gramatical. Assim, ainda que uma propriedade estrutural específica constitua uma indicação não ambígua de que um parâmetro deve ser fixado de acordo com um determinado valor, existe a possibilidade teórica de que outras propriedades do *input* possam ser analisadas como evidências contrárias. No âmbito desta questão, Clahsen (1992) observa, no entanto, que não existe evidência empírica para a possibilidade de mudança recorrente do valor de um parâmetro.

<sup>67</sup> Meisel 1995: 19

<sup>68</sup> Truscott & Wexler 1989: 160

simples e facilmente acessíveis às crianças, sem o recurso a ‘contextos exóticos’, ou exigências extraordinárias de processamento.

A interpretação dos estímulos que se pressupõe integrarem os dados linguísticos iniciais a que as crianças têm acesso coloca, no entanto, uma questão fundamental no âmbito do estudo do processo de aquisição da linguagem, que se prende com a ordem pela qual se supõe que as crianças consideram os valores dos parâmetros especificados pela Gramática Universal. No âmbito desta questão, uma das observações mais relevantes é a de que os valores em que se traduzem determinadas opções paramétricas podem ser classificados em função de uma hierarquia específica de marcação, usualmente formalizada em termos da teoria dos conjuntos<sup>69</sup>. Neste contexto, e assumindo que, “for every given parameter and every two values of it, the languages defined by the values of the parameter are one subset of the other”<sup>70</sup>, o valor não marcado, seleccionado pela Gramática Universal na ausência de qualquer evidência linguística, corresponde àquele que, no âmbito de uma dada opção paramétrica, permite, gerar um menor número de estruturas. Dada a presente concepção do processo de ligação paramétrica, no caso de as crianças se depararem com dados linguísticos inconsistentes com o valor não marcado de um determinado parâmetro, torna-se necessário que procedam à sua reparametrização, fixando-o no valor contrário<sup>71</sup>. No entanto, tal como observa Valian (1988, 1990a), a assunção de que um parâmetro da gramática se encontra inicialmente fixado em função de um determinado valor não permite compreender de que forma as crianças conseguem interpretar o conjunto de estruturas geradas por gramáticas especificadas com um valor distinto. Nos termos da autora, “only if we give the parser access to the missing, correct, value, can the datum serve the function of contradicting the incorrect value”<sup>72</sup>. Considerando, portanto, que o sistema de ligações paramétricas que constitui o estado inicial de uma gramática assume efeitos altamente restritivos em termos do funcionamento do sistema computacional,

---

<sup>69</sup> A ideia de que a hierarquia de marcação dos valores de um parâmetro pode ser formalizada em termos da teoria de conjuntos é proposta inicialmente por Berwick (1985), através do chamado ‘Princípio do Subconjunto’, tendo sido posteriormente retomada por Manzini & Wexler (1987), Wexler e Manzini (1987) e Wexler (1993).

<sup>70</sup> Wexler & Manzini 1987: 60

<sup>71</sup> Assumindo que as opções paramétricas não são completamente independentes umas das outras, a noção de reparametrização depara-se com importantes obstáculos ao nível da adequação explicativa. Concretamente, a fixação de um parâmetro em função de um determinado valor pode, teoricamente, espoletar a fixação de outros parâmetros de um modo consistente apenas com as possibilidades combinatórias disponíveis, pelo que, a partir do momento em que “certain parameters have been set, it might be impossible for the child to retreat from certain choices” (Avram 2002a: 21).

<sup>72</sup> Valian 1988: 14

Lebeaux (1988, 1990) sugere que ambos os valores dos parâmetros se devem encontrar, *a priori*, acessíveis à criança. Nesse sentido, antes que um parâmetro seja efectivamente fixado de acordo com um valor específico, é necessário conceber que a gramática inicial permita o acesso tanto ao valor não marcado como aos valores restantes. Todavia, tal como observa Roeper (1992), o estado inicial da faculdade da linguagem não constitui, nestes termos, uma gramática final possível, uma vez que mantém acessíveis à criança opções contraditórias.

A ideia de que a ordem segundo a qual as crianças acedem aos valores de um parâmetro obedece a critérios relacionados com a noção de marcação não se manifesta, todavia, unanimemente aceite no âmbito da abordagem de Princípios e Parâmetros. Hyams (1986), por exemplo, argumenta que o estatuto mais ou menos marcado do valor assumido por um parâmetro não constitui uma questão de carácter intrínseco à teoria gramatical. Com efeito, e tal como assumem Wexler & Manzini (1987), a hipótese de que o valor inicial de um parâmetro decorre das relações de subconjunto existentes entre os vários subsistemas gramaticais constitui, essencialmente, um módulo de aprendizagem que interage com a Gramática Universal, não se encontrando intrinsecamente motivado em termos da concepção paramétrica de desenvolvimento gramatical. Paralelamente, tendo por base dados empíricos da aquisição, a autora apresenta evidência de que o valor inicial de um parâmetro não obedece aos critérios de marcação estipulados no âmbito do Princípio do Subconjunto. Concretamente, no que respeita a um dos parâmetros mais amplamente discutidos no âmbito da literatura generativista – o parâmetro do sujeito nulo, Hyams observa que, durante uma fase inicial da aquisição da língua inglesa, as crianças produzem frases com o sujeito não realizado foneticamente<sup>73</sup>. Ainda que não constituindo um pressuposto teoricamente desejável, a autora assume, portanto, que a fixação correcta de algumas das opções paramétricas disponibilizadas pela Gramática Universal pode constituir o efeito de um processo de reparametrização<sup>74</sup>.

Considerando que os estímulos necessários à fixação das opções que determinam os sistemas finais de língua se encontram presentes desde os estádios mais precoces do

---

<sup>73</sup> Em trabalho subsequente, é, todavia, questionada a existência de uma relação directa entre as produções em causa e o valor do parâmetro em questão.

<sup>74</sup> Em última análise, a hipótese de Hyams implica, no entanto, o abandono parcial da ideia de que a informação negativa não desempenha um papel relevante no processo de aquisição da linguagem. No que respeita, concretamente, à ligação do parâmetro do sujeito nulo no Inglês, seria necessário admitir que o facto de as crianças não se depararem sistematicamente com frases com o sujeito não realizado foneticamente seria suficiente para procederem à fixação correcta do seu valor.

desenvolvimento gramatical, outra das questões que mais importância assumem no âmbito do estudo do processo da aquisição da linguagem prende-se com o facto de algumas propriedades estruturais presentes nas produções linguísticas iniciais ocorrerem nos termos de uma ordem sequencial fixa que se manifesta uniforme tanto de um ponto de vista inter-individual como de um ponto de vista inter-linguístico. Relativamente a esta questão, são usualmente consideradas duas hipóteses de explicação, assumindo, ambas, idênticos graus de proficiência descritiva. Nos termos da chamada ‘Hipótese Maturacional’, o padrão sequencial subjacente à emergência de algumas estruturas de linguagem constitui o efeito de um calendário maturacional específico, segundo o qual alguns princípios da Gramática Universal se encontram disponíveis apenas a partir de determinadas fases da aquisição<sup>75</sup>. Assume-se, nesse sentido, a existência de um programa geneticamente codificado “[which] controls the development of syntax (i. e., the development of grammatical objects – features, principles) and determines the timing by which components of UG become available to the child”<sup>76</sup>. A ordem subjacente ao desenvolvimento gramatical constitui, assim, o efeito de um mecanismo genérico que condiciona o desenvolvimento de uma série de outras características dos sistemas biológicos. Pelo contrário, “nonmaturational accounts of the developmental schedule look for grammar-internal ordering principles rather than referring to physical maturation”<sup>77</sup>. Nos termos da chamada ‘Hipótese de Continuidade’, os princípios que formam a Gramática Universal encontram-se disponíveis desde a fase inicial do processo de aquisição da linguagem (cf. 5: 49-51). Todavia, a fixação do valor de uma opção paramétrica em particular é interpretada como um filtro para o reconhecimento dos estímulos afectos a outras opções paramétricas (Roeper & de Villiers 1992). Nesta perspectiva, o padrão sequencial uniforme subjacente ao desenvolvimento linguístico é determinado, fundamentalmente, de maneira intrínseca<sup>78</sup>, baseando-se a aquisição de

---

<sup>75</sup> Felix (1987) assume, nesse sentido, que os sistemas gramaticais em desenvolvimento poderão exibir propriedades contrárias aos princípios tidos como latentes da Gramática Universal. De acordo com a chamada versão ‘fraca’ da Hipótese Maturacional considera-se, porém, que as diferenças existentes entre as fases iniciais de desenvolvimento linguístico e o sistema gramatical final dos adultos são invariavelmente restringidas pela Gramática Universal (Wexler 1990).

<sup>76</sup> Guasti 2002: 146

<sup>77</sup> Meisel 1995: 24

<sup>78</sup> Outras versões da Hipótese de Continuidade fazem, no entanto, depender a ordem subjacente ao desenvolvimento linguístico de factores externos à competência gramatical, e que afectam o desempenho da criança (limitações de memória, capacidade de processamento, etc.). Nos termos de Clahsen (1989), “it is possible that, while all of the UG principles are ready to apply from the start, some must await the acquisition of certain lexical triggers, before they can be successfully used” (Clahsen 1989: 57). De acordo com o autor, as diferentes fases de evolução gramatical dependem, nesse sentido, não só de um aumento da capacidade de memória e processamento, mas também da aquisição de novos itens lexicais.

determinados aspectos estruturais da linguagem na interdependência que se considera existir entre os valores fixados para os diferentes parâmetros da Gramática Universal.

### 3.2 Modelos de aprendizagem<sup>79</sup> de língua

#### 3.2.1 Gibson & Wexler (1994)

O modelo de aprendizagem proposto por Gibson & Wexler (1994) assenta, fundamentalmente, na assunção implícita na literatura de cariz psicolinguístico “that the learner uses an algorithm that relies on triggers in order to succeed”<sup>80</sup>. Nos termos de Gibson & Wexler, este algoritmo permite às crianças alterar hipóteses previamente formuladas em relação à sua língua alvo sempre que estas não lhes permitam analisar uma frase presente no *input* linguístico inicial<sup>81</sup>:

##### *The Triggering Learning Algorithm*

Given an initial set of values for  $n$  binary-valued parameters, the learner attempts to syntactically analyze an incoming sentence  $S$ . If  $S$  can be successfully analyzed, then the learner’s hypothesis regarding the target grammar is left unchanged. If, however, the learner cannot analyze  $S$ , then the learner uniformly selects a parameter  $P$  (with probability  $1/n$  for each parameter), changes the value associated with  $P$ , and tries to reprocess  $S$  using the new parameter value. If analysis is now possible, then the parameter value change is adopted. Otherwise, the original parameter value is retained.

[Gibson & Wexler 1994: 409-410]

Tendo em conta o propósito conceptualmente desejável de evitar a ocorrência de “large-scale reorganizations of [...] grammars in a single learning step”<sup>82</sup>, os autores definem o funcionamento do seu algoritmo em função de um requisito essencial de ‘cobiça’. Propõem, nesse sentido, duas condições essenciais:

##### *The Single Value Constraint*

---

<sup>79</sup> O termo ‘aprendizagem’ designa aquilo que Wexler & Culicover (1980) descrevem como “learnability from fairly restricted primary data, in a sufficient quick time, with limited use of memory” (Wexler & Culicover 1980: 18), não devendo, nesse sentido, ser interpretado da mesma forma que o processo gradativo que constitui o desenvolvimento geral das capacidades cognitivas de um indivíduo.

<sup>80</sup> Gibson & Wexler 1994: 409

<sup>81</sup> Constitui, nesse sentido, um modelo semelhante ao de Wexler & Culicover (1980), fazendo depender a aquisição da linguagem de uma estratégia de teste de hipóteses.

<sup>82</sup> Gibson & Wexler 1994: 410



Assume that the sequence  $\{h_0, h_1, \dots, h_n\}$  is the successive series of hypotheses proposed by the learner, where  $h_0$  is the initial hypothesis and  $h_1$  is the target grammar. Then  $h_i$  differs from  $h_{i-1}$  by the value of at most one parameter for  $i > 0$ .

#### *The Greediness Constraint*

Upon encountering an input sentence that cannot be analysed with the current parameter settings (i.e., is ungrammatical), the language learner will adopt a new set of parameter settings only if they allow the unanalyzable input to be syntactically analyzed.

[Gibson & Wexler 1994: 411]

Nesta perspectiva, embora as frases não analisáveis em termos do procedimento algorítmico possam constituir estímulos à reorganização de mais do que uma característica dos sistemas de desenvolvimento gramatical, esta encontra-se, todavia, limitada ao factor de uma única reparametrização por estímulo.

Para os autores, os estímulos encontram-se, ainda, organizados em função de duas categorias fundamentais:

#### *Triggers*

- a. A *global trigger* for value  $v$  of parameter  $P_i$ ,  $P_i(v)$ , is a sentence  $S$  from the target grammar  $L$  such that  $S$  is grammatical if and only if the value for  $P_i$  is  $v$ , no matter what the values for parameters other than  $P_i$  are.
- b. Given values for all parameters but one, parameter  $P_i$ , a *local trigger* or value  $v$  of parameter  $P_i$ ,  $P_i(v)$ , is a sentence  $S$  from the target grammar  $L$  such that  $S$  is grammatical if and only if the value for  $P_i$  is  $v$ .

[Gibson & Wexler 1994: 409]

Assim, um ‘estímulo global’ corresponde a qualquer frase da língua alvo que implique a alteração do valor de um dado parâmetro, independentemente das ligações assumidas para os restantes parâmetros da Gramática Universal. Pelo contrário, um ‘estímulo local’ requer uma configuração específica de um ou mais parâmetros para espoletar uma reparametrização em particular. Concretamente, numa língua SVO, uma frase exibindo o padrão Sujeito-Verbo constitui, segundo os autores, um estímulo global para a fixação do valor do parâmetro que determina a ordem de base em que os constituintes Sujeito e Verbo ocorrem – o que os autores denominam ‘parâmetro Sujeito-Verbo’. Relativamente ao ‘parâmetro Verbo-Objecto’ – o parâmetro que determina a ordem

subjacente entre os constituintes Verbo e Objecto, os autores assumem que a sua fixação é dependente da ligação do parâmetro Sujeito-Verbo. Como tal, uma frase exibindo o padrão Sujeito-Verbo-Objecto constitui, nesse sentido, um estímulo local para a fixação do valor correcto desse parâmetro.

É de realçar, porém, que “under the TLA, the learner has no knowledge of which parameters are relevant to a given input, so after a particular input sentence, the learner may actually end up farther from the target grammar than before”<sup>83</sup>. O sucesso do algoritmo aqui descrito é garantido pela assunção de que, para cada parâmetro fixado incorrectamente durante o processo de aquisição de uma língua, existe, no *input* linguístico inicial, um estímulo local que espoleta convenientemente a sua ligação<sup>84</sup>. Todavia, e tal como é observado por Gibson & Wexler, existem, na verdade, casos em que tal não se verifica. Considerando, para além dos parâmetros referidos, o ‘parâmetro V2’ – um parâmetro relacionado com a derivação da ordem superficial da frase, os autores constataam que, mesmo no que se refere a domínios paramétricos bastante simplificados, “there are certain grammars (different from the target grammar) for which there are no local triggers at all”<sup>85</sup>. Chegado a esta etapa, o algoritmo atinge o seu ‘máximo local’, *i. e.*, a fase em que, respeitando os requisitos essenciais de cobiça, não existem soluções que permitam uma análise conveniente do *input*. De acordo com os autores, este constitui um argumento a favor da hipótese de que alguns parâmetros da Gramática Universal assumem, na verdade, um valor predeterminado, encontrando-se a ordem de acesso aos seus valores igualmente predefinida. Concretamente, os autores sugerem que os parâmetros relacionados com o movimento de constituintes na frase recebem, *a priori*, um valor negativo na Gramática Universal, podendo, esse valor, ser alterado apenas numa fase mais tardia do processo de aquisição – presumivelmente, apenas quando os parâmetros relativos à ordem subjacente de constituintes estiverem já fixados.

Segundo Gibson & Wexler, o procedimento algorítmico proposto caracteriza-se, enfim, por respeitar os critérios de viabilidade exigidos a um modelo de aprendizagem de língua (Chomsky 1965), na medida em que se baseia apenas em dados de natureza

---

<sup>83</sup> Gibson & Wexler 1994: 410

<sup>84</sup> Neste sentido, os parâmetros que determinam relações de subconjunto entre subsistemas gramaticais constituem, em certa medida, uma excepção, já que “all data that are acceptable in the subset parameter setting are also acceptable in the superset parameter setting” (Gibson & Wexler, 1994: 409).

<sup>85</sup> Gibson & Wexler 1994: 413-414

positiva, e não requer da criança capacidades extraordinárias de processamento ou a memória de configurações paramétricas não finais.

### 3.2.2 Fodor (1998a)

O modelo de aprendizagem proposto por Fodor (1998a) enquadra-se na sequência da análise de alguns dos traços fundamentais que definem o algoritmo apresentado por Gibson & Wexler (1994). De acordo com Fodor, este assume as características tipicamente imputáveis a um sistema de análise ‘em série’ do *input* linguístico, *i. e.*, “a [...] system that makes mistakes and relies on being able to correct them later”<sup>86</sup>. Particularmente, caracteriza-se por não permitir verificar “all possible combinations of parameter values [...] simultaneously”<sup>87</sup>, o que, segundo a autora, multiplica, de forma exponencial, os passos a tomar no sentido da convergência numa gramática final. Nos termos de Fodor, trata-se, fundamentalmente, de um dispositivo de cálculo probabilístico “that establishes parameter values in large part by random guesswork, on the basis of unreliable information including parametrically ambiguous inputs”<sup>88</sup>.

A hipótese, empiricamente motivada, de que o processo de aquisição da linguagem ocorre de forma determinística leva, no entanto, Fodor a assumir que a fixação dos parâmetros da Gramática Universal se baseia apenas em dados de natureza não ambígua. A ordem linear dos constituintes da frase não pode, nesse sentido, ser interpretada como relevante, uma vez que, segundo a autora, apenas o acesso à descrição estrutural plena das frases permite desambiguar o *input* linguístico inicial. A título de exemplo, uma frase exibindo a ordem de constituintes tida como padrão numa língua SVO – *i. e.*, a ordem Sujeito-Verbo-Objecto, não pode, segundo a autora, ser reconhecida como determinante para a fixação correcta do parâmetro Verbo-Objecto a menos que, ao nível da estrutura-S, os constituintes Verbo e Objecto possam ser interpretados como integrando uma estrutura idêntica a (8), ou seja, uma estrutura em que constituam nós irmãos e em que o Objecto se encontre antecedido pelo Verbo (ou pelo seu vestígio):

---

<sup>86</sup> Fodor 1998a: 3

<sup>87</sup> Fodor 1998a: 12

<sup>88</sup> Fodor 1998a: 5

(8) ...[v'' V(ou v<sub>v</sub>) [N'' ...]]

Nesta perspectiva, assume-se, portanto, que os estímulos tidos como relevantes para efeitos de ligação paramétrica se encontram associados à sua própria subestrutura sintáctica. De acordo com Fodor, este constitui um argumento para rejeitar a classificação dos estímulos nos termos das categorias propostas em Gibson & Wexler (1994). Concretamente, a ligação de uma determinada opção paramétrica não pode, segundo a autora, depender dos valores assumidos para os restantes parâmetros da Gramática Universal. Esta constitui, segundo Fodor, “the [most] remarkable consequence of this shift to triggers as fragments of trees”<sup>89</sup> *i. e.*, a assunção de que “each parameter value now has a global trigger, that is, a trigger that occurs in every language that has that parameter value”<sup>90</sup>. Dada a sua natureza simples e global, os estímulos para a aquisição da linguagem podem, nessa medida, ser interpretados como fazendo parte da própria Gramática Universal. Nos termos da autora, “[t]riggers, then, are small structural templates that are innate, are stored by the language faculty, and constitute the parametric options offered by UG for languages to make use of if they choose to”<sup>91</sup>. Cada uma destas subestruturas inatas corresponde, portanto, não só ao valor de uma determinada opção paramétrica, mas também ao estímulo a ele associado: funcionando como estímulo, a sua ocorrência numa frase do *input* linguístico inicial determina a sua adopção enquanto valor de uma opção paramétrica; enquanto valor de uma opção paramétrica, cumpre, essencialmente, a tarefa associada ao licenciamento de outras frases do *input*.

De acordo com esta perspectiva, a gramática de uma língua em particular constitui, portanto, a soma “of (a) all UG principles; (b) a language-specific lexicon [...] (c) universal structural resources [...] such as the X-bar schemata; and (d) a set of parameter values/structural triggers drawn from the larger set made available by UG”<sup>92</sup>. Em termos do modelo de aprendizagem proposto, uma frase do *input* linguístico inicial só pode ser processada na medida em que as subestruturas presentes em d) permitam identificar a sua estrutura sintáctica. Caso tal não se verifique, a única hipótese disponível consiste em recorrer às restantes subestruturas disponibilizadas pela Gramática Universal: se a rotina de processamento permitir uma única análise da frase

---

<sup>89</sup> Fodor 1998a: 17

<sup>90</sup> Fodor 1998a: 17

<sup>91</sup> Fodor 1998a: 19

<sup>92</sup> Fodor 1998a: 20

em questão, esta deve ser interpretada como não ambígua para efeitos de ligação paramétrica. A adopção do conjunto de subestruturas sintácticas nela envolvidas deve, conseqüentemente, ser reconhecida como necessária para a convergência numa gramática final. Se, pelo contrário, a rotina de processamento permitir mais do que uma análise para a frase em questão, esta deve ser interpretada como ambígua para efeitos de ligação paramétrica. Nesse sentido, nenhuma das subestruturas sintácticas nela envolvidas deve ser considerada relevante<sup>93</sup>. A frase pode, nesse caso, ser processada ou compreendida para efeitos conversacionais, não devendo, porém, determinar qualquer tipo de alteração ao nível do sistema gramatical.

De acordo com Fodor, o modelo de aprendizagem proposto caracteriza-se, fundamentalmente, por permitir que as diferentes configurações disponibilizadas pela Gramática Universal possam ser verificadas de forma essencialmente simultânea. Dado, porém, que as subestruturas sintácticas a que correspondem os estímulos para a aquisição de uma língua constituem, simultaneamente, “ingredients of grammars and ingredients of sentence trees”<sup>94</sup>, a análise das várias alternativas gramaticais possíveis não implica, o recurso a capacidades extraordinárias de processamento. Idealmente, as crianças processam cada frase do *input* linguístico apenas uma vez, “and [...] know exactly what structure/structures it has, and which structural triggers/parameter values are contained in each”<sup>95</sup>.

Uma das vantagens deste modelo de aprendizagem prende-se, nesse sentido, com o facto de não pressupor que as crianças recorram a processos psicológicos diferentes dos que são utilizados pelos adultos. Concretamente, as estruturas dos estímulos utilizadas durante o processo de aquisição são exactamente as mesmas que os adultos usam para computar o *input*.

Paralelamente, ao levantar a hipótese de que os estímulos são dotados de estrutura sintáctica (não constituindo apenas padrões de ordenamento de constituintes), o modelo de Fodor caracteriza-se por permitir dar conta de forma mais elegante do modo como se processa a aquisição da linguagem “in the absence of a rich, non-deficient input”<sup>96</sup>.

---

<sup>93</sup> Em última instância, “the input may have been ungrammatical; or the learner’s lexicon may lack an appropriate entry for one or more of the words; or the processing load may have exceeded the parser’s capacity” (Fodor 1998a: 21).

<sup>94</sup> Fodor 1998a: 20

<sup>95</sup> Fodor 1998a: 20

<sup>96</sup> Avram 2002a: 28

### 3.2.3 *Lightfoot (1999)*

O modelo de aprendizagem proposto por Lightfoot (1999) adota, como ponto de partida, a hipótese presente em Lightfoot (1991) de que as propriedades tidas como relevantes para a fixação dos parâmetros da Gramática Universal integram apenas domínios estruturalmente simples em orações matriz. Particularmente, o autor assume que a ligação das diferentes opções paramétricas se processa “on the basis of data from the matrix clauses plus the so-called ‘connection points’ (i.e. elements which play a part in selectional restrictions, in subcategorisation frames or in linking time reference) with embedded clauses”<sup>97</sup>. No âmbito desta hipótese, são de considerar as línguas de origem germânica. Tal como salienta Lightfoot, algumas destas línguas exibem uma discrepância “in predominant word order between clause types: embedded clauses have a fairly consistent subject-object-verb order, whereas main declarative clauses have the verb in second position, preceded by a subject or any other constituent”<sup>98</sup>. A assunção de que, nas orações subordinadas, o verbo principal ocupa sempre a sua posição de base pode, nesse sentido, ser interpretada como um argumento para considerar que a aquisição de algumas propriedades fundamentais destas línguas não depende, exclusivamente, do acesso às orações matriz. Para uma língua como o Holandês, por exemplo, “data from embedded clauses show that verbs occur not only in second position in matrix clauses but also at the end of a clause”<sup>99</sup>, o que pode ser tido como um indício de que, ao nível da Estrutura-P, o Objecto antecede o Verbo. De acordo com Lightfoot, porém, “simple data from matrix domains suffice to trigger [the] underlying object-verb order”<sup>100</sup>. Concretamente, o autor argumenta que, quando expostas frases como em (9)

- (9) In Utrecht vonden de mensen het idee gek.  
Em Utreque acharam pessoas a ideia maluca

as crianças reconhecem que o verbo não ocupa a sua posição de base, uma vez que não se encontra em adjacência ao objecto que subcategoriza. A informação relevante para a fixação do parâmetro Verbo-Objecto encontra-se presente noutro tipo de frases, que,

---

<sup>97</sup> Avram 2002a: 24

<sup>98</sup> Lightfoot 1991: 44

<sup>99</sup> Lightfoot 1991: 51

<sup>100</sup> Lightfoot 1991: 51

segundo o autor, contêm “unembedded ‘signposts’ indicating the movement site of the verb”<sup>101</sup>. No Holandês, por exemplo, os verbos finitos caracterizam-se por poderem ocorrer dissociados de algumas partículas com que formam colocações verbais:

- (10) Jan belt de hoogleraar op.  
Jan chama o professor PART
- (11) Jan de hoogleraar opbellen moet.  
Jan o professor PART + chamar deve.

Quando em isolamento, estas partículas podem, portanto, ser tidas como indicadoras da posição subjacente do verbo. Segundo o autor, outros elementos ocupando a posição de especificador verbal, permitem, igualmente, reconhecer a periferia esquerda do sintagma verbal:

- (12) Jan belt de hoogleraar niet op.  
(O) Jan chama o professor NEG. PART.
- (13) Jan belt de hoogleraar soms/morgen/vaux op.  
(O) Jan chama o professor ocasionalmente/amanha/frequentemente PART.

De acordo com Lightfoot, existem, portanto, ‘indícios’ presentes no domínio das orações matriz que permitem às crianças reconhecer a posição do verbo em Estrutura-D e, conseqüentemente, a ordem subjacente dos constituintes Verbo e Objecto. Lightfoot (1999) define estes indícios como constituindo “some kind of structure, an element of grammar, which is derived from the input”<sup>102</sup>. No caso concreto sob discussão, o indício tido como relevante corresponde à subestrutura em que o verbo (ou o seu vestígio) é antecedido pelo respectivo objecto directo:

- (14) ...[V<sub>v</sub>] [N<sub>v</sub> ...] V(ou v<sub>v</sub>)

Em termos do modelo de aprendizagem proposto, são subestruturas como (14) que permitem às crianças inferir sobre as propriedades que caracterizam a língua alvo. Concretamente, considera-se que as crianças procuram, nas representações que resultam

---

<sup>101</sup> Lightfoot 1991: 53

<sup>102</sup> Lightfoot 1999: 149

do processamento que fazem das frases do *input*, indícios que lhes permitam assumir determinadas configurações paramétricas. De acordo com Lightfoot, porém, “[l]earners do not try to match the input; rather, they seek certain abstract structures derived from the input [...] and act on this without regard to the final result”<sup>103</sup>. Nesta perspectiva, o sistema final de conhecimentos adquirido por uma criança “is entirely a by-product of the cues that the child finds”<sup>104</sup>, pelo que o maior ou menor grau de aproximação à língua alvo depende especificamente da robustez com que os indícios surgem no *input* linguístico inicial.

#### 4 A interface sintático-morfológica

No âmbito dos diferentes modelos generativos de análise linguística, a articulação entre as componentes sintática e morfológica da gramática tem sido alvo de um longo debate. Em termos da organização da gramática, um dos principais focos de tensão prende-se com a questão de saber “whether the syntax is projected from the morphology [...], or whether the syntax must be known prior to determining what the morphology will look like”<sup>105</sup>. Relativamente a esta questão, é possível identificar dois tipos de análises. Nos termos da Hipótese Lexicalista Forte (Halle 1973), “[n]o syntactic rule can refer to elements of morphological structure”<sup>106</sup>. Considerando que as palavras entram na derivação frásica já completamente flexionadas, assume-se que são as propriedades individuais dos morfemas, tal como identificadas pelas suas matrizes fonológicas, que determinam “the syntactic behaviour of the words in which they appear”<sup>107 108</sup>. Pelo contrário, nos termos das hipóteses ‘não-lexicalistas’, “morphology does not cause, drive, or project syntactic structure; rather, [...] morphology is a reflection – sometimes imperfect, but nevertheless principled – of prior syntactic structure”<sup>109 110</sup>. Consequentemente, as operações relativas à componente sintática da gramática são tidas como relativamente autónomas das da componente morfológica.

---

<sup>103</sup> Lightfoot 1999: 149

<sup>104</sup> Lightfoot 1999: 149

<sup>105</sup> Bobaljik 2002: 5

<sup>106</sup> Lapointe 1980: 8

<sup>107</sup> Bobaljik 2002: 3

<sup>108</sup> De acordo com a Hipótese Lexicalista Fraca (Anderson 1982), porém, “derivational and inflectional morphology are handled by different sets of rules” (Scalise & Guevara 2005: 10) – lexicais, no primeiro caso, e sintáticas, no segundo.

<sup>109</sup> Bobaljik 2002: 5

<sup>110</sup> No âmbito do modelo teórico da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz 1993), por exemplo, e contrariamente ao proposto em outros modelos não-lexicalistas (Baker 1985, Hale & Keyser 1993), a



A observação da existência de uma relação entre os paradigmas flexionais verbais das línguas SVO e a posição sintáctica reservada aos verbos finitos tem vindo a desempenhar um papel terminante no entendimento da interface sintáctico-morfológica. Particularmente, a hipótese de que as ordens de palavras analisáveis em termos de movimento do verbo se relacionam directamente com a presença de um determinado tipo de morfologia verbal – caracterizada, informalmente, como ‘rica’, permite colocar a questão de saber se a afixação verbal e o tipo de morfologia encontrado constituem uma consequência de operações sintácticas de movimento (tal como previsto pelas hipóteses não-lexicalistas) ou se, pelo contrário, são o que desencadeia o movimento na sintaxe (tal como previsto pelas hipóteses lexicalistas).

#### *4.1 Teorias de movimento do verbo*

##### *4.1.1 Movimento do verbo em correlação com riqueza morfológica*

No que respeita às línguas SVO<sup>111</sup>, é usual considerar-se que estas se dividem em dois grupos, consoante o verbo<sup>112</sup> se posicione à esquerda ou à direita de um advérbio<sup>113</sup> ocorrendo em posição intermédia, entre o sujeito e os complementos verbais. Assim, em línguas como o Francês e o Islandês, verifica-se que o verbo precede obrigatoriamente o advérbio:

- (15) a. Fr. Que Jean mange<sub>V</sub> souvent<sub>ADV</sub> des tomates (surprend tout le monde).  
 b. Fr. \*Que Jean souvent<sub>ADV</sub> mange<sub>V</sub> des tomates (surprend tout le monde).  
 c. Is. Að Jón borðar<sub>V</sub> oft<sub>ADV</sub> tómata (kemur flestum á óvart).  
 d. Is. \*Að Jón oft<sub>ADV</sub> borðar<sub>V</sub> tómata (kemur flestum á óvart).<sup>114</sup>

---

sintaxe limita-se a concatenar morfemas abstractos, cuja realização fonológica é ‘atribuída’ a um nível pós-sintáctico.

<sup>111</sup> As línguas OV são, normalmente, excluídas da análise da correlação entre movimento do verbo e o factor de riqueza morfológica de uma língua, “as it is very difficult or even impossible to determine whether these languages have V<sup>o</sup>-to-I<sup>o</sup> movement or not” (Vikner 1997: 191).

<sup>112</sup> No âmbito da correlação entre movimento do verbo e a natureza dos paradigmas flexionais verbais, são, usualmente, considerados apenas verbos finitos.

<sup>113</sup> Na sequência de Pollock (1989), é usual considerar-se que os ‘quantificadores flutuantes’ constituem, igualmente, diagnósticos válidos da posição sintáctica do verbo.

<sup>114</sup> No domínio das línguas escandinavas, a análise da correlação entre movimento do verbo e o factor de riqueza morfológica de uma língua baseia-se, exclusivamente, em contrastes de gramaticalidade observados ao nível de frases subordinadas – “to control for the verb second effect in root clauses”

Já em línguas como o Inglês ou o Dinamarquês, é o advérbio que precede o verbo:

- (16) a. In. That John often<sub>ADV</sub> eats<sub>V</sub> tomatoes (surprises most people).  
 b. In. \*That John eats<sub>V</sub> often<sub>ADV</sub> tomatoes (surprises most people).  
 c. Di. At Johan ofte<sub>ADV</sub> spiser<sub>V</sub> tomater (overrasker de fleste).  
 d. Di. \*At Johan spiser<sub>V</sub> ofte<sub>ADV</sub> tamater (overrasker de fleste).<sup>115</sup>

[Alexiadou & Fanselow 2000: 1-2]

Assumindo que, nas línguas em questão, a posição estrutural do advérbio é a mesma, vários autores têm sugerido que a diferença verificada ao nível da ordem de palavras se deve à existência ou não de movimento do verbo para uma posição do sistema flexional:

- (17) [Flex' [Flex' [Flex V<sub>i</sub> [Flex Flex ] ] [V' [Adv' [V' [V' V<sub>i</sub> ]]]]]]

Outra das diferenças entre os dois grupos de línguas em questão diz respeito aos paradigmas de flexão verbal, marcados em função de um grande número de distinções de pessoa e de número apenas nas línguas em que se verifica a existência de movimento do verbo:

- (18)

	In(glês)	Di(namarquês)	Is(landês)	Fr(ancês)
Infinitivo	hear	høre	heyra	écouter

(Bobaljik 2002: 2). O Islandês caracteriza-se por exibir este efeito independentemente do nível de subordinação frásica, exceptuando-se apenas as orações subordinadas interrogativas indirectas:

- i. af hverjiu [Helgi hefði<sub>V</sub> oft<sub>ADV</sub> lesið þessa bók].  
 Why H. had often read this book  
 ii. \*af hverjiu [Helgi oft<sub>ADV</sub> hefði<sub>V</sub> lesið þessa bók].  
 Why H. often had read this book  
 'I asked why Helgi had often read this book.'

[Vikner 1995a: 139]

De acordo com Magnússon (1990) e Vikner (1995a), frases como (i.) constituem, assim, um diagnóstico válido do movimento do verbo no Islandês.

<sup>115</sup> Os contrastes presentes em (15) e (16) entre o Francês e o Inglês, e o Islandês e o Dinamarquês, são, pela primeira vez, analisados como resultado do movimento sintáctico do verbo por Emonds (1978) e Travis (1984), respectivamente.

Imperativo				
singular	hear	hør	heyr	écoute
plural	hear	hør	heyrið	écoutez
Particípios				
presente	hearing	hørende	heyrandi	écoutant
passado	heard	hørt	heyrt	écouté
Presente				
1 <sup>a</sup> p. sing.	I hear	jeg hører	eg heyr	j' écoute
2 <sup>a</sup> p. sing.	you hear	du hører	pú heyrir	tu écoutes
3 <sup>a</sup> p. sing.	he hears	han hører	hann heyrir	il écoute
1 <sup>a</sup> p. plur.	we hear	vi hører	við heyrum	nous écoutons
2 <sup>a</sup> p. plur.	you hear	i hører	pið heyrið	vous écoutez
3 <sup>a</sup> p. plur.	they hear	de hører	peir heyra	ils écoutent
Formas	2	1	5	3

[Vikner 1997: 191]

A observação de dados como os de (18) levou, no final dos anos 80, à formulação da denominada ‘H(ipótese de) C(oncordância) R(ica)’, nos termos da qual se assume não só que a natureza do paradigma flexional verbal de uma língua se correlaciona com a existência de movimento visível V-para-Flex<sup>116</sup>, mas também que, de um ponto de vista diacrónico, a perda de movimento do verbo constitui “an immediate consequence of the loss of agreement”<sup>117 118</sup>. Kosmeijer (1986) foi um dos primeiros autores a estabelecer uma tal correlação, considerando que, no que respeita à posição sintáctica do verbo finito, os contrastes de ordem de palavras entre o Islandês e o Sueco – que não exhibe movimento do verbo, e cujo paradigma flexional verbal se caracteriza, tal como o Dinamarquês, por não exibir marcas morfológicas de pessoa ou de número, se encontram relacionadas com o factor de ‘riqueza’ morfológica de uma

<sup>116</sup> Segundo a interpretação forte da HCR, o factor de riqueza morfológica de uma língua constitui a única motivação para o movimento sintáctico do verbo.

<sup>117</sup> Platzack 1988: 216.

<sup>118</sup> Platzack (1988), por exemplo, argumenta que, relativamente ao Sueco, a perda, no século XVI (Platzack 1998: 232), das marcas flexionais do paradigma verbal, permite dar conta dos contrastes relevantes de ordem de palavras entre as variedades do Sueco Antigo (i.) e Moderno (ii.):

i. ...	at	Gudz	ord	kan <sub>v</sub>	ey <sub>ADV</sub>	vara	j	honom.
	that	God's	word	can	not	be		in him
ii. ...	att	Guds	ord	inte <sub>ADV</sub>	kan <sub>v</sub>	vara	i	honom.
	that	God's	word	not	can	be		in him

[Platzack 1988: 222]

língua, *i. e.*, “the presence of a substantial number of distinctions on the finite verb with respect to person and number”<sup>119</sup>. Uma hipótese semelhante é avançada, para o domínio das línguas escandinavas, por Platzack (1988) e Holmberg (1988), “who both suggest the presence versus absence of subject agreement as the morphological characteristic with which to correlate the syntactic variation”<sup>120</sup>. Ainda que ambas as hipóteses se caracterizem por predizer, correctamente, os contrastes de ordem de palavras relevantes verificados ao nível das línguas escandinavas, quando em confronto com os dados relativos aos paradigmas flexionais verbais do Inglês e do Francês, ambas se manifestam, claramente, insuficientes. Assim, apesar de não exibir movimento visível do verbo, o Inglês dispõe de uma marca distinta da 3ª pessoa do singular. Paralelamente, a ideia de que o número de distinções de pessoa presentes no paradigma flexional verbal de uma língua permite determinar o movimento V-para-Flex não permite, por exemplo, acomodar dados como os do Faroês (cf. (19)), que apresenta o mesmo número de distinções que o Francês<sup>121</sup>, não evidenciando, porém, a existência de movimento do verbo (cf. (20)):

(19)

	Fa(roês)
Infinitivo	hoyra
Imperativo	
singular	hojr
plural	hojr(ið)
Particípios	
presente	hojrandi
passado	hojrt
Presente	
1ª p. sing.	eg hoyri
2ª p. sing.	tú hoyrir
3ª p. sing.	hann hoyrir
1ª p. plur.	vit hoyra

<sup>119</sup> Vikner 1997: 192

<sup>120</sup> Bobaljik 2000: 6

<sup>121</sup> De acordo com Roberts (1993: 335), porém, o Francês apresenta, subjacentemente, formas distintas no singular.

2 <sup>a</sup> p. plur.	tit hoyra
3 <sup>a</sup> p. plur.	tey hoyra
Formas	3

[Vikner 1997: 191]<sup>122</sup>

- (20) a. Fa. At Jón ofta<sub>ADV</sub> etur<sub>V</sub> tomatir (kemur óvart á tey flestu).  
 b. Fa. \*At Jón etur<sub>V</sub> ofta<sub>ADV</sub> tomatir (kemur óvart á tey flestu).

[Alexiadou & Fanselow 2000: 1-2]

Uma alternativa às hipóteses de Kosmeijer (1986), Platzack (1988) e Holmberg (1988) é formulada por Platzack & Holmberg (1989), que sugerem que o movimento V-para-Flex é motivado “by the existence of distinctions between different persons”<sup>123</sup>. Esta hipótese tinha como objectivo dar conta dos dados referentes aos paradigmas flexionais verbais de duas variedades escandinavas não-*standard* – a variedade sueca Älvdalsmålet, e a variedade norueguesa Hallingmålet, ambas exibindo um maior número de distinções morfológicas do que as variedades *standard* correspondentes, e menor do que o Islandês. Assim, os autores assumem que, enquanto o paradigma flexional verbal da variedade Älvdalsmålet – marcado para distinções de número e pessoa (cf. (21)), legitima o movimento do verbo (cf. (22)), o paradigma da variedade Hallingmålet – marcado apenas para distinções de número (cf. (21)), não (cf. (23)):

(21)

	Äl(vdalsmålet)	Ha(llingmålet)
Infinitivo	höra	høyræ
Imperativo		
singular	höre	høyr
plural	hörir	høyr
Particípios		
presente	hörend	høyran
passado	hört	høyrt

<sup>122</sup> Tal como observa Bobaljik (2000, 2002), o movimento do verbo no Faroês encontra-se sujeito a variação intra e inter-individual (cf. 4.1.2: 45). Paralelamente, a segmentação das marcas morfológicas do paradigma verbal faroês não se manifesta consensual (cf. <sup>137</sup>: 42).

<sup>123</sup> Vikner 1997: 118

Presente		
1 <sup>a</sup> p. sing.	ig hörer	e høyre
2 <sup>a</sup> p. sing.	du hörer	du høyre
3 <sup>a</sup> p. sing.	an hörer	hann høyre
1 <sup>a</sup> p. plur.	uir hörum	me høyræ
2 <sup>a</sup> p. plur.	ir hörir	de høyræ
3 <sup>a</sup> p. plur.	dier höra	dæi høyræ
Formas	4	2

[Vikner 1997: 193]

(22) Äl. ... [...] at ig wild int fy om  
 [...] that I wanted not follow him

[Levander 1909: 123]<sup>124</sup>

(23) a. Ha. \*... at me kjøpæ<sub>V</sub> ikkje<sub>ADV</sub> bokje.  
 that we buy not the.book  
 b. Ha. ... at me ikkje<sub>ADV</sub> kjøpæ<sub>ADV</sub> bokje.  
 that we not buy the.book

[Trosterud 1989: 91]

Em confronto com os dados presentes em (18), a hipótese de Platzack & Holmberg (1989) não permite, porém, predizer, correctamente, a ausência de movimento V-para-Flex no Inglês, que dispõe de uma marca distinta de 3<sup>a</sup> pessoa do singular. Consequentemente, Roberts (1993: 267) propõe que a existência de distinções de pessoa seja determinante apenas no que respeita ao plural dos paradigmas flexionais verbais. De um ponto de vista teórico, a sua hipótese manifesta-se, porém, imotivada, uma vez que se as distinções de pessoa fossem relevantes apenas no singular “we would expect Faroese but not French to have V<sup>o</sup>-to-I<sup>o</sup> movement, exactly contrary to the fact”<sup>125</sup>. Assim, Roberts (1993: 272) sugere que a propriedade crucial que determina o movimento sintáctico do verbo se prende com o carácter mais ou menos distintivo da morfologia flexional verbal de número. Concretamente, o autor assume que, para uma determinada língua, o movimento V-para-Flex é legitimado apenas se essa língua

<sup>124</sup> A hipótese de (22) constituir uma frase subordinada exibindo V2 não se encontra, todavia, controlada.

<sup>125</sup> Vikner 1997: 194

apresentar marcas distintivas de singular e plural ao nível do seu paradigma flexional verbal. A hipótese em questão faz as predições correctas para ambas as variedades Älvdalsmålet e Hallingmålet: enquanto a primeira exhibe marcas distintas de plural (-*um* e -*ir*) e ainda uma marca distinta de singular (-*er*), a segunda exhibe apenas uma marca distinta de singular (-*e*) e nenhuma marca distinta de plural. Paralelamente, permite acomodar os dados referentes aos paradigmas flexionais verbais em (18): assim, o Inglês não exhibe marcas distintivas de número, uma vez que as formas usadas para a primeira, segunda e terceira pessoa do plural são equivalentes não só à forma de infinitivo mas também às formas de primeira e segunda pessoa do singular; o Dinamarquês apresenta a mesma forma (*hører*<sup>126</sup>) tanto para o singular como para o plural; o paradigma flexional verbal do Islandês apresenta cinco formas distintas; para o Francês, Roberts (1993: 335) assume que “distinct endings are present in underlying forms in the singular French”<sup>127</sup>, caso contrário não poderia legitimar o facto de o Francês exhibir movimento sintáctico do verbo; finalmente, no que respeita ao Faroês, e no paradigma levado em conta pelo autor, as formas de primeira, segunda e terceira pessoa do plural manifestam-se equivalentes à forma de infinitivo<sup>128</sup>:

(24)

	Fa(roês)
Infinitivo	kasta
Presente	
1 <sup>a</sup> p. sing.	eg kasti
2 <sup>a</sup> p. sing.	tú kastar
3 <sup>a</sup> p. sing.	hann kastar
1 <sup>a</sup> p. plur.	vit kasta
2 <sup>a</sup> p. plur.	tit kasta
3 <sup>a</sup> p. plur.	tey kasta
Formas	3

[Lockwood 1964: 76]

<sup>126</sup> Considerando que *hører* se distingue tanto da forma de infinitivo – *høre*, como da forma de imperativo – *hør*, o morfema -*er* pode ser interpretado como uma marca distinta de tempo.

<sup>127</sup> Vikner 1997: 194

<sup>128</sup> Roberts (1993) assume, consequentemente, que o Faroês não exhibe marcas distintivas de plural (Vikner 1997: 194).

Considerando, todavia, que, no Faroês, a forma *hoyra* – pertencente a uma conjugação distinta de *kasta*, não corresponde, efectivamente, ao radical do verbo, Rohrbacher (1994) assume que a hipótese de Roberts (1993) não permite dar conta da ausência de movimento V-para-Flex no Faroês. Numa das mais compreensivas análises da correlação entre riqueza flexional verbal e movimento V-para-Flex, Rohrbacher (1994) propõe a seguinte generalização descritiva, válida para as línguas SVO:

*The Paradigm Verb Raising Correlate*

A language has V<sup>o</sup>-to-I<sup>o</sup> movement if and only if in at least one number of one tense of the regular verbs, the person features [1<sup>st</sup>] and [2<sup>nd</sup>] are both distinctively marked.

[Rohrbacher 1994: 108]

Concretamente, o autor assume que, no âmbito dos subparadigmas relevantes, as formas de primeira e segunda pessoa devem não só ser distintas uma da outra, mas também da forma de terceira pessoa e da forma de infinitivo<sup>129</sup>. Nos termos de Rohrbacher (1999):

A primitive feature such as (1<sup>st</sup>) or (2<sup>nd</sup>) is distinctively marked if and only if the forms bearing this feature are distinct from the forms lacking this feature. Accordingly, a language has V to I raising<sup>[130]</sup> if its regular verbs distinguish the forms for the first and second person in at least one number of one tense from each other, as well as from the forms for ‘third’ person in that tense/number combination and from the form for the infinitive.

[Rohrbacher 1999: 116-117]<sup>131</sup>

Em confronto com os dados presentes em (18), (19) e (21), a hipótese do autor prediz correctamente os contrastes de ordem de palavras relevantes: no que respeita ao Faroês,

---

<sup>129</sup> Nestas condições, os morfemas flexionais verbais são tidos como ‘referenciais’, encontrando-se listados no Léxico, e ocupando posições nucleares de Flex’’, em estrutura-D. Dada a necessidade de se afixarem a um hospedeiro verbal (Lasnik 1981), espoletam, sintacticamente, V-para-Flex. Em línguas em que os traços de primeira e segunda pessoa não se encontram marcados distintivamente, não é possível determinar, de forma não ambígua, o valor referencial do sujeito. Os morfemas flexionais verbais não se encontram listados no Léxico e resultam afixados nos verbos por via de regras de natureza fonológica – não permitem, como tal, espoletar o movimento sintáctico V-para-Flex.

<sup>130</sup> O movimento V-para-Flex é, aqui, entendido como o movimento para a projecção funcional mais elevada de Flex’’.

<sup>131</sup> Uma hipótese semelhante é formulada por Koenen (2000), que propõe que os morfemas flexionais verbais de uma língua se encontram listados lexicalmente (espoletando, por conseguinte, movimento do verbo) se os traços de singular e de primeira e segunda pessoa forem marcados distintivamente num determinado paradigma. Contrariamente a Rohrbacher, o autor não reconhece, porém, a existência de uma relação biunívoca entre movimento V-para-Flex e o factor de riqueza morfológica de uma língua.



verifica-se, por um lado, que as formas de plural são idênticas para as três pessoas e, por outro, que a segunda pessoa do singular é indistinta da terceira; no Inglês, no Dinamarquês e na variedade Hallingmålet, as formas de primeira e segunda pessoa do singular e do plural são indistintas; no Francês<sup>132</sup>, no Islandês, e na variedade Älvdalsmålet, as formas de primeira e segunda pessoa do plural são distintas uma da outra, da forma de terceira pessoa do plural e da forma infinitiva. Todavia, de um ponto de vista conceptual, são vários os problemas com que se depara a hipótese de Rohrbacher (Vikner 1997: 195-196). Assim, a escolha dos traços categoriais de primeira e segunda pessoa é legitimada por razões (quase) exclusivamente empíricas<sup>133</sup> – de outra maneira, o autor não poderia acomodar os dados do Islandês, “where the relevant part of the paradigm is the plural of the present tense, and where 3rd person plural does not differ from the infinitive”<sup>134</sup>. Igualmente, não é clara a razão pela qual as formas de primeira e segunda pessoa de verbos regulares têm de ser distintas da forma infinitiva e não da forma singular de imperativo, uma vez que ambas surgem, presumivelmente, com a mesma frequência ao nível do discurso.

Tendo em conta os problemas acima referidos, Vikner (1997) propõe uma hipótese alternativa à de Rohrbacher (1994), tendo em consideração não apenas os paradigmas referentes ao presente mas também a outros tempos realizados sinteticamente<sup>135</sup>:

(25)

	Ing.	Din.	Hal.	Far.	Älv.	Is.	Fr.
Inf.	hear	Høre	Høyræ	hoyra	höra	heyra	écouter
Pass.							
1 <sup>a</sup> p. s.	hear-d	hør-te	høyr-dæ	hoyr-d-i	hör-d-e	heyrd-ð-i	écout-ais
2 <sup>a</sup> p.s.	hear-d	hør-te	høyr-dæ	hoyr-d-i	hör-d-e	heyrd-ð-ir	écout-ais

<sup>132</sup> No Francês, as formas de infinitivo dos verbos regulares distinguem-se das formas de segunda pessoa do plural, na segunda e terceira conjugações: *finir* vs. *finissez*; *vendre* vs. *vendez* (Vikner 1997: 209). Atendendo, todavia, à progressiva redução do subparadigma de plural – resultante da substituição gradual de *nous* por *on*, Rohrbacher (1994: 219-224) considera que os clíticos de sujeito constituem marcadores legítimos de concordância – uma posição contrária é assumida por de Cat (2005).

<sup>133</sup> De acordo com Benveniste (1971), porém, “[p]erson’ belongs only to *I/you*, and is lacking in *he*” (Benveniste 1971:17).

<sup>134</sup> Vikner 1997: 195

<sup>135</sup> Na sequência de Rohrbacher (1994: 108), o autor atenta apenas nos paradigmas de verbos ‘regulares’, “that is, those paradigms that new verbs follow” (Vikner 1997: 198). Igualmente, são considerados relevantes apenas os denominados “‘core’ tenses” (Vikner 1997: 201), *i. e.*, aqueles que uma criança adquiriu no momento em que a ordem de palavras é determinada (Vikner 1997: 202).

3 <sup>a</sup> p. s.	hear-d	hør-te	høyr-dæ	hoyr-d-i	hör-d-e	heyr-ð-i	écout-ait
1 <sup>a</sup> p. p.	hear-d	hør-te	høyr-dæ	hoyr-d-u	hör-d-um	heyr-ð-um	écout-i-ons
2 <sup>a</sup> p. p.	hear-d	hør-te	høyr-dæ	hoyr-d-u	hör-d-ir	heyr-ð-uð	écout-i-ez
3 <sup>a</sup> p. p.	hear-d	hør-te	høyr-dæ	hoyr-d-u	hör-d-e	heyr-ð-u	écout-aient
Form.	1	1	1	2	3	5	3

[Vikner 1997: 197]

Com base na análise de dados como os de (25), Vikner (1997: 198) assume que o movimento V-para-Flex é espoletado “by the occurrence of both tense morphology and agreement morphology on the same finite form”<sup>136</sup>. Assim, tanto no tempo presente como no passado, os verbos dinamarqueses apresentam apenas uma forma – *hører* e *hørte*, respectivamente, não exibindo, portanto, morfologia de concordância; nos paradigmas verbais do Inglês e da variedade Hallingmålet, as marcas flexionais de tempo e concordância encontram-se em distribuição complementar; o Francês, o Islandês e a variedade Älvdalsmålet exibem, pelo contrário, formas verbais em que co-ocorrem, claramente, marcas morfológicas de tempo e concordância (de pessoa e número) com o sujeito – *écout-i-ons*, *heyr-ð-um*, *hör-d-um*. Considerando, porém, que, no Faroês, as formas de passado exibem tanto marcas morfológicas de tempo como de concordância<sup>137</sup>, Vikner (1997: 200) assume que “[a]n SVO-language has V<sup>o</sup>-to-I<sup>o</sup> movement if and only if person morphology is found in all tenses”<sup>138 139</sup>. Ao considerar como determinante apenas a correlação entre morfologia de tempo e de pessoa, e não de tempo e concordância<sup>140</sup>, o autor acomoda o facto de, no Faroês, os verbos, no tempo passado, flexionarem apenas em número. De um ponto de vista conceptual, a sua hipótese é motivada pelo facto de que “[w]hereas number is an inflectional category in

<sup>136</sup> Vikner 1997: 198

<sup>137</sup> Relativamente a esta questão, Bobaljik (2002) argumenta, todavia, que, no Faroês, as formas verbais de passado não exibem morfemas independentes de tempo e concordância, mas sim um morfema marcado para tempo passado (*ði*) e outro simultaneamente para tempo passado e plural (*ðu*). Assumindo que esta constitui a segmentação correcta, as hipóteses de Vikner (1997) e de Bobaljik (2000, 2002) para a explicação da correlação entre movimento V-para-Flex e o factor de riqueza morfológica de uma língua fazem predições razoavelmente idênticas. De um ponto da concepção da organização das componentes gramaticais, as suas hipóteses diferem, todavia, radicalmente.

<sup>138</sup> Vikner 1997: 200

<sup>139</sup> Nos termos em questão, Vikner acomoda, igualmente, os dados do Lídiche, uma língua que exhibe movimento do verbo, mas em que o tempo não é marcado pela afixação de morfemas aos verbos finitos, mas sim pelo uso de auxiliares.

<sup>140</sup> A hipótese de as marcas flexionais de número não deverem ser consideradas representativas da riqueza do paradigma flexional verbal de uma língua encontra-se já presente em Platzack & Holmberg (1989).

both the verbal system (conjugation) and the nominal system (declination), tense and person are only inflectional categories in the verbal system”<sup>141</sup>.

#### 4.1.2 *Movimento do verbo em correlação com complexidade estrutural*

Assumindo um ponto de vista sincrónico, as propostas de Rohrbacher (1994, 1999) e de Vikner (1997) caracterizam-se, na sua generalidade, por obter os resultados desejados para as línguas SVO, sendo, por essa razão, usualmente consideradas como as instâncias mais produtivas da HCR. Ambas partem da assunção de que o movimento V-para-Flex e o factor de riqueza morfológica de uma língua se encontram correlacionados de forma biunívoca, ou seja, que apenas na presença de um determinado tipo de morfologia flexional verbal pode uma língua apresentar movimento sintáctico do verbo<sup>142</sup>.

Todavia, tal como refere Bobaljik (2000, 2002), a observação de contra-exemplos às propostas da HCR data dos trabalhos iniciais acerca da correlação entre movimento do verbo e riqueza flexional verbal. Assim:

a) Platzack & Holmberg (1989) notam que a variedade sueca de Kronoby (Finlândia) apresenta uma ordem de palavras indicativa da existência de movimento do verbo, apesar de, tal como no Sueco, o seu paradigma flexional verbal não exibir marcas de concordância com o sujeito:

- (26) He    va    bra    et    an    tsöfft<sub>V</sub> int<sub>ADV</sub> bootsen.  
It    was    good    that    he    bought not    the.book  
[Platzack & Holmberg 1989: 74]<sup>143</sup>

Igualmente, a variedade norueguesa de Tromsø caracteriza-se por apresentar V-para-Flex, apesar de não se verificar concordância entre o sujeito e o verbo:

- (27) Vi    va'    bare    tre    stökka før det    at    han Nilsen

---

<sup>141</sup> Vikner 1997: 199

<sup>142</sup> Igualmente, ambas se caracterizam por considerar os paradigmas flexionais como entidades reais de um ponto de vista psicológico, já que é da sua estrutura que dependem diferenças sintácticas fundamentais.

<sup>143</sup> Tal como observa Bobaljik (2000), “it has not been investigated whether this is verb movement to I or a case of embedded verb second” (Bobaljik 2000: 16).

We were only three pieces, because that he Nilsen  
 kom<sub>V</sub> ikkje<sub>ADV</sub>.  
 came not

[Iversen 1918: 83]

b) Considerando a evolução diacrónica do Dinamarquês, Vikner (1997) nota que “the inflectional system had already reached the required degree of simplification around 1350: the present tense only had number distinctions, and the past tense had neither number nor person distinctions”<sup>144</sup>. Independentemente, encontram-se atestadas, no século XVI, ambas as ordens indicativas da existência (cf. (29)) e inexistência (cf. (30)) de movimento do verbo<sup>145</sup>:

(28)

	Dinamarquês Antigo (+/- 1050)		Dinamarquês Médio (+/- 1350)	
Infinitivo	Døma		Dømæ	
Imperativo				
singular	døm		døm	
plural	dømið		dømær	
Particípios				
presente	dømandi		dømændæ	
passado	dømðr		dømdær	
	Presente	Passado	Presente	Passado
1 <sup>a</sup> p. sing.	jak dømi	dømða	iak dømær	dømdæ
2 <sup>a</sup> p. sing.	pu dømir	dømðir	pu dømær	dømdæ
3 <sup>a</sup> p. sing.	hann dømir	dømði	han dømær	dømdæ
1 <sup>a</sup> p. plur.	vit dømum	dømðum	wi dømæ	dømdæ
2 <sup>a</sup> p. plur.	it dømið	dømðuð	i dømæ	dømdæ
3 <sup>a</sup> p. plur.	per døma	dømðu	pe dømær	dømdæ
Formas	5	6	2	1

[Vikner 1997: 206]

<sup>144</sup> Vikner 1997: 206

<sup>145</sup> De um ponto de vista metodológico, é de notar, todavia, a possibilidade de os dados diacrónicos reflectirem apenas “conservative tendencies in written language rather than an actual discrepancy in the spoken language” Rohrbacher (1999:177).

- (29) Lader oß nu see om ui haffuerv nogen<sub>ADV</sub>  
 Let us now see if we have any  
 tid hörtt guds ord [...]
   
 time heard god's words

[1543, Peder Palladius: *En Visitatz Bog*, Jacobsen 1925: 45, 1.19]

- (30) Snæ kand knyge [...] der ind, som soelen  
 Snow can drift there in which sun-the  
 icke<sub>ADV</sub> kand<sub>V</sub> skinne ind  
 not can shine in

[1543, Peder Palladius: *En Visitatz Bog*, Jacobsen 1925: 28, 1.18]

c) Bobaljik (2000, 2002) observa que, no Faroês, o movimento do verbo se encontra sujeito a variação intra e inter-individual. Nos termos do autor, “there is Faroese-internal syntactic variation regarding verb movement to Infl in the absence of corresponding morphological variation in the paradigms of regular verbs”<sup>146</sup>:

- (31) a. Fa. Tey nýttu fieiri orð, sum hon hevði<sub>V</sub>  
 They used several words which he had  
 ikki<sub>ADV</sub> hoyrt fyrr.  
 not heard before  
 b. Fa. Tey nýttu fieiri orð, sum hon ikki<sub>ADV</sub>  
 They used several words which he not  
 hevði<sub>V</sub> hoyrt fyrr.  
 had heard before

[Barnes 1987: 4]

Assim, o autor assume que, para uma série de falantes, o movimento do verbo não é espoletado por um correlato morfológico apropriado<sup>147</sup>.

<sup>146</sup> Bobaljik 2000: 17

<sup>147</sup> Para Rohrbacher (1999), tal correlato é definido “[by] twenty or so verbs of modern Faroese which [...] have an additional suffix *-(r)t* for the [2sg]” (Bobaljik 2000: 18). Assim, o autor considera que as crianças adquirindo o Faroês, “build their primary [...] linguistic system on the basis of the regular and incomplete agreement paradigms” (Rohrbacher 1999: 143). Pelo contrário, as crianças deparando-se com paradigmas flexionais verbais irregulares, “build a secondary linguistic system” (Rohrbacher 1999: 144) que lhes permite aceitar instâncias de movimento do verbo.

d) Bobaljik (2000, 2002) nota que, no Islandês, os complementos infinitivos de verbos causativos (cf. (32)) se distinguem dos complementos infinitivos de verbos de marcação excepcional de caso (cf. (33)) e de elevação (cf. (34)), na medida em que apenas os primeiros se manifestam indicativos da existência de movimento do verbo<sup>148</sup>. Crucialmente, não se registam diferenças morfológicas entre as formas infinitivas em causa, o que significa que, no Islandês, é possível observar uma diferença sintáctica relacionada com o movimento do verbo que ocorre “in the absence of a corresponding morphological difference”<sup>149</sup>:

- (32) a. Is. María lofaði að lesav ekki<sub>ADV</sub> bókina.  
 Maria promised to read not the.book  
 b. Is. \*María lofaði að ekki<sub>ADV</sub> lesav bókina.  
 Maria promised to not read the.book  
 [Sigurðsson 1980: 50]

- (33) a. Is. \*Ég tel Jón hafa<sub>V</sub> ekki<sub>ADV</sub> lesið bókina.  
 I believe John have not read the.book  
 b. Is. Ég tel Jón ekki<sub>ADV</sub> hafa<sub>V</sub> lesið bókina  
 I believe John not have read the.book  
 [Holmberg 1986: 156]

- (34) a. Is. \*María virtist lesav ekki<sub>ADV</sub> bókina.  
 Maria seemed read not the.book  
 b. Is. María virtist ekki<sub>ADV</sub> lesav bókina.  
 Maria seemed not read the.book  
 [Holmberg 1986: 156]

Considerando que os contra-exemplos observados se apresentam, sempre, sob a forma de uma variedade que manifesta movimento V-para-Flex, apesar de exibir um

<sup>148</sup> Um dado relevante acerca do tipo de construções em questão é o de que, presumivelmente, envolvem diferentes graus de complexidade estrutural. Assim “[s]ome infinitival complements [... are] bare VPs, others IPs and still others full clauses” (Bobaljik 2000: 21).

<sup>149</sup> Bobaljik 2000: 21

paradigma flexional verbal “[which] counts as poor in some metric”<sup>150</sup>, Bobaljik & Thraísson (1998) exploram a hipótese de o movimento do verbo não estar directamente relacionado com a riqueza morfológica de uma língua mas sim com o número de projecções funcionais que integram o seu sistema flexional. A sua hipótese tem por base a proposta avançada por Bobaljik (1995) e Thraísson (1996), segundo a qual as línguas variam em função do facto de possuírem um sistema flexional cindido (pós-Pollockiano), integrando sintagmas de tempo e concordância distintos, como em (35), ou um sistema flexional não-cindido (pré-Pollockiano), como em (36):

(35) [Conc’’ [Conc’ Conc [T’’ [T’ T [VP ]]]]]

(36) [Flex’’ [Flex’ Flex [VP ]]]

De um ponto de vista sintáctico, as consequências desta proposta são óbvias: as posições de núcleo e de especificador numa estrutura como a de (35) são em maior número do que numa estrutura como a de (36), o que pressupõe que um maior número de argumentos possa figurar em (35) do que em (36). De acordo com os autores, isso justifica o facto de o Islandês, ao contrário das línguas escandinavas continentais – como o Norueguês, e do Inglês, apresentar evidência para posições múltiplas de sujeito externas a V’’ (cf. (37)), e admitir ‘construções transitivas expletivas’ (cf. (38)):

(37) a. Is. Í gær kláruðu {þessar mýs} sennilega  
 yesterday finished these mice probably  
 \*{þessar mýs} [V’’ ostinn].  
 these mice the.cheese

b. Is. Í gær kláruðu {?margar mýs} sennilega  
 yesterday finished many mice probably  
 {þessar mýs} [V’’ ostinn].  
 many mice the.cheese

[Bobaljik & Jonas 1996: 196]

(38) Is. það hefur einhver köttur étið mysnar.  
 PR.EXPL. has some cat eaten the.mice

<sup>150</sup> Bobaljik 2002: 9

[Bobaljik & Thráisson 1998: 56]

No. \*Det har en katt ete mysene.

PR.EXPL. has a cat eaten the.mice

In. \*There has eaten a cat mice. / \*There has a cat eaten mice.

[Bobaljik 2002: 19]

Partindo, portanto, do pressuposto de que a complexidade estrutural constitui um factor de variação inter-linguística, Bobaljik & Thráisson (1998) desenvolvem uma teoria de movimento do verbo “[which] is the combination of the following assumptions”<sup>151</sup>:

- a. Last Resort: movement is driven only by the need to check features
- b. Locality: sisterhood is an eligible relation for feature-checking
- c. Features: Inflectional heads have features to check against verbs

[Bobaljik 2002: 20]

Nos termos em questão, a verificação de traços dos núcleos funcionais pode-se, assim, processar com ou sem movimento do verbo, dependendo do facto de, entre uns e outro, se estabelecerem relações sintácticas de localidade. Deste modo, e por razões que se prendem com a economia da derivação, línguas com um sistema flexional como em (36) não exibem movimento do verbo, enquanto que em línguas com um sistema flexional como em (35), o movimento é obrigatório<sup>152</sup>.

Segundo Bobaljik & Thráisson (1998), as propostas de Bobaljik (1995) e Thráisson (1996) assumem, igualmente, implicações de um ponto de vista morfológico: considerando que os nós terminais da sintaxe correspondem a morfemas abstractos que constituem, potencialmente, o alvo da operação de inserção lexical<sup>153</sup>, os autores pressupõem que línguas com um sistema flexional cindido permitem a ocorrência de

---

<sup>151</sup> Bobaljik 2002: 20

<sup>152</sup> Bobaljik & Thráisson (1998) assumem, conseqüentemente, que, para o Islandês, em contextos não-V2, não existe necessidade para o verbo se mover para além de T.

<sup>153</sup> De acordo com a concepção de organização da gramática assumida por Bobaljik & Thráisson (1998) “[t]he syntax is taken to concatenate ‘abstract morphemes’ such as TENSE, AGREEMENT and so on with the specific, phonological form of the corresponding affixes provided after the syntax by rules of lexical insertion” (Bobaljik 2000: 10).



mais do que um afixo com o radical verbal, enquanto línguas com um sistema flexional não-cindido não<sup>154</sup>. Dados como os de (39) parecem corroborar esta ideia:

(39)

	Inglês	Islandês		Inglês	Islandês
Presente			Presente		
1ª p. sing.	tremble	kasta	1ª p. sing.	trembl-ed	kasta-ði
2ª p. sing.	tremble	kasta-r	2ª p. sing.	trembl-ed	kasta-ði-r
3ª p. sing.	tremble-s	kasta-r	3ª p. sing.	trembl-ed*-s	kasta-ði
1ª p. plur.	tremble	köst-um	1ª p. plur.	trembl-ed	kasta-ðu-m
2ª p. plur.	tremble	kast-ið	2ª p. plur.	trembl-ed	kasta-ðu-ð
3ª p. plur.	tremble	kasta	3ª p. Plur.	trembl-ed	köstu-ðu

É de realçar, porém, que, segundo os autores, a ocorrência de mais do que um tipo de morfemas visíveis junto do radical verbal corresponde apenas a um de entre vários indícios reveladores de que uma língua possui um sistema flexional cindido – sendo que esta, sim, constitui a verdadeira motivação para o movimento do verbo. Com efeito, a relação que os autores estabelecem entre a riqueza do sistema flexional de uma língua e a existência de movimento do verbo processa-se exclusivamente num plano unívoco (e não biunívoco), o que legitima o facto de um reduzido número de línguas – como a variedade sueca de Kronoby, ou a variedade norueguesa de Tromsø, exibirem efeitos de V-para-Flex apesar de não apresentarem as distinções de pessoa ou número consideradas relevantes.

##### 5 *Aquisição de movimento do verbo e de flexão verbal*

No âmbito do quadro teórico generativista, assume-se que o processo de aquisição de uma língua se encontra parcialmente determinado por um mecanismo inato, que condiciona o modo como os falantes interpretam os estímulos do seu meio ambiente linguístico. Considerando, todavia, que a emergência de algumas propriedades

<sup>154</sup> Dada a existência de morfemas sem realização fonológica, os autores assumem que as estruturas funcionais presentes em (35) e (36) “constrain only the maximal number of overt inflectional affixes which may surface on the finite verb in a given language; no implications are made as to the lower bound. If a particular verb form [...] or for that matter all the verb forms in some language [...] have zero or one overt inflectional morpheme, it is in principle impossible to determine which of the possible underlying structures [...] that particular verbform instantiates” (Bobaljik 2002: 20).

gramaticais não sucede de forma instantânea, mas constitui um processo sujeito a uma ordem sequencial fixa, têm sido várias as hipóteses avançadas relativamente ao grau inicial de acessibilidade à Gramática Universal. Assim, nos termos da chamada ‘Hipótese de Continuidade Forte’, assume-se que não existem diferenças qualitativas entre as gramáticas iniciais das crianças e as gramáticas finais adultas. De acordo com uma versão forte desta hipótese, as diferenças entre as produções iniciais das crianças e o discurso dos adultos constituem apenas o reflexo de limitações de natureza computacional (Pinker 1984, Weissenborn 1994), perceptual (Déprez & Pierce 1993) ou pragmática (Hyams 1996). De acordo com uma versão fraca desta hipótese, apesar de as representações gramaticais das crianças obedecerem aos princípios que constituem a Gramática Universal, podem não respeitar os valores dos parâmetros especificados para a língua alvo (Borer & Wexler 1987, Weissenborn 1992, Whitman, Lee & Lust 1991, Whitman 1994, etc.). Assim, assume-se que “[t]he mistakes which children make represent (minimal) violations of rules which constrain only the target language, but which represent choices available in the UG”<sup>155</sup>. Pelo contrário, nos termos da chamada ‘Hipótese de Continuidade Fraca’, considera-se que as diferenças entre as gramáticas iniciais das crianças e as gramáticas finais adultas são, essencialmente, de natureza qualitativa, pelo que a Gramática Universal não se manifesta plenamente acessível durante a fase inicial do processo de aquisição da linguagem (Lebeaux 1988, Radford 1990, Powers 1996, etc.)<sup>156</sup>.

Em termos do acesso inicial à estrutura sintáctica, as hipóteses sob discussão fazem predições consideravelmente distintas. Assim, no âmbito da Hipótese de Continuidade Forte, “[t]he syntactic phrase structure of the child is identical to the syntactic phrase structure of the adult”<sup>157</sup> (Crain & Fodor 1987, Pinker 1984, Boser et al. 1992, Poeppel & Wexler 1993, Crain & Thornton 1998). Crucialmente, assume-se que as projecções funcionais que constituem a estrutura sintáctica da língua alvo se encontram activas desde a fase inicial do processo de aquisição. Pelo contrário, nos termos da Hipótese de Continuidade Fraca, “some (or all) functional projections may be missing at the onset of acquisition”<sup>158</sup>. Assim, considera-se que, durante a fase inicial do

---

<sup>155</sup> Avram 2002b: 6

<sup>156</sup> No que respeita ao modo como as crianças adquirem as propriedades que constituem o sistema gramatical adulto, é frequente assumir-se que, independentemente do grau de acessibilidade à Gramática Universal, o processo de aquisição da linguagem se encontra constringido “within a biological framework, where maturation is central to development” (Wexler 1992: 148).

<sup>157</sup> Avram 2002b: 5

<sup>158</sup> Avram 2002b: 4

processo de aquisição da linguagem, a estrutura sintáctica da frase se manifesta deficitária, ou se encontra, de alguma maneira, subespecificada relativamente à gramática adulta.

Uma contribuição relevante para o debate acerca da acessibilidade inicial da estrutura sintáctica pode ser obtida através da observação de dados relativos à aquisição de movimento do verbo e de morfologia flexional verbal. Assim, considerando que o movimento do verbo envolve, tipicamente, categorias de tipo funcional, a produção, durante a fase inicial do processo de aquisição, de frases que indiciem este tipo de movimento constitui um argumento para assumir que não existem diferenças substanciais entre os marcadores frásicos das crianças e dos adultos. Paralelamente, assumindo que o acordo sujeito-verbo constitui uma operação de natureza morfossintáctica, a ausência de erros de concordância durante a fase inicial do processo de aquisição da linguagem pode constituir evidência para assumir que as crianças dispõem, tal como os adultos, das categorias funcionais consideradas relevantes.

### 5.1 Aquisição de movimento do verbo

Os estudos relativos à aquisição de movimento do verbo assumem, como ponto de partida, a observação de que, independentemente da riqueza do paradigma flexional verbal de uma língua, existe uma correlação entre a posição que as formas verbais ocupam ao nível da estrutura da frase e as respectivas propriedades morfológicas. Assim, no Francês, verifica-se que os verbos lexicais finitos se caracterizam por preceder o advérbio de negação *pas*, ao contrário do que sucede com os verbos lexicais não-finitos:

- (40) a. Marie ne mange pas.  
Marie<sub>NEG</sub> eats not  
'Marie does not eat'
- b. pour ne pas manger.  
in order to<sub>NEG</sub> not eat-INF  
'in order not to eat'

[Guasti 2002: 110]

Igualmente, no Alemão – que constitui uma língua OV, os verbos lexicais finitos figuram, invariavelmente, na segunda posição de frase, enquanto os verbos lexicais não-finitos ocupam a posição final:

- (41) a. Joahnn isst nicht.  
 Johann eats not  
 ‘Johann does not eat’
- b. um nicht zu essen.  
 in order to NEG to eat-INF  
 ‘in order not to eat’

[Guasti 2002: 110]<sup>159</sup>

- (42) a. Simone braucht das.  
 Simone needs that
- b. Simone wird das lesen.  
 Simone will that read-INF

[Guasti 2002: 111]

Os dados relativos à aquisição do Francês (Pierce 1992b, Weissenborn 1994, Déprez & Pierce 1993, etc.) indicam que as crianças dominam, muito precocemente, a correlação entre a natureza finita ou não-finita das formas verbais e a sua distribuição relativamente a *pas*. Concretamente, Pierce (1992b) observa que, no âmbito da produção espontânea de duas crianças – Nathalie (1;9-2;3) e Daniel (1;8-1;11), as formas verbais finitas se caracterizam por anteceder, sistematicamente, o advérbio de negação, ao contrário do que sucede com as formas verbais não-finitas:

- (43) a. veux<sub>i</sub> pas v<sub>i</sub> lolo (Nathalie 2;0)  
 want-1Sg.Pres not water
- b. pas manger (Nathalie 1;9)  
 not eat-INF
- c. marche<sub>i</sub> pas v<sub>i</sub> (Daniel 1;8)

<sup>159</sup> Tal como é possível observar em (41), no Alemão, os verbos finitos encontram-se em distribuição complementar com os complementadores. Nesta língua, o efeito V2 depende, portanto, do grau de subordinação frásica.

- gO-3Sg.Pres      not
- d.      pas      casser      (Daniel 1;8)
- not      break-<sub>INF</sub>

	Nathalie		Daniel	
	+ fin	- fin	+ fin	- fin
V-Neg	68	0	53	1
Neg-V	3	82	3	36

[Borer & Rohrbacher 2002: 3]

Os dados relativos à aquisição do Alemão (Weissenborn 1990, Verrips & Weissenborn 1992, Poeppel & Wexler 1993, Wexler 1994, Rohrbacher & Vainikka 1995, etc.) parecem, igualmente, indicar que, durante a fase inicial do processo de aquisição da linguagem, as crianças se manifestam sensíveis à natureza finita/não-finita das formas verbais. Concretamente, Weissenborn (1990) observa que, no âmbito da produção espontânea de uma criança – Simone (1;9-4;0), se registam, muito precocemente, ocorrências das ordens correctas de palavras Vfin-Neg e Neg-Vinf<sup>160</sup>.

- (44) a.      Das    machtv            der Maxe    nicht<sub>NEG</sub>.      (Simone 2;1)
- this    makes            the Maxe    not
- ‘This, Maxe does not make’
- b.      Kannv ma[n]        nich[t]<sub>NEG</sub>    essen.          (Simone 2;1)
- can    one            not            eat-<sub>INF</sub>
- ‘One cannot eat (this)’

[Guasti 2002: 111]

Igualmente, atentando no discurso espontâneo de três crianças – Katrin (1;5), Nicole (1;8) e Andreas (2;1), Poeppel & Wexler (1993) e Rohrbacher & Vainikka

---

<sup>160</sup> Dados relativos à aquisição do Inglês sugerem, igualmente, que, numa fase precoce do seu desenvolvimento linguístico, as crianças são capazes de distinguir entre verbos lexicais e verbos auxiliares, e sabem que os primeiros se movem para Flex enquanto os segundos não. Concretamente, Harris & Wexler (1996) mostram que “English learners almost never raise a verb past negation [...]; instead, they move auxiliaries past the negation and produce sentences like[:

- |       |                    |             |
|-------|--------------------|-------------|
| i.]   | I can’t see you.   | (Eve, 1;10) |
| [ii.] | I don’t want soup. | (Eve, 1;11) |

(1995), observam que as formas verbais finitas figuram, sistematicamente, na segunda posição de frase, enquanto as formas não-finitas ocupam, maioritariamente, a posição final:

- (45) a. Tift heißt<sub>i</sub> Puck-Puck v<sub>i</sub> (Katrin 1;5)  
 pen be-called-3Sg.Pres Puck-Puck
- b. Mama Ahm nehm (Katrin 1;5)  
 mama arm take-<sub>INF</sub>
- c. Nekoll nimmt eine Ahm v<sub>i</sub> (Nicole 1;8)  
 Nekoll take-3Sg.Pres a arm
- d. Kokoll Dil ham (Nicole 1;8)  
 Nekoll shield have-<sub>INF</sub>
- e. Eine Fase hab<sub>i</sub> ich v<sub>i</sub> (Andreas 2;1)  
 a vase have-1Sg.Pres I
- f. Thorsten Caesar haben (Andreas 2;1)  
 T. C. (=doll) have-<sub>INF</sub>

	Katrin		Nicole		Andreas	
	+fin	-fin	+fin	-fin	+fin	-fin
V2	68	2	71	6	197	6
Vfinal	0	6	4	24	11	37

[Borer & Rohrbacher 2002: 4-5]<sup>161</sup>

Os dados relativos à aquisição de movimento do verbo parecem, deste modo, sugerir que, relativamente às línguas em questão, o domínio dos padrões básicos da sintaxe verbal se encontra consolidado numa fase muito precoce do desenvolvimento gramatical. Independentemente, o facto de as crianças expressarem “the morphosyntactic distinction between finite and infinitive verbs in terms of verb raising”<sup>162</sup> indica que, para estas línguas, a correlação entre a posição estrutural do verbo e as respectivas propriedades morfológicas é interpretada como relevante, durante

<sup>161</sup> Rohrbacher & Vainikka (1995) observam que “whereas Katrin and Nicole are for the most part still in the two-word stage, Andreas is already in the multi-word stage” (Borer & Rohrbacher 2002: 4). Como tal, algumas das produções de Katrin e Nicole “could be analyzed either as V2 or as V-final structures” (Borer & Rohrbacher 2002: 4).

<sup>162</sup> Guasti 2002: 115

a fase inicial do processo de aquisição da linguagem<sup>163</sup>. No que respeita à acessibilidade inicial da estrutura sintáctica, as diferenças observadas ao nível da distribuição dos verbos lexicais podem ser tidas como evidência “that the functional projections targeted by verb movement are present in the child’s phrase marker at [... an] early stage”<sup>164</sup>. Consequentemente, torna-se razoável assumir a inexistência de diferenças substanciais entre o marcador frásico das crianças e dos adultos<sup>165</sup>.

### 5.2 Aquisição de flexão verbal

Os dados relativos à aquisição de flexão verbal permitem identificar dois grupos de línguas consoante, numa fase inicial do desenvolvimento gramatical, as crianças produzam ou não um número substancial de erros de concordância entre o sujeito e o verbo. Assim, em línguas em que o sujeito da frase é obrigatoriamente realizado foneticamente – como o Dinamarquês, o Francês, o Alemão, o Holandês, etc., é possível observar o uso relativamente frequente de formas verbais infinitivas em frases raiz:

- (46) a. Di. Hun sove. (Jens 2;0)  
           she sleep-<sub>INF</sub>
- b. Ho. Earst kleine boekje lezen. (Hein 2;6)  
           first little book read-<sub>INF</sub>  
           ‘First (I/we) read little book’
- c. Fr. Dormir petit bébé. (Daniel 1;11)  
           sleep-<sub>INF</sub> little baby  
           ‘Little baby sleep’
- d. Al. S[ch]okolade holen. (Andreas 2;1)  
           chocolate get-<sub>INF</sub>

[Guasti 2002: 108-109]

<sup>163</sup> Crucialmente, o facto de as crianças alemãs utilizarem verbos não-finitos em frases de raiz (cf. 5.2: 55) indica que a correlação entre o movimento das formas verbais e as respectivas propriedades morfológicas não é determinada por efeitos da distribuição complementar entre complementadores e verbos lexicais. De acordo com Boser et al. (1992), porém, “this early pattern [- root infinitive] contains a non-overt auxiliary [...] at S-structure” (Avram 2002b: 9).

<sup>164</sup> Avram 2002b: 13

<sup>165</sup> Dados relativos à aquisição do Alemão (Boser e al. 1992, etc.) indicam, igualmente, que as crianças dominam, desde muito cedo, construções tidas como envolvendo categorias hierarquicamente superiores àquelas que constituem o sistema flexional – topicalizações e interrogativas-qu.

Independentemente, durante a mesma fase, verifica-se, igualmente, o uso correcto de formas verbais finitas:

- (47) a. Di. Kann ikke see. (Anne 2;0)  
           can not see  
           ‘(I) cannot see’
- b. Ho. Hij doet ‘t niet. (Hein 2;4)  
           he makes it not  
           ‘He does not make it’
- c. Fr. Dort bébé. (Daniel 1;11)  
           Sleeps baby  
           ‘Baby sleeps’
- d. Al. Da is[t] er. (Andreas 2;1)  
           here is he  
           ‘He is here’

[Guasti 2002: 109]

A proporção de formas verbais infinitivas utilizadas durante esta fase varia tanto de um ponto de vista inter-linguístico como inter-individual, “and it obviously decreases with age”<sup>166</sup>. Assim, relativamente ao Francês, Pierce (1992b), regista percentagens de produção de frases não-finitas que vão de 60% a 22%, para Daniel e de 96% a 10%, para Nathalie:

(48)

Daniel			Nathalie		
Idade	+ fin	- fin	Idade	+ fin	- fin
1;8	42	62	1;9	3	78
1;10	125	92	2;2	70	59
1;11	156	43	2;3	152	16

[Adaptado de Borer & Rohrbacher 2002: 19]

<sup>166</sup> Avram 2002c: 3



Relativamente ao Alemão, Poeppel & Wexler (1993) e Rohrbacher & Vainikka (1995) registam percentagens de produção de frases finitas de 42% para Katrin, de 32% para Nicole, e de 82% para Andreas:

(49)

Katrin			Nicole			Andreas		
Idade	+fin	-fin	Idade	+fin	-fin	Idade	+fin	-fin
1;5	49	68	1;8	52	112	2;1	231	51

[Adaptado de Borer & Rohrbacher 2002: 15]

É de salientar, porém, que, durante esta fase, as formas verbais finitas são, na sua grande maioria, utilizadas tal como na língua alvo, não se registando, portanto, erros significativos de concordância com o sujeito. Assim, para o Francês, verifica-se que “[w]hen non-finite utterances are produced, subject clitics (argued to be agreement markers, see Roberge (1990)) are rare. When finite forms and clitics do occur, they are correct”<sup>167</sup>. Igualmente, e tal como observam Ingram & Thompson (1996), quando as crianças alemãs começam a utilizar marcadores morfológicos de concordância, fazem-no de forma praticamente correcta:

(50)

	Katrin		Nicole		Andreas	
Uso	Correcto	Incorrecto	Correcto	Incorrecto	Correcto	Incorrecto
1Sg.Pres <i>-e</i>	-	-	-	-	21 (95%)	1
2Sg.Pres <i>-st</i>	11 (100%)	-	-	-	8 (100%)	-
3Sg.Pres <i>-t</i>	25 (100%)	-	2 (100%)	-	22 (96%)	1

[Adaptado de Borer & Rohrbacher 2002: 15]

Pelo contrário, em línguas em que o sujeito não necessita de ser realizado foneticamente – como o Italiano, o Espanhol, o Catalão, etc., não se verifica o uso frequente de formas verbais infinitivas em frases de raiz. Assim, Salustri & Hyams (2006), observam que, no âmbito da produção espontânea de quatro crianças italianas –

<sup>167</sup> Borer & Rohrbacher 2002: 18

Denis (2;0-2;7), Martina (2;1-2;7), Diana (2;0-2;7) e Viola (2;1-2;7), a percentagem de utilização incorrecta de formas verbais infinitivas não ultrapassa o valor de 3%:

(51)

	% formas verbais infinitivas em frases de raiz	Nº total de formas verbais
Denis	2,8	318
Martina	0	513
Diana	0	863
Viola	0,2	198

[Adaptado de Salustri & Hyams 2006: 165]

Igualmente, atentando no discurso espontâneo de três crianças espanholas e três crianças catalãs – Maria, Emilio, Juan, Gisela, Pep e Júlia (1;7-3;0), Bel (2001) não regista percentagens de uso de formas verbais infinitivas em frases de raiz superiores a 4%:

(52)

Espanhol		Catalão	
Maria	39/1956 (2%)	Gisela	0/627 (0%)
Emilio	0/1588 (0%)	Pep	25/1248 (2%)
Juan	6/335 (2%)	Julia	22/720 (3%)

[Adaptado de Salustri & Hyams 2006: 169]

Crucialmente, os erros de concordância associados ao uso de formas verbais finitas são raros, “[and] mostly consist of using a singular third person morpheme with a plural subject or a third person morpheme with a first person subject”<sup>168</sup>. Assim, tendo em conta a produção espontânea de seis crianças italianas – Martina, Diana, Guglielmo, Cláudia, Francesco e Marco (1;4-3;0), Pizutto & Caselli (1992) e Guasti (1994) não registam percentagens de erros de concordância superiores a 4%:

(53)

	Idades	Eloquções	% erros de concordância

<sup>168</sup> Guasti 2002: 121

Martina	1;8-2;7	478	1,6
Diana	1;10-2;6	610	1,5
Guglielmo	2;2-2;7	201	3,3
Claudia	1;4-2;4	1410	3
Francesco	1;5-2;10	1264	2
Marco	1;5-3;0	415	4

[Adaptado de Borer & Rohrbacher 2002: 19]

Igualmente, Torrens (1995) observa que, no Espanhol e no Catalão, a percentagem de erros de concordância no uso de formas verbais finitas não ultrapassa 3%:

(54)

	Língua	Idade	% erros de concordância
Marti	Catalão/Espanhol	1;9-2;5	0,56
Josep	Catalão/Espanhol	1;9-2;6	3
Gisela	Catalão	1;10-2;6	1,2
Guillem	Catalão	1;9-2;6	2,3

[Adaptado de Hoekstra & Hyams 1998: 84]

De um ponto de vista inter-linguístico, os dados relativos à aquisição de flexão verbal indicam, portanto, que, “[i]n languages with overt agreement morphology, children almost always use the agreement morphemes appropriate to the argument being agreed with. The majority of errors are errors of omission rather than errors of substitution”<sup>169</sup>. No que respeita à acessibilidade inicial da estrutura sintáctica, assumindo que a concordância sujeito-verbo constitui uma operação de natureza morfossintáctica<sup>170</sup>, o facto de as crianças que aprendem o Italiano, o Espanhol e o

<sup>169</sup> Phillips 1996: 3

<sup>170</sup> Guasti (2002) argumenta que o facto de as crianças italianas não produzirem erros de concordância a) em frases com sujeitos pós-verbais (i.) e coordenados (ii.):

i. Chiudo io. (Martina 1;11)

close-1.Sg I

ii. Gaia e Giulia [si] danno un bacino. (Diana 2;0)

Gaia e Giulia [each other] give-3.P1 a little kiss;

[Guasti 2002: 125]

b) em construções impessoais:

Si va al mare. (Diana 2;0)

Catalão utilizarem “agreement morphemes appropriately and abundantly”<sup>171</sup> constitui evidência para considerar que as suas gramáticas dispõem das categorias funcionais consideradas relevantes. Igualmente, em línguas como o Francês, o Holandês e o Alemão, a ausência de formas verbais flexionadas para tempo e concordância pode ser tida como constituindo evidência a favor, e não contra, a acessibilidade precoce ao sistema funcional da gramática. Adoptando “the perspective of checking models [...], according to which syntax sees inflectional features, but is not, in and of itself, responsible for deriving the morpho-phonological realization of these features”<sup>172</sup>, Borer & Rohrbacher (2002) argumentam que, na ausência das categorias funcionais relevantes, “the syntactic appropriateness of fully inflected morpho-phonological forms cannot be checked, nor can syntactically inappropriate (but phonologically well-formed) instantiations be excluded”<sup>173</sup>. Concretamente, assumindo que “the agreement head feature in I (or AgrS) emerges as a result of specifier – head agreement with the DP in [Spec,IP] [...] (or alternatively, emerges as a result of the application of *Agree*, as in Chomsky, (2000))”<sup>174</sup>, os autores consideram que a ausência, nos sistemas gramaticais iniciais, das categorias funcionais relevantes prediria a escolha aleatória de formas verbais morfofonologicamente bem formadas (flexionadas ou não-flexionadas)<sup>175</sup>. Todavia, “this prediction is shown to be wrong: specifically, when young children use overt agreement markers, they overwhelmingly use them correctly”<sup>176</sup>. De um ponto de vista inter-linguístico, os dados relativos à aquisição de flexão verbal não parecem, portanto, viabilizar a assunção da existência de diferenças substanciais entre o marcador frásico das crianças e dos adultos.

---

SI      goes      to the      sea;

[Guasti 2002: 127]

c) ou em construções envolvendo verbos que não atribuem papel temático:

Chetta    è      la      papera.

(Martina 1;11)

This      is      the      duck;

[Guasti 2002: 127]

constitui um argumento para assumir que a concordância sujeito-verbo “is a structure-dependent relation” (Guasti 2002: 123), e não uma relação linear ou semântica.

<sup>171</sup> Guasti 2002: 127

<sup>172</sup> Borer & Rohrbacher 2002: 10

<sup>173</sup> Borer & Rohrbacher 2002: 11

<sup>174</sup> Borer & Rohrbacher (2002): 10

<sup>175</sup> No âmbito do Programa Minimalista, a concordância sujeito-verbo consiste na especificação dos traços-phi ininterpretáveis de T em função dos traços-phi interpretáveis do nominal desempenhando a função de sujeito. Todavia, na ausência de T, nada permite, à partida, prever o fracasso da derivação sintáctica, qualquer que seja a forma morfofonológica do verbo integrando a (sub-)matriz lexical.

<sup>176</sup> Borer & Rohrbacher (2002): 5

### *5.3 Aquisição de movimento do verbo em correlação com a aquisição de flexão verbal*

As propostas que integram a HCR constituem generalizações tendo por base a observação empírica dos paradigmas flexionais verbais de várias línguas naturais. A assunção de que a aquisição de um conjunto específico de distinções morfológicas determina a fixação de parâmetros fundamentais relacionados com a derivação frásica – nomeadamente, o parâmetro do movimento do verbo, encontra-se, porém, naturalmente, implícita: assim, tendo em consideração aquelas que são usualmente consideradas como as instâncias mais produtivas da HCR, uma criança deve assumir que a sua língua não exhibe movimento V-para-Flex sempre que não encontrar evidência de que a) em pelo menos um número de um tempo verbal, as formas de primeira e segunda pessoa se manifestam suficientemente distintivas (Rohrbacher 1994, 1999), ou b) as formas que constituem o paradigma flexional verbal exibem flexão de pessoa em todos os tempos (Vikner 1997).

Paralelamente, dado que “[a]s far as the empirical consequences for the present-day languages are concerned, the two approaches seem to make the same predictions”<sup>177</sup>, os argumentos utilizados em ambas as propostas encontram-se directamente relacionados com o processo de aquisição da linguagem. Assim, Vikner (1997) observa que a razão pela qual Rohrbacher (1994) assume que as formas de primeira e segunda pessoa de verbos regulares devem ser distintas da forma infinitiva e não da forma singular de imperativo não é clara, uma vez que ambas surgem, presumivelmente, com a mesma frequência ao nível do discurso<sup>178</sup>. Igualmente, Rohrbacher (1999) argumenta que ainda que os tempos considerados relevantes no âmbito da correlação entre a aquisição de morfologia flexional verbal e a fixação do parâmetro do movimento do verbo correspondam apenas àqueles que as crianças adquiriram no momento em que a ordem de palavras é determinada, a proposta de Vikner (1997) não permite, tão facilmente

---

<sup>177</sup> Vikner 1997: 208

<sup>178</sup> Ainda assim, de acordo com Vikner (1997), “[o]ne phenomenon might support the assumption inherent in Rohrbacher’s analysis that infinitives are more basic or more relevant to the child than, for example, imperatives, namely the so-called root (or optional) infinitive phenomenon: very young children often use infinitive forms instead of finite forms” (Vikner 1997: 210).

como a sua, legitimar a rapidez com que as crianças adquirem o movimento sintáctico V-para-Flex<sup>179</sup>.

A pertinência da HCR no âmbito do processo de aquisição da linguagem tem, todavia, sido, sucessivamente, questionada. Assim, tendo em conta dados concretos relativos ao estudo do processo de aquisição da linguagem, Verrips & Weissenborn (1992) observam que a produção de erros de concordância na aquisição do Francês subsiste para além de uma fase em que a produção de erros relacionados com o movimento do verbo se manifesta praticamente nula. De igual modo, Meisel (1994) apresenta evidência de que as crianças que adquirem o Francês e o Alemão produzem formas finitas de terceira pessoa do singular muito antes de qualquer outro tipo de formas. Independentemente, o autor nota que a partir do momento em que as crianças usam formas finitas, estas são usadas na ordem correcta, ou seja, tendo sido movidas para uma posição hierarquicamente superior do sistema funcional. Numa revisão da literatura relacionada com a aquisição do movimento do verbo, Lardiere (2000) conclui, igualmente, que os dados relativos à aquisição de L1 sugerem que as crianças sabem desde muito cedo se sua a língua apresenta ou não movimento do verbo, “almost certainly long before they’ve acquired the myriad relevant morphological distinctions required under either Rohrbacher’s or Vikner’s analysis”<sup>180</sup>.

De um ponto de vista teórico, são igualmente várias as críticas de que são alvo as propostas formuladas no âmbito da HCR. Assim, Sprouse (1998) observa que, assumindo que os traços codificados pelos itens lexicais são de natureza abstracta – não se encontrando, portanto, necessariamente dependentes das especificações concretas dos paradigmas morfológicos, não existe, à partida, razão para considerar que a aquisição de flexão condiciona o processo de fixação paramétrica<sup>181</sup>. Igualmente, o autor argumenta que, tendo em conta a natureza sintáctica do parâmetro do movimento do verbo, não se manifesta, à partida, legítimo assumir que a sua fixação dependa unicamente da aquisição de paradigmas morfológicos e não da observação de contrastes de ordem de palavras, por exemplo. Já segundo Gonçalves (2004), um dos principais problemas com que se deparam as propostas elaboradas no âmbito da HCR diz respeito ao facto de os

---

<sup>179</sup> Particularmente, o autor considera que a informação que se assume desempenhar um papel relevante na fixação do parâmetro do movimento do verbo se encontra, presumivelmente, mais acessível no âmbito da sua proposta do que na proposta de Vikner.

<sup>180</sup> Lardiere 2000: 106

<sup>181</sup> No quadro de investigação pré-minimalista, a força dos traços codificados pelos itens lexicais era tida como condição determinante para o movimento visível de constituintes. A avaliação, em termos abstractos, da força destes traços foi, todavia, alvo de sucessivas críticas devido à sua circularidade implícita (Costa & Silva 2004).

paradigmas flexionais verbais das diferentes línguas naturais exibirem várias formas para a mesma pessoa, podendo estas estar em situação de competição, ou simplesmente ser preferidas em determinados registos. Assim, a autora nota que, dependendo das formas que se admite integrarem os paradigmas relevantes, poderão, para uma mesma língua, decorrer valores distintos no que respeita à fixação do parâmetro do movimento do verbo. De igual modo, Gonçalves argumenta que um dos principais problemas que se colocam à proposta de Vikner diz respeito à identificação dos morfemas considerados relevantes – de pessoa *versus* número e/ou tempo, uma vez que “a natureza de muitos morfemas não é evidente”<sup>182</sup>. Paralelamente, a definição dos tempos considerados fundamentais não se manifesta, segundo a autora, universal, devendo, necessariamente, ser relativizada em função de cada língua em particular. Finalmente, Gonçalves argumenta que as propostas de Rohrbacher e de Vikner se deparam com o que a autora denomina de ‘problema da decisão’, *i. e.*, o facto de a criança ter de “decidir quando já adquiriu todos os tempos relevantes (para S. Vikner) ou paradigmas (para B. Rohrbacher), e só esses, para começar a mover (ou não mover) V-para-Flex[, sendo que p]or vezes, o diagnóstico oferecido pelo primeiro tempo (normalmente o presente) não é o correcto (como em Inglês)”<sup>183</sup>.

Finalmente, no que concerne a Bobaljik (2000, 2002), a análise que o autor faz da correlação entre a aquisição de ordem de palavras e de flexão verbal resulta da sua própria concepção de motivação para movimento do verbo. Segundo o autor, os elementos estruturais que espoletam o movimento do verbo correspondem a todo um conjunto de indícios que revelam a existência de um sistema flexional cindido:

(55)

- a. the availability of two subject positions between CP and VP
- b. the possibility of transitive expletive constructions
- c. the availability of a VP-external derived object position
- d. obligatory raising of the verb to Infl in non-V2 environments
- e. the possibility of multiple inflectional morphemes on the verb stem

[Bobaljik 2000: 27]

---

<sup>182</sup> Gonçalves 2004: 80

<sup>183</sup> Gonçalves 2004: 82

Na medida em que as propriedades acima referidas constituem consequências directas de um sistema flexional cindido, Bobaljik assume que qualquer uma delas pode servir de evidência para a criança fixar o valor do parâmetro do movimento do verbo. A importância relativa que cada uma delas assume depende, segundo o autor, da própria língua em questão: assim, enquanto em línguas como o Italiano ou o Espanhol, a morfologia flexional verbal se manifesta, naturalmente, saliente, no caso do Iídiche, por exemplo, as formas verbais do passado são formadas através de verbos auxiliares; sendo que esta língua não dispõe de marcadores de tempo presente, a evidência morfológica para movimento do verbo é inexistente. Como tal, o autor conclui que a riqueza morfológica pode apenas fornecer uma pista para a criança marcar o valor do parâmetro do movimento do verbo, não constituindo, porém, uma condição *a priori* para que tal suceda.

### 5.3.1 *Aquisição de movimento do verbo em correlação com a aquisição de flexão verbal, no Português Europeu*

A hipótese de a riqueza do paradigma flexional verbal constituir a experiência espoletadora para a fixação do parâmetro do movimento do verbo no P(ortuguês)E(uropeu) foi inicialmente explorada por Gonçalves (2004).

De um ponto de vista teórico, a autora assume – tal como em Duarte (1997), Costa (1998a, 1998b), Costa & Galves (2000) e Costa & Duarte (2002), que o PE constitui uma língua SVO, observando, todavia, que nem todas as construções têm “aquela como a ordem mais natural (ou frequente), já que interferem múltiplos factores relativos à estrutura informacional e discursiva”<sup>184</sup>. Concretamente, partindo do pressuposto de que, no PE, o sistema flexional se cinde em duas projecções autónomas – Conc’ e T’, a autora adopta a análise de Costa & Duarte (2002), fundamentada na formulação de Alexiadou & Anagnostopoulou (1998) e Bailyn (2001) do parâmetro-EPP<sup>185</sup>, e assente na restrição de localidade proposta por Pesetsky & Torrego (2001)<sup>186</sup>. Assume, deste modo, que, no PE, tanto Conc como T codificam um traço-EPP,

---

<sup>184</sup> Gonçalves (2004): 44

<sup>185</sup> Alexiadou & Anagnostopoulou e Bailyn assumem que todas as categorias funcionais codificam um traço-EPP “[which] can be checked either by an XP in *Spec*, YP or a raised head” (Costa & Duarte 2002: 169). Independentemente, Costa & Duarte “assume that a given language may display the two options: in certain constructions XP raises, whilst in others there is head movement” (Costa & Duarte 2002: 170).

<sup>186</sup> Pesetsky & Torrego assumem que “[i]f a head K attracts X, no constituent Y is closer to K than X” (Costa & Duarte 2002: 170).



podendo, portanto, atrair o sujeito para a sua posição de especificador. Considerando, porém, que, no PE, o parâmetro do movimento do verbo se encontra especificado positivamente – correspondendo, o alvo deste movimento, tipicamente, a T<sup>187</sup>, apenas no que respeita a Conc, as duas alternativas para a satisfação do traço-EPP se manifestam igualmente económicas. Assim, a satisfação do traço-EPP de Conc através do movimento do sujeito permite derivar ordens do tipo SVO – traduzindo-se, do ponto de vista semântico, no que Costa & Duarte denominam de ‘juízos categóricos’, enquanto o movimento do verbo permite derivar ordens do tipo VSO – determinando, por sua vez, ‘juízos téticos’.

No que respeita ao modo como o PE se conforma à correlação implícita na HCR, Gonçalves verifica que ambas as propostas de Rohrbacher (1994, 1999) e Vikner (1997) obtêm os resultados previstos. Assim, o paradigma correspondente ao tempo Presente dos verbos regulares apresenta formas de primeira, segunda e terceira pessoas do singular distintas não só umas das outras, mas também da forma de infinitivo, facto que, segundo Rohrbacher, se manifesta consentâneo com a existência de movimento do verbo<sup>188</sup>:

(56)

Infinitivo	comer
Presente	
1 <sup>a</sup> p. sing.	eu como
2 <sup>a</sup> p. sing.	tu comes
3 <sup>a</sup> p. sing.	ele come
1 <sup>a</sup> p. plur.	nós comemos
2 <sup>a</sup> p. plur.	vocês comem
3 <sup>a</sup> p. plur.	eles comem

[Gonçalves 2004: 336]<sup>189</sup>

<sup>187</sup> Tal como observam Costa & Galves (2000), atentando na “posição relativa entre verbo e advérbios (como ‘provavelmente’) e quantificadores flutuantes (como ‘todos’)” (Gonçalves 2004: 55).

<sup>188</sup> De acordo com o autor, no PE, o movimento V-para-Flex deveria, no entanto, assumir como alvo a projecção funcional mais elevada de Flex’.

<sup>189</sup> Tal como Rohrbacher (1999: 222), Gonçalves assume que, desde meados do século XX, a forma correspondente à segunda pessoa do plural se manifesta idêntica à de terceira pessoa do plural. Nesse sentido, a autora observa que, no PE, apenas o paradigma do singular assegura “ainda o que a definição de Rohrbacher requer: distinção entre primeira e segunda pessoa e destas relativamente à terceira” (Gonçalves 2004: 338). Paralelamente, a autora nota que, apesar do uso crescente da forma pronominal *a gente*, tal não “conduz, necessariamente, ao desaparecimento da desinência verbal correspondente a *nós*, sendo até frequente ouvir-se ocorrências do tipo *a gente vamos*” (Gonçalves 2004: 122). De resto, os

De igual modo, elegendo, para além do Presente, o Pretérito Perfeito e o Pretérito Imperfeito como tempos fundamentais<sup>190</sup>, a autora conclui que proposta de Vikner não se manifesta problemática, uma vez que, no PE, “[q]ualquer paradigma apresenta flexão de pessoa no verbo”<sup>191</sup>:

(57)

Pret. Perfeito		Pret. Perfeito	
1 <sup>a</sup> p. sing.	eu comi	1 <sup>a</sup> p. sing.	eu comia
2 <sup>a</sup> p. sing.	tu comeste	2 <sup>a</sup> p. sing.	tu comias
3 <sup>a</sup> p. sing.	ele comeu	3 <sup>a</sup> p. sing.	ele comia
1 <sup>a</sup> p. plur.	nós comemos	1 <sup>a</sup> p. plur.	nós comíamos
2 <sup>a</sup> p. plur.	vocês comeram	2 <sup>a</sup> p. plur.	vocês comiam
3 <sup>a</sup> p. plur.	eles comeram	3 <sup>a</sup> p. plur.	eles comiam

[Gonçalves 2004: 336]

Atendendo à importância que o estudo do processo de aquisição pode assumir na compreensão da relação entre a marcação da concordância verbal e a sintaxe, Gonçalves avalia, comparativamente, a forma como, no PE, se processa a aquisição de concordância verbal e de outros aspectos sintácticos, tal como o movimento do verbo. Assim, atentando no discurso espontâneo de quatro crianças – Luís (1;09.29-2;11.02), Raquel (1;10.02-2;11.22), João (2;00.02-2;07.16) e Pedro (2;07.16-3;01.15), a autora regista os seguintes dados, relativos à ocorrência de formas verbais<sup>192</sup>:

(58)

Luís	1/1	2/2	3/3	1pl/1 pl	3pl/3 pl	2/3	3/1	3/2	3/3p l	3pl/3	3/3ref1	3/3re f2	3/3ref2 pl	Tota l
1;9.2	22.9	2.1	66.7	0.0%	2.1%	0.0%	6.3%	0.0%	0.0	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	100

dados registados por Gonçalves relativamente à aquisição de flexão verbal permitem-lhe concluir que “a forma original [...] *nós vamos* está mais presente do que a forma inovadora *a gente vai*” (Gonçalves 2004: 198).

<sup>190</sup> Tal como Mendes (1991), Gonçalves nota, porém, que “para línguas como o Português não é absolutamente consensual que as primeiras formas verbais sejam temporalmente relevantes” (Gonçalves 2004: 78). Independentemente, a autora legitima a inclusão do Pretérito Imperfeito nos tempos eleitos como fundamentais tendo em conta o facto de que “a sua vitalidade na língua é tal que está mesmo a substituir, em muitos contextos, o paradigma relativo ao condicional”. (Gonçalves 2004: 337).

<sup>191</sup> Gonçalves 2004: 337

<sup>192</sup> Os dados em questão constituem uma abstracção relativamente à totalidade dos dados tratados, já que, segundo Gonçalves, estes “poderiam induzir em erro pela inflação de formas [...] associadas aos enunciados imperativos” (Gonçalves 2004: 127).

9	%	%	%						%					%
1;11.20	2.7%	0.0%	88.6%	0.0%	1.1%	0.0%	3.3%	0.0%	1.6%	0.0%	2.7%	0.0%	0.0%	100%
2;0.27	2.0%	1.5%	80.1%	2.0%	4.0%	0.0%	1.5%	0.0%	6.0%	0.0%	3.0%	0.0%	0.0%	100%
2;2.0	3.8%	0.0%	85.3%	0.0%	4.7%	0.9%	1.4%	0.0%	1.9%	0.0%	1.4%	0.5%	0.0%	100%
2;2.27	2.6%	1.7%	82.6%	1.7%	7.0%	0.0%	0.9%	0.4%	2.6%	0.0%	0.0%	0.4%	0.0%	100%
2;4.4	2.5%	2.1%	84.2%	1.3%	7.5%	0.0%	0.4%	0.0%	1.7%	0.0%	0.0%	0.0%	0.4%	100%
2;5.7	24.6%	2.0%	56.8%	0.0%	11.6%	0.0%	0.5%	0.5%	4.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	100%
2;5.27	9.5%	1.4%	71.0%	0.3%	15.0%	0.0%	0.6%	0.6%	1.4%	0.0%	0.3%	0.0%	0.0%	100%
2;6.26	16.1%	3.5%	72.2%	0.3%	6.0%	0.0%	0.0%	0.3%	0.6%	0.0%	0.9%	0.0%	0.0%	100%
2;8.16	7.6%	2.9%	71.2%	1.5%	14.7%	0.0%	0.0%	0.9%	0.3%	0.3%	0.6%	0.0%	0.0%	100%
2;9.21	20.1%	6.0%	59.3%	3.2%	8.0%	0.0%	1.1%	0.0%	2.3%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	100%
2;11.2	17.8%	0.0%	70.6%	0.6%	3.7%	0.0%	2.5%	0.6%	4.3%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	100%
<b>Total</b>	<b>10.5%</b>	<b>2.3%</b>	<b>73.5%</b>	<b>1.1%</b>	<b>8.3%</b>	<b>0.1%</b>	<b>1.0%</b>	<b>0.3%</b>	<b>2.1%</b>	<b>0.0%</b>	<b>0.7%</b>	<b>0.1%</b>	<b>0.0%</b>	<b>100%</b>

<b>Raqu</b>	1/1	2/2	3/3	1pl/1pl	3pl/3pl	2/3	3/1	3/2	3/3pl	3/3ref1fl	3/3ref1pl	3/3ref2f2	3/3ref3pl	Total
1;10.2	7.5%	0.0%	82.5%	0.0%	0.0%	0.0%	7.5%	0.0%	2.5%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	100%
1;11.0	19.4%	0.0%	73.1%	0.0%	0.0%	0.0%	1.5%	0.0%	4.5%	1.5%	0.0%	0.0%	0.0%	100%
2;0.0	16.7%	0.0%	70.4%	0.0%	0.0%	0.0%	11.1%	0.0%	0.0%	1.9%	0.0%	0.0%	0.0%	100%
2;1.1	14.1%	0.7%	78.5%	0.7%	2.2%	0.0%	0.7%	0.0%	2.2%	0.7%	0.0%	0.0%	0.0%	100%
2;3.3	35.9%	3.1%	59.4%	0.0%	0.0%	0.0%	1.6%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	100%
2;4.15	28.3%	3.0%	57.2%	1.8%	5.4%	0.0%	0.6%	0.0%	2.4%	0.6%	0.0%	0.6%	0.0%	100%
2;5.19	24.7%	8.8%	57.8%	0.3%	3.1%	0.3%	0.6%	2.8%	0.9%	0.3%	0.3%	0.0%	0.0%	100%
2;7.8	26.8%	3.6%	65.2%	0.8%	0.8%	0.0%	1.6%	0.4%	0.8%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	100%
2;8.11	27.1%	9.2%	50.0%	3.8%	6.1%	0.0%	1.5%	0.4%	1.5%	0.4%	0.0%	0.0%	0.0%	100%
2;10.8	36.5%	5.9%	54.2%	0.0%	2.5%	0.0%	0.5%	0.0%	0.5%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	100%
2;11.22	29.7%	8.5%	53.5%	1.4%	2.8%	0.0%	0.8%	2.0%	0.3%	0.3%	0.0%	0.0%	0.6%	100%
<b>Total</b>	<b>26.6%</b>	<b>5.8%</b>	<b>59.4%</b>	<b>1.1%</b>	<b>2.9%</b>	<b>0.1%</b>	<b>1.4%</b>	<b>0.9%</b>	<b>1.1%</b>	<b>0.4%</b>	<b>0.1%</b>	<b>0.1%</b>	<b>0.1%</b>	<b>100%</b>

<b>João</b>	1/1	2/2	3/3	1pl/1pl	3pl/3pl	1/*;2/*	3/1	3/2	3/3pl	3/3ref1fl	3/3ref1pl	Total
2;0.2	0.0%	0.0%	88.9%	0.0%	11.1%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	100%
2;1.11	5.7%	0.0%	78.6%	0.0%	4.3%	0.0%	8.6%	2.9%	0.0%	0.0%	0.0%	100%
2;2.9	13.2%	3.8%	75.5%	1.9%	0.0%	0.0%	5.7%	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	100%
2;3.17	16.1%	0.0%	75.0%	2.4%	0.0%	0.0%	4.2%	0.0%	2.4%	0.0%	0.0%	100%
2;4.7	11.9%	5.6%	57.1%	4.0%	0.0%	0.0%	5.6%	12.7%	0.8%	2.4%	0.0%	100%
2;5.2	11.5%	1.6%	77.0%	1.6%	0.8%	0.0%	5.7%	0.8%	0.8%	0.0%	0.0%	100%
2;6.1	6.1%	2.7%	76.3%	4.1%	4.4%	0.7%	1.4%	1.4%	1.7%	1.0%	0.3%	100%
2;7.11	18.1%	4.8%	63.0%	2.2%	7.9%	0.0%	2.6%	0.0%	1.3%	0.0%	0.0%	100%
<b>Total</b>	<b>11.7%</b>	<b>2.8%</b>	<b>71.5%</b>	<b>2.7%</b>	<b>3.4%</b>	<b>0.2%</b>	<b>3.7%</b>	<b>2.1%</b>	<b>1.3%</b>	<b>0.6%</b>	<b>0.1%</b>	<b>100%</b>

	%	%	%				%	%	%			%
--	---	---	---	--	--	--	---	---	---	--	--	---

<b>Pedro</b>	1/1	2/2	3/3	1pl/1pl	3pl/3pl	1/*:2/*	3/1	3/2	3/3pl	3/3refl	3/3ref1pl	Total
2;7.16	22.5%	1.9%	56.8%	0.0%	3.8%	0.5%	10.3%	0.0%	4.2%	0.0%	0.0%	100%
2;8.0	10.6%	9.5%	59.3%	1.1%	2.1%	0.0%	12.2%	1.6%	3.7%	0.0%	0.0%	100%
2;8.25	15.7%	6.5%	60.8%	1.3%	3.3%	0.0%	7.2%	0.0%	5.2%	0.0%	0.0%	100%
2;10.10	18.0%	5.7%	61.1%	0.0%	3.3%	0.0%	7.6%	0.9%	2.4%	0.9%	0.0%	100%
2;11.1	17.8%	9.1%	54.8%	1.5%	12.2%	0.0%	2.0%	0.0%	2.0%	0.0%	0.5%	100%
3;1.15	13.2%	7.9%	75.1%	0.8%	0.5%	0.0%	1.6%	0.0%	0.8%	0.0%	0.0%	100%
<b>Total</b>	<b>16.0%</b>	<b>6.9%</b>	<b>63.2%</b>	<b>0.7%</b>	<b>3.7%</b>	<b>0.1%</b>	<b>6.1%</b>	<b>0.4%</b>	<b>2.7%</b>	<b>0.1%</b>	<b>0.1%</b>	<b>100%</b>

[Gonçalves 2004: 135-137]<sup>193</sup>

Elaborando sobre os dados obtidos, Gonçalves obtém, em média, os seguintes valores:

(59)

	1/1	2/2	3/3	1pl/1pl	3pl/3pl	3/1	3/2	3/3pl	Outros	Total
Luís	10.5%	2.3%	73.5%	1.1%	8.3%	1.0%	0.3%	2.1%	0.9%	100%
Raquel	26.6%	5.8%	59.4%	1.1%	2.9%	1.4%	0.9%	1.1%	0.8%	100%
João	11.7%	2.8%	71.5%	2.7%	3.4%	3.7%	2.1%	1.3%	0.9%	100%
Pedro	16.0%	6.9%	63.2%	0.7%	3.7%	6.1%	0.4%	2.7%	0.3%	100%
<b>Total</b>	<b>16.2%</b>	<b>4.5%</b>	<b>66.9%</b>	<b>1.4%</b>	<b>4.6%</b>	<b>3.1%</b>	<b>0.9%</b>	<b>1.8%</b>	<b>0.7%</b>	<b>100%</b>

[Gonçalves 2004: 172]

Assim, a autora nota que, ainda que o uso da forma de primeira pessoa do singular possa ser tido como substancial, a forma de terceira pessoa do singular se manifesta claramente predominante, constituindo cerca de 67%<sup>194</sup> do total de ocorrências de formas verbais<sup>195</sup>. Relativamente às formas do plural, também a forma de

<sup>193</sup> Relativamente à codificação dos dados obtidos: ‘1/1’, ‘2/2’, ‘3/3’, ‘1pl/1pl’, ‘3pl/3pl’ correspondem a “formas correctas constantes do paradigma original [i. e., do paradigma que inclui a forma arcaica de segunda pessoa do plural] (1/1 – primeira pessoa do singular onde deve estar 1ª pessoa do singular, etc.)” (Gonçalves 2004: 126); ‘2/3’, ‘3/1’, ‘3/2’, ‘3/3pl’, ‘3pl/3’ correspondem a “formas que constam em vez das correctas (1/2 – primeira pessoa do singular onde devia estar segunda do singular, etc.)” (Gonçalves 2004: 126); e ‘3/3(ref1)’, ‘3/3(ref1pl)’, ‘3/3(ref2)’, ‘3/3(ref3pl)’, ‘3pl/3pl(ref2pl)’ correspondem a “formas correctas gramaticalmente mas que se referem a pessoas diferentes das do paradigma original” (Gonçalves 2004: 126).

<sup>194</sup> Ou 72%, acrescentando a percentagem de utilização em contextos indevidos.

<sup>195</sup> De acordo com Gonçalves, a maior proeminência da forma de terceira pessoa do singular resulta, presumivelmente, do facto de esta constituir “a mais neutra, de um ponto de vista pragmático, dizendo respeito ao que não participa no acto comunicativo estabelecido entre o emissor e o receptor” (Gonçalves

terceira pessoa resulta privilegiada<sup>196</sup>, ocorrendo relativamente com a mesma frequência do que a forma de segunda pessoa do singular<sup>197</sup>. Ambas exibem, porém, frequências inferiores relativamente às formas de primeira e terceira pessoa do singular<sup>198</sup>. Finalmente, no que respeita ao conjunto de formas verbais usadas em contextos indevidos, é de salientar o predomínio quase exclusivo do uso da forma de terceira pessoa do singular em auto-referência.

Sendo que, segundo a autora, o traço gramatical de pessoa só pode ser dado como adquirido a partir do momento em que as formas de primeira pessoa do singular exibam uma frequência maior do que as formas de terceira pessoa do singular usadas em auto-referência<sup>199</sup>, as duas sessões iniciais de Luís e de João são tidas como fulcrais para avaliar a existência – ou não, de uma correlação entre a produtividade morfológica e a aquisição de movimento do verbo. Em relação a estas sessões, Gonçalves considera que algumas elocuições podem ser tidas como indicativas de que o parâmetro do movimento do verbo se encontra já consolidado, nomeadamente, aquelas em que um verbo antecede um advérbio (cf. (60))<sup>200</sup>, e aquelas envolvendo respostas a interrogativas globais (cf. (61))<sup>201</sup>:

---

2004: 203). A autora admite, porém, que, para línguas como o Inglês, o mesmo não se manifesta sustentável.

<sup>196</sup> Nomeadamente, em relação à forma de primeira pessoa do plural, uma vez que “a forma de segunda pessoa do plural utilizada contemporaneamente (‘você(s) vão’), aqui codificada como 3pl/3plref2pl, praticamente não surge” (Gonçalves 2004: 148) – ocorre apenas um exemplo no contexto de infinitivo flexionado.

<sup>197</sup> Tal como é possível observar em (60), a proeminência relativa das formas de segunda pessoa do singular e de terceira pessoa do plural é sujeita a variação inter-individual.

<sup>198</sup> De acordo com Gonçalves, as condições pragmáticas não permitem legitimar o ‘atraso’ global na produção de formas do plural, já que, “por diversas vezes, mais do que um adulto estava presente, sendo praticamente sempre esta a norma no caso de [Luís]” (Gonçalves 2004: 173). Consequentemente, a autora considera que, a este respeito, estão em causa factores de natureza cognitiva.

<sup>199</sup> De acordo com Gonçalves, são igualmente importantes as ocorrências de formas do tipo 3/3ref1, isto apesar de serem muitas vezes induzidas pelos adultos presentes.

<sup>200</sup> Tal como observa Gonçalves, “a admitir-se a possibilidade de adjunção à direita de VP, apenas exemplos do tipo ‘O João comprou aqui o livro’ (impossíveis em línguas como o Inglês; veja-se o exemplo ‘\*John bought here the book’)” (Gonçalves 2004: 353) devem ser considerados relevantes. Nesse sentido, é de salientar o facto de a autora registar, maioritariamente, exemplos em que os advérbios figuram ora em posição inicial (cf. (i.)), ora em posição final de frase (cf. (ii.)), sendo, no entanto, as frases produzidas conformes à língua alvo:

- i. LUI\_P\_01.cha": linha 1291.  
 \*MAE: mais.  
 \*LUI: já está.  
 %pho: ta ta  
 %syn: Osuj 1vestar 3/3 pres  
 \*INV: ta@u ta@u [% rep.].
- ii. LUI\_P\_02.cha": linha 338.  
 \*MAE: mais kómu@u [% rep.].  
 \*LUI: o (L)uis tem um u(r)sinho aqui.  
 %syn: 1suj 1v 3/3(ref1) pres 1obj

(60) a. JOA\_P\_02.CHA": linha 210.  
\*MAE: só (es)tá aqui mais um bocadinho.  
\*JOA: há ali um passarinho.  
%syn: 1vimps 3/3 pres 1obj  
\*MAE: acabou [= o iogurte].

b. JOA\_P\_02.CHA": linha 684.  
\*PAI: deixa~o virar [= as páginas].  
\*JOA: um palhacinho (es)tá aí.  
%syn: 1suj 1vestar 3/3 pres  
\*JOA: (es)tá aí palhacinho.  
%syn: 1vestar 3/3 pres 1sujp  
\*JOA: tem [=? (es)tá aí] o palhacinho.  
%pho: t6~ í u p6j6si'Ju  
%syn: ?0suj 1v 3/3 pres ?1obj

[Gonçalves 2004: 355-356]

(61) a. LUI\_P\_01.cha": linha 973.  
\*MAE: que(re)s qu(e) a mãe vá buscar um livro # pa(ra) lermos um livro aqui?  
\*LUI: que(r)o.  
%syn: 0suj 1v 1/1 pres 0obj  
\*MAE: sim?

b. JOA\_P\_01.CHA": linha 437.  
\*PAI: são formigas pequeninas,, não são # hum@i?  
\*JOA: são.

---

\*MAE: o Luis tem um ursinho aí # é verdade.

[Gonçalves 2004: 350-352]

A este respeito, são de considerar os dados de Costa & Friedmann (2007). Concretamente, tendo proposto uma tarefa de repetição de frases contendo a ordem verbo-advérbio-objecto a doze crianças com idades compreendidas entre os 2;01 e os 2;10 anos (média de 2;06), os autores observam que as crianças se manifestam, consistentemente, mal-sucedidas.

<sup>201</sup> De igual modo, de acordo com Santos (2006) e Costa & Friedman (2007), as respostas a interrogativas globais podem ser tidas como evidência sólida da fixação correcta do parâmetro do movimento do verbo.

%syn: 0suj 1vser 3pl/3pl pres

\*PAI: são.

[Gonçalves 2004: 353-359]

Assim, Gonçalves considera que, para as duas crianças em questão, é possível encontrar evidência da fixação correcta do parâmetro do movimento do verbo numa fase anterior à produção dos indicadores morfológicos tidos como relevantes, no âmbito da HCR.

Partindo do pressuposto de que as crianças dominam, desde muito cedo, “a configuração projecional e o movimento derivacional [...] associados”<sup>202</sup> ao processo de concordância verbal, a autora recorre à noção de subespecificação para legitimar não só o uso preferencial da forma verbal de terceira pessoa do singular, mas também os baixos índices de produtividade das restantes formas verbais<sup>203</sup>. Gonçalves assume, nesse sentido, que, embora a estrutura sintáctica disponível durante a fase inicial do processo de aquisição da linguagem equivalha à da gramática adulta, as categorias que integram o sistema funcional se encontram, inicialmente, subespecificadas. O uso preferencial das formas de terceira pessoa do singular, em particular, é concebido como resultando do facto de estas serem interpretadas como codificando traços (de concordância) de valor inespecífico, o que as torna compatíveis com qualquer que seja o sujeito da frase. A evolução para estádios de maiores índices de produtividade morfológica é, enfim, interpretada como o resultado do desenvolvimento do conhecimento lexical de cada criança, definido no âmbito de um processo geral de maturação cognitiva.

Costa (2004) e Costa & Loureiro (2006) questionam a hipótese de a experiência espoletadora da fixação do parâmetro do movimento do verbo, no PE, ser de natureza sintáctica.

Concretamente, os autores começam por avaliar que tipo de configurações sintácticas podem ser tidas como relacionadas com V-para-Flex, podendo, nesse sentido, servir de evidência para a fixação correcta do valor desse parâmetro. Relativamente a esta questão, desde Emonds (1978) e Pollock (1989) que tanto a ordem do verbo relativamente a um advérbio, como a negação, como os quantificadores

---

<sup>202</sup> Gonçalves 2004: 205

<sup>203</sup> Esta noção é igualmente adoptada em Ferdinand (1996) “para descrever o processo de aquisição da concordância verbal em Francês, também com um predomínio muito significativo de 3/3 nos primeiros estádios de desenvolvimento” (Gonçalves 2004: 208).

flutuantes são tidos como diagnósticos do movimento do verbo para o domínio flexional. Em particular, se o verbo preceder qualquer um destes elementos, isso constitui evidência da existência deste tipo de movimento, podendo, à partida, fazer parte da experiência relevante para a fixação do valor correcto do parâmetro V-para-Flex. Paralelamente, dada a correlação observada por Bobaljik (2000, 2002) entre complexidade estrutural e movimento do verbo, todo o tipo de construções que indiquem a existência de dois núcleos funcionais independentes, nomeadamente, construções transitivas expletivas e outras construções denotando o facto de existirem duas posições possíveis para o sujeito, ao nível do sistema flexional, podem constituir evidência para que as crianças fixem correctamente o valor do parâmetro do movimento do verbo.

Todavia, ao contrário das línguas germânicas, o PE não dispõe de construções transitivas expletivas, facto que permite imediatamente excluí-las da experiência espoletadora da fixação do parâmetro do movimento do verbo, nesta língua. De igual modo, tal como argumenta Costa (2003), apesar de o PE exibir duas posições possíveis para o sujeito, ao nível do sistema flexional – nomeadamente, as posições de especificador de Conc e de T, “the latter can only be occupied in contexts of I-to-C, and, even then, it can only be detected if there is a high adverb tracing the position of the subject”<sup>204</sup>:

- (62) a. [Conc’ O Pedro<sub>i</sub> [T’ sempre [TP v<sub>i</sub> tinha lido o livro.  
 b. \*[Conc’ [T’ sempre [TP O Pedro tinha lido o livro.
- (63) a. O que tinha<sub>j</sub> [Conc’ o Pedro<sub>i</sub> [T’ sempre [T’ v<sub>j</sub> lido...?.  
 b. O que tinha<sub>j</sub> [Conc’ [T’ sempre [T’ o Pedro t<sub>j</sub> lido...?

Assim, em (62), é possível observar que, em frases normais declarativas, o sujeito não pode ocorrer à direita de adjuntos a T’, ou seja, na posição de especificador de T. Em (63), verifica-se que o sujeito pode surgir nesta posição sempre que o verbo se tiver movido para uma posição hierarquicamente superior a Conc’. Deste modo, é possível constatar que “the construction that attests two subject positions between CP and VP is quite complex, and most importantly, arguably rare in the child’s input, since it involves questions with I-to-C, rare in spoken language, and the presence of a specific

---

<sup>204</sup> Costa & Loureiro 2006: 49



subclass of adverbs”<sup>205</sup>. Por estas razões, os autores concluem que esta construção não pode fazer parte da experiência espolietadora para a fixação do parâmetro V-para-Flex, no PE.

Relativamente aos diagnósticos tradicionais para avaliar a existência de movimento do verbo, os autores observam que também estes não constituem critérios válidos, no PE. Com efeito, tal como é defendido em Matos (1998), a negação é clítica, no PE, sendo gerada na categoria que hospeda o verbo. De particular importância é o facto de, mesmo nos casos em que o verbo se move – “[f]or instances, in cases of I-to-C movement”<sup>206</sup>, a negação se manifestar, ainda assim, pré-verbal:

(64) O que não<sub>NEG</sub> tinhas<sub>V</sub> tu feito?

No que respeita à posição do verbo em relação a advérbios e a quantificadores flutuantes, tanto a ordem que atesta o movimento como a ordem contrária são possíveis, no PE, tal como se pode observar em (65) e (66):

(65) a. Os meninos todos<sub>QF</sub> leram<sub>V</sub> o livro.  
b. Os meninos leram<sub>V</sub> todos<sub>QF</sub> o livro.

(66) a. O Pedro frequentemente<sub>ADV</sub> beija<sub>V</sub> a Maria.  
b. O Pedro beija<sub>V</sub> frequentemente<sub>ADV</sub> a Maria.

É, todavia, possível demonstrar que o movimento do verbo não é opcional, nesta língua, já que, para uma determinada subclasse de advérbios – nomeadamente, advérbios quantificacionais e advérbios homófonos com adjetivos, apenas a posição pós-verbal é possível:

(67) a. O João fala<sub>V</sub> muito<sub>ADV</sub> de sintaxe.  
b. \*O João muito<sub>ADV</sub> fala<sub>V</sub> de sintaxe.

(68) a. O João falou<sub>V</sub> baixo<sub>ADV</sub> com o pai.  
b. \*O João baixo<sub>ADV</sub> falou<sub>V</sub> com o pai.

---

<sup>205</sup> Costa & Loureiro 2006: 50

<sup>206</sup> Costa & Loureiro 2006: 50

No que respeita a esta questão, é de salientar que mesmo os advérbios de modo, que surgem tipicamente em posição pós-verbal, podem ocorrer em posição pré-verbal, ainda que com diferentes interpretações. Este facto que é ilustrado para o advérbio *mal*, em (15), que recebe um valor aspectual quando em posição pré-verbal, e para *estupidamente*, em (16), que, em posição pré-verbal, resulta orientado para o sujeito:

- (69) a. O João cantou<sub>V</sub> mal<sub>ADV</sub> o fado.  
b. O João mal<sub>ADV</sub> cantou<sub>V</sub> o fado.
- (70) a. O João respondeu<sub>V</sub> estupidamente<sub>ADV</sub> à pergunta.  
b. O João estupidamente<sub>ADV</sub> respondeu<sub>V</sub> à pergunta.

Assim, os autores concluem que a ordem do verbo relativamente à negação e aos quantificadores flutuantes não pode fazer parte da experiência que permite fixar correctamente o parâmetro do movimento do verbo, no PE. De igual modo, e dado que os únicos advérbios que fornecem informação relevante nesse sentido integram um conjunto restrito de advérbios de modo – advérbios quantitativos, advérbios homófonos com adjetivos, e advérbios que não podem ocorrer em posição pré-verbal associados a diferentes significados, Costa e Costa & Loureiro argumentam que, no que respeita à fixação do parâmetro do movimento do verbo, a informação sintáctica “that can function as experience for the child is not simpler than the mastery of a complete morphological paradigm”<sup>207</sup>.

De igual modo, assumindo que os dados relativos à produtividade morfológica podem não constituir indicadores fiáveis do domínio do paradigma flexional verbal, Costa (2004) leva a cabo uma experiência para testar a sensibilidade das crianças a contrastes morfológicos e aos contrastes de ordem de palavras tidos como relevantes. Concretamente, o autor propõe uma tarefa de avaliação de gramaticalidade a uma amostra de 11 crianças com idades compreendidas entre os 3;01 e os 4;00 anos (média de 3;05). As condições testadas incluem sensibilidade a ordem de palavras (OP) – usando frases agramaticais contendo ordens advérbio-verbo (cf. (71 a.)), sensibilidade a morfologia de pessoa (P) - usando frases agramaticais em que o sujeito e o verbo não

---

<sup>207</sup> Costa & Loureiro 2006: 52

concordam em pessoa (cf. (71 b.)), sensibilidade a morfologia de número (N) – usando frases agramaticais em que o sujeito e o verbo não concordam em número (cf. (71 c.)) e sensibilidade a finitude (F) – usando frases agramaticais contendo infinitivos de raiz (cf. (71 d.))<sup>208</sup>:

- (71)
- a. A minha mãe rápido fez o jantar.
  - b. Eu moras na Quinta do Anjo.
  - c. A minha mãe cozinham muito bem.
  - d. Eu cantar muito bem.

O material testado consistiu, no total, em vinte e sete frases – três por cada condição testada, seis distractores gramaticais e nove agramaticais, tendo sido obtidos os seguintes resultados:

(72)

	OP	P	N	F
Rejeições correctas	19%	96%	89%	81%

Tal como é possível observar em (72), as crianças manifestam-se sensíveis aos contrastes morfológicos testados 89% das vezes, mas rejeitam os contrastes sintácticos considerados relevantes apenas 19% das vezes.

Elaborando sobre os dados obtidos, Costa e Costa & Loureiro assumem “that it cannot be maintained that syntax is the relevant experience for setting V-to-I, since children, at an age in which V-to-I is acquired, are not sensitive to the only syntactic facts<sup>[209]</sup> that might constitute positive evidence for the right setting of this parameter in European Portuguese”<sup>210</sup>. Pelo contrário, “given their high accuracy in the morphological

<sup>208</sup> É de salientar que as frases testadas incluem apenas verbos regulares e bastante frequentes. Paralelamente, a escolha dos advérbios para a condição relativa à ordem de palavras teve em conta a conclusão de que apenas alguns advérbios são agramaticais na ordem Adv-V.

<sup>209</sup> Entenda-se: a informação relevante relativa a ordem de palavras. Com efeito, de acordo com Santos (2006) e Costa & Friedmann (2007), as respostas a interrogativas globais podem, igualmente, servir de evidência para a fixação correcta do parâmetro do movimento do verbo.

<sup>210</sup> Costa & Loureiro 2006: 56

conditions it is legitimate to suppose that morphology is the relevant trigger for setting V-to-I”<sup>211 212</sup>.

### 5.3.1.1 *Trabalho experimental*

A experiência que se descreve nas secções seguintes cumpre o objectivo de avaliar se, no que respeita à aquisição dos paradigmas de flexão verbal, no PE, os resultados referentes à sensibilidade/compreensão podem, de algum modo, reflectir os dados existentes relativos à produção. A observar, tal como em Costa (2004), a existência de uma assimetria deste tipo – crucial na determinação de uma hipotética correlação entre o domínio da flexão verbal e a fixação do parâmetro do movimento do verbo, procurar-se-á, de igual modo, identificar a que tipo de condições é que as crianças demonstram maiores índices de sensibilidade: condições de natureza morfológica ou condições sintácticas relacionadas com a ordem relativa entre verbo e advérbios.

#### 5.3.1.1.1 *Metodologia*

Foi proposta uma tarefa de avaliação de gramaticalidade a um conjunto de 15 crianças (8 do sexo masculino e 7 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 39 e os 71 meses<sup>213 214</sup>. Todas as crianças eram falantes monolíngues de PE (sem contacto regular com outra língua) e nenhuma apresentava distúrbios cognitivos ou linguísticos diagnosticados. Os testes foram levados a cabo nas creches por elas frequentadas.

---

<sup>211</sup> Costa & Loureiro 2006: 56

<sup>212</sup> No que respeita à assimetria verificada entre os dados em (18) e os dados de Gonçalves (2004), relativos à produtividade morfológica, Costa e Costa & Loureiro assumem a existência de uma diferença crucial “between triggers for parameter setting and derivational triggers” (Costa & Loureiro 2006: 57). Concretamente, de acordo com os autores, “it makes sense that mastery of V-to-I precedes the acquisition of complete paradigms, since accuracy in production of the morphology implies knowing the output of syntax, and acquiring the rules internal to the Morphological component” (Costa & Loureiro 2006: 56). Para os autores, os altos índices de sensibilidade à morfologia flexional verbal, por oposição aos baixos índices de sensibilidade às ordens de palavras consideradas relevantes, parecem, no entanto, indicar que “the relevant trigger for setting V-to-I is morphological” (Costa & Loureiro 2006: 57).

<sup>213</sup> Apesar de terem sido testadas 18 crianças no total, 3 delas foram, à partida, excluídas – uma por manifestar uma estratégia automatizada de resposta, e as outras por não terem compreendido a tarefa.

<sup>214</sup> Tendo como objectivo a constituição de um grupo controle, foram, igualmente testados 15 adultos (9 do sexo masculino e 6 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 283 e 543 meses.

Seguindo a metodologia original de Costa (2004), as condições testadas foram divididas em dois grupos distintos: condições de natureza morfológica (M) e condições de natureza sintáctica relacionadas com a ordem relativa entre verbo e advérbios (OP). As condições de natureza morfológica encontravam-se, ainda, divididas em quatro condições, consoante os contrastes de concordância sujeito-verbo fossem relativos a traços gramaticais de pessoa (P), número (N), pessoa e número (PN) ou finitude (F). Assumindo que os índices de sensibilidade a contrastes morfológicos poderiam também depender dos traços gramaticais de tempo e/ou da regularidade/irregularidade das formas verbais considerou-se, igualmente, relevante assegurar que os itens de teste veiculassem este tipo de informação<sup>215</sup>. Nesse sentido, foram elaborados quatro testes distintos<sup>216</sup>, cada um deles incluindo: oito frases agramaticais contendo ordens advérbio-verbo (cf. (73 a.)), doze frases agramaticais em que o sujeito e o verbo não concordavam em pessoa (cf. (73 b.)), seis frases agramaticais em que o sujeito e o verbo não concordavam em número (cf. (73 c.)), seis frases agramaticais em que o sujeito e o verbo não concordavam em pessoa e em número (cf. (73 d.)), e quatro frases agramaticais contendo infinitivos de raiz (cf. (73 e.)):

- (73) a. A Andreia baixo falou com a irmã.  
b. Tu pinto um quadro.  
c. Eu damos uma prenda à Ana.  
d. Nós telefonou à Maria.  
e. Vocês ver desenhos animados.

Aos itens correspondentes às condições de teste em causa acresceram, ainda, distractores de natureza positiva (DP) e negativa (DN). Concretamente, e para cada um dos testes, foram incluídas: oito frases gramaticais contendo ordens verbo-advérbio – DP<sup>1</sup> (cf. (74 a.)), seis distractores positivos – DP<sup>2</sup> (cf. (74 b.)), e seis distractores negativos – DN (cf. (74 c.))<sup>217 218</sup>:

---

<sup>215</sup> Dada a sua transversalidade relativamente às condições anteriormente enunciadas, estas foram, no entanto, tidas como secundárias, pretendendo-se, assim, apenas obter possíveis orientações no âmbito de futura investigação.

<sup>216</sup> Consequentemente, assumiu-se que as respostas das crianças seriam influenciadas pelas condições gramaticais dos itens de teste e não pelo seu tema.

<sup>217</sup> As frases testadas incluíram apenas verbos bastante frequentes. Na sequência de Costa (2004), a escolha dos advérbios para a condição relativa à ordem de palavras teve em conta a conclusão de que apenas alguns advérbios são agramaticais na ordem Adv-V (cf. 5.3.1: 73).

<sup>218</sup> Os itens de teste encontram-se listados integralmente em anexo (cf. *Anexos*).

- (74) a. A Joaquina gosta pouco de amendoins.  
b. A Cristina sabe tocar guitarra.  
c. A minha mãe se chama Gertrudes.

Os critérios utilizados para a instanciação dos diferentes itens de teste observaram a necessidade não só de associar um número mínimo de itens a cada uma das condições testadas – evitando, no entanto, que o total de itens em teste ultrapassasse o limite do razoável, mas também de equilibrar o número de itens associados às condições testadas e os distractores – procurando, assim, evitar que as crianças recorressem a uma estratégia automatizada de resposta<sup>219</sup>.

Relativamente ao procedimento utilizado para a apresentação da tarefa, e dada a faixa etária da amostra em estudo, assumiu-se que uma animação de cariz interactivo se pudesse manifestar apelativa<sup>220</sup>. De (75) a (77), é possível observar algumas das ‘células’ utilizadas. Assim, começa-se por apresentar um ser extraterrestre, cuja nave se despenha no local onde pastam cinco ovelhas:

(75)

---

<sup>219</sup> A decisão de incluir um maior número de itens de teste associados à condição P – nomeadamente, em relação às condições N e PN, prendeu-se, essencialmente, com o facto de, em literatura recente relativa à produção de flexão verbal (cf. 5.3.1: 68-69), a consolidação do traço gramatical de pessoa ser apontada como posterior à consolidação de factos sintácticos relativos à ordem verbo-advérbio. Pretendia-se, deste modo, assegurar que os resultados relativos a esta condição se pudessem manifestar, sem margem para dúvidas, como estatisticamente relevantes. Igualmente, dado o atraso que, no âmbito da literatura relativa à aquisição de flexão verbal, é usual observar-se na produção de formas de plural, considerou-se relevante incluir um número suficiente de itens contendo contrastes de pessoa no singular e no plural. Neste sentido, pretendia-se, fundamentalmente, determinar se os dados relativos à sensibilidade a flexão verbal poderiam ou não corroborar tal observação.

<sup>220</sup> Tendo em conta o facto de as crianças em estudo exibirem uma média de idades superior à daquelas testadas em Costa (2004), assumiu-se que a medição dos tempos de resposta aos itens de teste individuais – assegurada pela animação utilizada, poderia contribuir para aferir os índices de sensibilidade às condições em estudo. Dados os resultados obtidos para a tarefa proposta, não se afigurou, porém, necessário proceder ao tipo de análise em questão. Independentemente, a utilização de uma animação no âmbito da tarefa proposta cumpriu o objectivo neutralizar eventuais variações na elocução dos itens de teste.



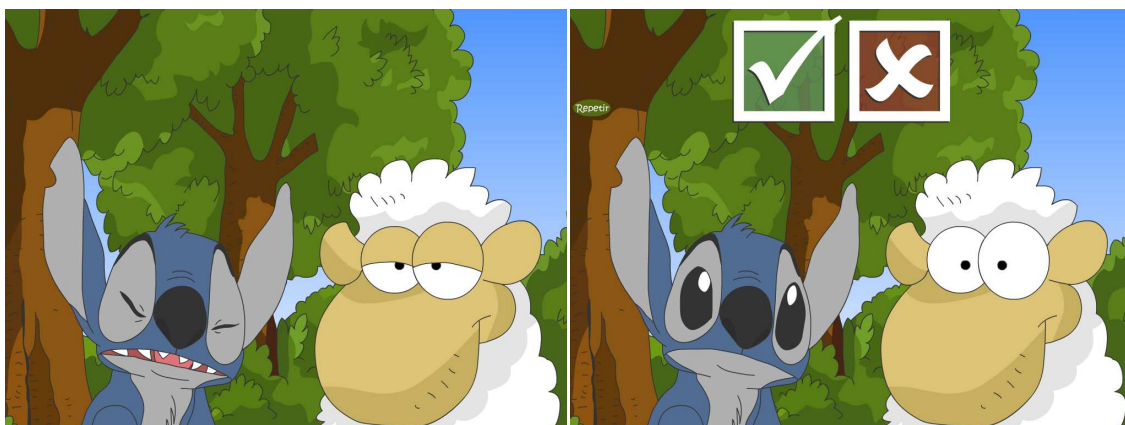
Apercebendo-se da vontade do extraterrestre de comunicar com os humanos, as ovelhas tentam ensiná-lo a falar Português:

(76)



Dado que as ovelhas não sabem falar tão bem Português como os humanos, é pedido às crianças que digam se acham que o extraterrestre está, ou não, a falar bem Português:

(77)



### 5.3.1.1.2 Resultados

Tendo em vista a análise e interpretação dos dados obtidos, procedeu-se à conversão, de acordo com uma escala binomial, das respostas aos itens de teste. Assim, enquanto o valor '0' corresponde a uma frase rejeitada, o valor '1' corresponde a uma frase aceite. Em (78), encontram-se registadas as proporções de frases aceites/rejeitadas pelos indivíduos integrando ambas amostras, em função das condições em estudo.

(78)

	ID	Idade (meses)	Sexo	OP	P	N	PN	F	M	DP <sup>1</sup>	DP <sup>2</sup>	DN
Crianças	1	39	F	0,67	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,75	0,00
	2	48	M	0,63	0,33	0,67	0,50	0,50	0,33	0,50	0,63	1,00
	3	54	M	0,5	0,00	0,17	0,50	0,14	0,17	0,08	0,25	0,00
	4	56	F	0,33	0,00	0,33	0,00	0,11	0,00	0,00	0,33	0,00
	5	57	M	0,38	0,50	0,67	0,50	0,54	0,83	0,50	0,38	0,50
	6	60	M	0	0,33	0,00	0,00	0,07	0,00	0,00	0,38	0,50
	7	62	F	0,88	0,00	0,00	0,75	0,18	0,67	0,17	0,00	0,17
	8	63	F	0,75	0,50	0,50	0,50	0,36	0,33	0,17	0,13	0,17
	9	63	M	0,67	0,20	0,33	0,50	0,27	0,75	0,20	0,50	0,00
	10	64	M	0,63	0,50	0,50	0,25	0,29	0,67	0,08	0,13	0,00
	11	64	F	0,88	0,17	0,00	0,75	0,18	0,67	0,08	0,13	0,17
	12	65	M	0	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,13	0,00
	13	69	F	0,63	0,33	0,33	0,50	0,32	0,83	0,25	0,13	0,00



	14	71	F	0,5	0,83	0,67	0,50	0,64	0,83	0,58	0,75	0,17
	15	71	M	0,75	0,17	0,33	1,00	0,25	0,50	0,00	0,63	0,50
Adultos	1	283	M	0,13	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	2	315	F	0	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,17
	3	332	M	0	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,17
	4	333	F	0	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,13	0,00	0,00
	5	337	M	0,38	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,17
	6	345	M	0	0,08	0,00	0,17	0,00	0,07	0,00	0,00	0,17
	7	346	M	0,5	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,67
	8	351	M	0	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	9	382	M	0	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,13	0,00	0,17
	10	388	M	0	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,13	0,00	0,17
	11	403	F	0,13	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,17
	12	404	F	0	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,17
	13	409	M	0	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
	14	411	F	0,5	0,00	0,00	0,00	0,50	0,07	0,00	0,00	0,33
	15	543	F	0	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,13	0,00	0,00

Tendo em conta que as crianças número 1 e número 4 responderam, respectivamente, a apenas 23 e a 19 dos itens de teste, e considerando que tal poderia afectar os resultados da presente análise, estas foram eliminadas do estudo<sup>221</sup>. Após a remoção destas crianças, a idade mínima registada para o grupo passou a ser de 48 meses, fixando-se a média de idades nos 62 meses. Em (79), é possível observar os resultados globais obtidos para as duas amostras, em função das condições em estudo.

(79)

	Adultos			Crianças		
	Mínimo	Máximo	Média	Mínimo	Máximo	Média
Idade (meses)	283	543	372,13	48	71	62,38
OP	,00	,50	,1083	,00	,88	,5513
P	,00	,08	,0056	,00	,58	,2013

<sup>221</sup> De igual modo, a criança número 12 respondeu apenas a 43 itens de teste, facto que, todavia, não foi considerado terminante para a sua remoção.

N	,00	,00	,0000	,00	,83	,2974
PN	,00	,17	,0111	,00	,67	,3205
F	,00	,50	,0333	,00	1,00	,4808
M	,00	,07	,0094	,00	,64	,2875
DP1	,00	,12	,0333	,00	,75	,3173
DP2	,00	,00	,0000	,00	1,00	,2436
DN	,00	,67	,1556	,00	,83	,5064

### 5.3.1.1.3 *Análise estatística*

Tendo em conta o número de indivíduos constituindo ambas as amostras – inferior a 30, procedeu-se à análise inferencial dos dados obtidos recorrendo a testes de natureza não-paramétrica.

Assim, e em primeiro lugar, salienta-se o facto de não terem sido identificadas correlações significativas entre a idade dos indivíduos testados e qualquer das condições em análise. De igual modo, não foram registadas correlações significativas entre as condições P+N+PN+F, por um lado, e OP, por outro ( $\rho=0,083$ ;  $p=0,786$ ). Foram, pelo contrário, registadas correlações significativas entre todas as condições morfológicas excepto F. Concretamente encontram-se correlacionadas positivamente as condições P e PN ( $\rho=0,727$ ;  $p=0,005$ ), N e PN ( $\rho=0,786$ ;  $p=0,001$ ), e P e N ( $\rho=0,559$ ;  $p=0,047$ )<sup>222</sup>.

Relativamente à hipótese concreta de trabalho, e tendo como objectivo avaliar a significância da diferença entre os resultados para o conjunto das condições morfológicas e a condição sintáctica relativa à ordem de palavras relevante, foi utilizado o teste de Wilcoxon. Os resultados obtidos indicam a existência de diferenças significativas entre o conjunto de observações registadas para as condições P+N+PN+F e ON ( $p=0,015$ ), e, particularmente, entre P e ON ( $p=0,009$ ), e PN e ON ( $p=0,036$ )<sup>223</sup>

224 .

<sup>222</sup> No âmbito desta questão, é de salientar o facto de a condição F se encontrar, todavia, correlacionada positivamente com a condição ON, significando que uma criança mostrando uma tendência para não detectar agramaticalidades em frases em que o verbo se encontre no infinitivo (F), mostra, igualmente, uma tendência para não as detectar quando é alterada a ordem verbo-advérbio (ON) ( $\rho=0,794$ ;  $p=0,001$ ).

<sup>223</sup> Entre as condições N e ON regista-se uma diferença marginalmente significativa ( $p=0,054$ ).

<sup>224</sup> É de salientar, porém, que, comparando as duas amostras em estudo, e de acordo com o teste de Mann-Whitney, se obtiveram valores de  $p$  altamente significativos para todas as condições, o que indica que não existem semelhanças entre as duas amostras para qualquer das condições testadas. Assim, independentemente das faixa etária da amostra em estudo, é possível observar que as noções básicas de flexão verbal não se encontram adquiridas da mesma forma que nos adultos.

### 5.3.1.1.3 *Interpretação dos resultados*

Ao analisar as diferenças entre as condições testadas é de notar, em primeiro lugar, que os resultados obtidos seguem a mesma tendência daqueles presentes em Costa (2004), confirmando, deste modo, a existência de uma assimetria, no domínio aquisição dos paradigmas de flexão verbal do PE, entre os resultados referentes à sensibilidade/compreensão e os dados existentes relativos à produção.

De igual modo, é possível observar que a proporção de erros referentes ao conjunto formado pelas condições morfológicas (P+N+PN+F) se manifesta significativamente distinta daquela relativa à condição OP. Concretamente, a média de proporção de erros para esta condição constitui praticamente o dobro da média obtida para as condições morfológicas, facto que indica que as crianças demonstram maiores índices de sensibilidade a agramaticalidades de natureza morfológica do que a agramaticalidades relacionadas com a ordem advérbio-verbo.

Finalmente, é possível observar que os valores obtidos para a condição P constituem a menor proporção máxima mas também a menor proporção média de erros para todas as condições analisadas. Assim, é possível concluir que, no âmbito da faixa etária estudada, as crianças detectam mais facilmente agramaticalidades associadas ao facto de o verbo e o sujeito não concordarem em pessoa do que quaisquer outras condições em análise.

## 6 *Conclusão*

No âmbito da presente dissertação, procurou-se abordar a relação entre a aquisição de flexão verbal e de movimento do verbo. Particularmente, assumindo como objecto de estudo uma amostra de crianças adquirindo o Português Europeu, procedeu-se à avaliação comparativa dos respectivos índices de sensibilidade a contrastes de natureza morfológica e a contrastes sintácticos relacionados com a ordem relativa dos constituintes verbo e advérbio. Os resultados obtidos permitiram, em primeiro lugar, observar a existência de uma assimetria, no domínio aquisição dos paradigmas de flexão verbal, entre os resultados referentes à sensibilidade/compreensão e os dados existentes relativos à produção. A constatação de uma tal assimetria, permite, antes de mais, refutar a assunção generalizada de que os dados referentes à produção constituem, por si

só, uma medida válida de avaliação do desenvolvimento linguístico de uma criança. Com efeito, uma assunção deste tipo caracteriza-se por contrariar uma das distinções que maior relevância assumem na delimitação do próprio quadro de investigação generativo: a distinção entre ‘competência’ e ‘performance’. Assim, se é sabido que, no que respeita à gramática adulta, o conhecimento linguístico interiorizado que permite a um falante produzir e reconhecer uma infinidade de sequências gramaticais não corresponde ao uso efectivo da linguagem em situações de fala concretas e reais, não se manifesta legítimo pressupor a existência de uma tal correspondência no que se refere ao período de aquisição da linguagem.

No que respeita à natureza da experiência espoletadora da fixação do parâmetro do movimento do verbo, constatou-se, em primeiro lugar, que, assumindo a hipótese, empiricamente motivada, de que o processo de aquisição da linguagem ocorre de forma determinística, os dados sintácticos relativos a ordem de palavras, no PE, não se manifestam, na sua generalidade, suficientemente robustos. Tendo em conta que, no âmbito da amostra testada, as crianças não se manifestam sensíveis ao único tipo de dados que, nos termos em questão, se assumiu constituírem evidência não ambígua do valor do parâmetro do movimento do verbo, conclui-se, independentemente, que, no PE, a ordem de palavras não deve ser considerada relevante para a fixação do valor de V-para-Flex. Os altos índices de sensibilidade demonstrados pelas crianças às condições morfológicas em teste legitimam, pelo contrário, a assunção, teoricamente sustentável, de que o domínio da flexão verbal constitui parte integrante da experiência espoletadora da ligação deste parâmetro.

No âmbito da presente secção, afigura-se, porém, necessário, assumir as limitações imputáveis à interpretação em causa dos dados obtidos. Assim, e em primeiro lugar, é de salientar que, assumindo uma análise não paradigmática da relação entre o factor de riqueza morfológica de uma língua e a existência de movimento do verbo, apenas a sensibilidade a flexão verbal não amalgamada pode ser interpretada como determinante. Concretamente, tendo em conta o paradigma flexional verbal do PE, apenas os índices de sensibilidade a formas verbais do Pretérito Imperfeito podem ser tidos como indicadores de que as crianças têm noção da complexidade estrutural que caracteriza o sistema flexional da sua língua, e, conseqüentemente, da necessidade de o verbo se mover<sup>225 226</sup>.

---

<sup>225</sup> No âmbito da experiência descrita na presente dissertação, pretendeu-se, fundamentalmente, replicar os resultados obtidos por Costa (2004). Não se avaliou, portanto, a significância estatística das condições

De igual modo, é de referir que os altos índices de sensibilidade aos contrastes morfológicos testados não implicam, em sentido estrito, que as crianças dominem o conjunto de formas constitutivas do paradigma flexional verbal do PE, mas apenas a noção de que o sujeito e o verbo devem estabelecer entre si uma relação de concordância. Assim, é possível conceber que a rejeição de uma frase instanciando uma condição de tipo morfológico traduza apenas o facto de as crianças assumirem que a forma verbal utilizada não concorda com os traços gramaticais codificados pelo sujeito, e não o contrário – reflectindo, deste modo, a natureza assimétrica da relação de concordância.

Finalmente, é de salientar que os dados relativos a ordem de palavras não constituem os únicos dados de natureza sintáctica podendo evidenciar a existência de movimento do verbo. Com efeito, o facto de as crianças produzirem respostas verbais a interrogativas globais, por exemplo – indica não só que o parâmetro do movimento do verbo se encontra especificado positivamente, na sua gramática, mas também que o tipo de construções em questão pode ser tido como fazendo parte da experiência espoletadora relevante para efeitos da ligação paramétrica<sup>227</sup>.

### *Referências bibliográficas*

ALEXIADOU, A. & E. Anagnostopoulou (1998) «Parametrizing AGR: Word Order, Verb-movement and EPP checking», *Natural Language and Linguistic Theory*, 16:3, 491-539.

---

associadas aos tempos verbais utilizados. É, todavia, de salientar o facto de, a respeito desta questão, não se terem verificado assimetrias percentuais dignas de destaque.

<sup>226</sup> Os resultados obtidos – nomeadamente, no que respeita à sensibilidade à condição morfológica de pessoa, consubstanciam, ainda assim, um dos fios condutores das análises de tipo paradigmático, que se traduz na importância que o traço gramatical de pessoa desempenha na distinção entre línguas exibindo, ou não, movimento do verbo.

<sup>227</sup> A respeito desta questão, é, todavia, de realçar o facto de o movimento do verbo ser, usualmente, considerado como condição de licenciamento da elipse de SV – e não o contrário. De igual modo, é de salientar que o tipo de construções em causa não permitem avaliar o grau de complexidade que caracteriza um determinado sistema flexional. Assumindo que a disponibilidade do movimento do verbo depende do factor de complexidade estrutural de uma língua, as construções em causa podem ser tidas como constituindo apenas um diagnóstico da disponibilidade de V-para-Flex e não propriamente a propriedade que o espoleta.

- ALEXIADOU, A. & G. Fanselow (2000) «On the correlation between Morphology and Syntax: the Case of V-to I», W. Abraham & J.W. Zwart (eds.), *Proceedings from the 15th CGSW*, John Benjamins, 219-242.
- ANDERSON, S. R. (1982) «Where's Morphology?», *Linguistic Inquiry*, 13:4, 571-612.
- AVRAM, L. (2002a) «Generative Linguistics and Language Acquisition», *An Introduction to Language Acquisition from a Generative Perspective*, University of Bucharest, Bucharest (disponível *online* em <http://ebooks.unibuc.ro/filologie/avram/2.pdf>).
- AVRAM, L. (2002b) «Models of Syntactic Development», *An Introduction to Language Acquisition from a Generative Perspective*, University of Bucharest, Bucharest (disponível *online* em <http://ebooks.unibuc.ro/filologie/avram/41.pdf>).
- AVRAM, L. (2002c) «Accounts of the Optional Infinitive Stage», *An Introduction to Language Acquisition from a Generative Perspective*, University of Bucharest, Bucharest (disponível *online* em <http://ebooks.unibuc.ro/filologie/avram/42.pdf>).
- BAKER, M. C. (1985) «The Mirror Principle and Morphosyntactic Explanation», *Linguistic Inquiry*, 16:3, 373–415.
- BAKER, M. C. (1988) *Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing*, The University of Chicago Press, Chicago.
- BARNES, M. (1987) «Some remarks on subordinate-clause word order in Faroese», *Scripta Islandica*, 38, 3-35.
- BAILYN, J.F. (2001) «On Scrambling: A Reply to Bosković and Takahashi», *Linguistic Inquiry*, 32, 635-658.
- BEL, A. (2001) «The projection of Aspect: A key in the acquisition of finiteness?», M. Almgren et al. (eds.), *Research on Child Language Acquisition. Proceedings of the 8th Conference of the International Association for the Study of Child Language*, Somerville, MA: Cascadilla Press.
- BELLETTI, A. (1990) *Generalized Verb Movement*, Torino: Rosenberg & Sellier.
- BENVENISTE, E. (1971) *Problems in General Linguistics*, Miami: University of Miami Press.
- BERWICK, R.C. (1985) *Acquisition of syntactic knowledge*, Cambridge, MA: MIT Press.
- BOBALJIK, J. (1995) *Morphosyntax: the syntax of verbal inflection*, Ph.D. Dissertation, MIT, Cambridge, Mass.
- BOBALJIK, J. (2000) «The rich agreement hypothesis in review», Draft 1.1, McGill University.

- BOBALJIK, J. (2002) «Realizing germanic inflection: Why morphology does not drive syntax», *Journal of Comparative Germanic linguistics*, 6, 129-167.
- BOBALJIK, J. & D. Jonas (1996) «Subject positions and the roles of TP», *Linguistic Inquiry*, 27, 195-236.
- BOBALJIK, J. & H. Thráissón (1998) «Two heads aren't always better than one», *Syntax* 1.1, 37-71.
- BORER H. & B. Rohrbacher (2002) «Minding the absent: arguments for the full competence hypothesis», *Language Acquisition*, 10:2.
- BORER, H. & K. Wexler (1987) «The Maturation of Syntax», T. Roeper & E. Williams (eds.), *Parameter Setting*, Dordrecht: Reidel Inc.
- BOSER, B. et al. (1992) «A training algorithm for optimum margin classifiers», Fifth Annual Workshop on Computational Learning Theory, Pittsburgh. ACM.
- BROWN, R & C. Hanlon (1970) «Derivational complexity and order of acquisition in child speech», J. R. Hayes (ed.), *Cognition and the Development of Language*, New York, Wiley.
- de CAT, C. (2005) «French subject clitics are not agreement markers», *Lingua*, 115, 1195-1219.
- CHOMSKY, N. (1965) *Aspects of the theory of syntax*, Cambridge, MA: MIT Press.
- CHOMSKY, N. (1966b) *Topics in Theory of Generative Grammar*, Mouton, The Hague.
- CHOMSKY, N. (1980a) «On Binding», *Linguistic Inquiry*, 11:1, 146.
- CHOMSKY, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*, Foris, Dordrecht.
- CHOMSKY, N. (1989) «Some Notes on Economy of Derivation and Representation», Laka, I. & A. Mahajan (eds.), *MIT Working Papers in Linguistics*, 10, MIT, Cambridge, Massachussets.
- CHOMSKY, N (1995) *O Programa Minimalista*, Trad. de Eduardo Raposo, Caminho.
- CHOMSKY, N. (1998) «Minimalist Inquiries: The Framework», *MIT Occasional Papers in Linguistic*, 15, Cambridge, Massachussets: MIT Working Papers in Linguistics.
- CHOMSKY, N. (2000) «Knowledge of Language: its Nature, Origin and Use», Robert J. Stainton (ed.), *Perspectives in the Philosophy of Language*, Ontario: Broadview, 3-44.
- CHOMSKY, N. (2001a) «Derivation by Phase», K. Hale & M. Kenstowicz (eds.), *Ken Hale: A life in language*, Cambridge, MA: MIT, 1-52.

- CHOMSKY, N. (2001b) «Beyond Explanatory Adequacy», MIT Occasional Papers in Linguistics, 20.
- CHOMSKY, N. (2006) «Approaching UG from below», Ms. MIT.
- CLAHSEN, H. (1989) «The grammatical characterization of developmental dysphasia», *Linguistics*, 27, 897-920.
- CLAHSEN, H. (1992) «Learnability theory and the problem of development in language acquisition», J. Weissenborn, H. Goodluck & T. Roeper (eds.), *Theoretical issues in language acquisition*, Hillsdale: Erlbaum, 53-76.
- COOK, V. J. (1988) *Chomsky's Universal Grammar: An Introduction*, Basil Blackwell, Oxford.
- COSTA, J. (1998a) *Word Order Variation. A Constraint-Based Approach*, HIL, Haia.
- COSTA, J. (1998b) «Projeções Funcionais em Teoria da Optimalidade», Actas do XIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística, A.P.L./Colibri, Aveiro.
- COSTA, J. (2003) «Null vs overt Spec,TP in European Portuguese», Josep Quer et al. (orgs.), *Romance Languages and Linguistic Theory*, John Benjamins, 31-47.
- COSTA, J. (2004) «The acquisition of word order and verbal inflection: production vs comprehension», Comunicação apresentada no Workshop on Acquisition of Morphology, integrado no 11th International Morphology Meeting, Universidade de Viena.
- COSTA, J. & C. Galves (2000) «Peripheral Subjects in Two Varieties of Portuguese: Evidence for a Non-Unified Analysis», Comunicação apresentada no Congresso Going Romance, Utrecht.
- COSTA, J. & I. Duarte (2002) «Preverbal Subjects in Null Subject Languages Are not Necessarily Dislocated», *Journal of Portuguese Linguistics*, 1, 159-175.
- COSTA, J & J. Loureiro (2006) «Morphology vs. Word Order in the Acquisition of V-to-I», *Catalan Journal of Linguistics*, 45-58.
- COSTA, J. & M. C. F. Silva (2004) «Os anos 90 na gramática gerativa», Fernanda Mussali & Anna Benthés (eds.), *Introdução à Lingüística: fundamentos epistemológicos*, São Paulo: Cortez Editora, 3, 131-164.
- COSTA, J. & N. Friedmann (2007) «Hebrew and Arabic children going Romance: the acquisition of subject verb order», Comunicação apresentada no Going Romance - 21st Symposium on Romance Linguistics, Amesterdam.
- CRAIN S. & J. Fodor (1987) «Sentence matching and overgeneration», *Cognition*, 26, 123-169.



- CRAIN, S. & R. Thornton (1998) *Investigations in Universal Grammar: A Guide to Experiments in the Acquisition of Syntax and Semantics*, The MIT Press: Cambridge, MA.
- DÉPREZ, V. & A. Pierce (1993) «Negation and Functional Projections in Early Child Grammar», *Linguistic Inquiry*, 24, 47-85.
- DUARTE, I. (1997) «Ordem de Palavras: Sintaxe e Estrutura Discursiva», Ana M<sup>a</sup> Brito, Fátima Oliveira, Isabel Pires de Lima e Rosa Maria Martelo (orgs.), *Sentido que a Vida Faz - Estudos para Óscar Lopes*, Campo das Letras, Porto.
- EMONDS, J. (1976) *A Transformational Approach to English Syntax*, Academic Press, New York.
- EMONDS, J. (1978) «The verbal complex V'-V" in French», *Linguistic Inquiry*, 9, 151-175.
- FELIX, S. (1987) *Cognition and language growth*, Dordrecht, Foris.
- FERDINAND, A. (1996) *The Development of Functional Categories – the Acquisition of the Subject in French*, The Hague, Holland Institute of Generative Linguistics.
- FODOR, J. D. (1998a) «Unambiguous triggers», *Linguistic Inquiry*, 29, 1-36.
- FODOR, J. D. (1999) «Learnability theory: Triggers for parsing with», E. C. Klein & G. Martohardjono (eds.), *The Development of Second Language Grammars: A Generative Approach*, John Benjamins, Amsterdam.
- GIBSON, E. & K. Wexler (1994) «Triggers», *Linguistic Inquiry*, 25, 407-454.
- GONÇALVES, F. (2004) *Riqueza Morfológica e Aquisição da Sintaxe em Português Europeu e Brasileiro*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Évora.
- GUASTI M. (1994) «Verb Syntax in Italian Child Grammar: Finite and Nonfinite Verbs», *Language Acquisition*, 3, 1-40.
- GUASTI M. (2002) *Language acquisition. The growth of grammar*, MIT press.
- HALE, K. & S. J. Keyser (1993) «On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations», K. Hale & S. J. Keyser (eds.), *The View from Building 20: Essays in Linguistics in honor of Sylvain Bromberger*, Cambridge, MA: MIT Press, 53-110.
- HALLE, M. (1973) «Prolegomena to a Theory of Word Formation», *Linguistic Inquiry*, 4, 3–16.
- HALLE, M. & A. Marantz. (1993) «Distributed Morphology and the pieces of inflection», Ken Hale & Samuel Jay Keyser (eds.), *The View from Building 20: Essays in Linguistics in honor of Sylvain Bromberger*, Cambridge, MA: MIT Press, 111-176.

- HARRIS, T. & K. Wexler (1996) «The optional infinitive stage in child English: Evidence from negation», H. Clahsen (ed.), *Generative Perspectives on Language Acquisition*, John Benjamins, Amsterdam.
- HOEKSTRA, T. & N. Hyams (1998) «Agreement and finiteness of V2: Evidence from child language», A. Greenhill, M. Hughes, H. Littlefield & H. Walsh (eds.), *Proceedings of the 22nd annual Boston University Conference on Language Development*, Somerville, MA: Cascadilla Press.
- HOLMBERG, A. (1986) *Word order and syntactic features in the Scandinavian languages and English*, Ph.D. Dissertation, University of Stockholm, Stockholm.
- HOLMBERG, A. (1988) «The head of S in Scandinavian and English», Denise Fekete & Zofia Laubitz (eds.), *Special Issue on Comparative Germanic Syntax: McGill Working Papers in Linguistics*, 123-155.
- HORNSTEIN, N. & D. Lightfoot (1981) *Explanation in Linguistics: The logical problem of language acquisition*, London & New York: Longman.
- HYAMS, N. M. (1986) *Language acquisition and the theory of parameters*, Dordrecht : Reidel.
- INGRAM D. & W. Thompson (1996) «Early syntactic acquisition in German: evidence for the modal hypothesis», *Language*, 72, 97-120.
- IVERSEN, R. (1918) *Syntaksen i Tromsø Bymaal*, Bymaals-Lagets Forlag, Kristiania.
- JACOBSEN, L. (1925) *Peder Palladius' Visitatsbog*, Gyldendal, Copenhagen.
- KOENEMAN, O. (2000) *The flexible nature of verb movement*, Ph.D. Dissertation, University of Utrecht.
- KOSMEIJER, W. (1986) «The status of the finite inflection in Icelandic and Swedish», *Working Papers in Scandinavian Syntax*, 26, 1-41.
- LAPOINTE, S. (1980) *The Theory of Grammatical Agreement*, Ph.D. Dissertation, University of Massachusetts, Amherst.
- LARDIERE, D. (2000) «Mapping Features to Forms in Second Language Acquisition», John Archibald (ed.), *Second Language Acquisition and Linguistic Theory*, Oxford: Blackwell.
- LASNIK, H. (1981) «Restricting the Theory of Transformations: A Case Study», N. Hornstein & D. Lightfoot (eds.), *Explanation in Linguistics*, London: Longman, 152–173.
- LEBEAUX, D. (1988) *Language acquisition and the form of the grammar*, University of Massachusetts, Amherst.

- LEBEAUX, D. (1990) «The grammatical nature of the acquisition sequence: adjoin- $\alpha$  and the formation of relative clauses», L. Frazier & J. de Villiers (eds.), *Language processing and language acquisition*, Dordrecht: Kluwer, 13-82.
- LENNEBERG, Eric H. (1967) *Biological Foundations Of Language*, New York: Wiley.
- LEVANDER, L. (1909) *Älvdalsmålet i Dalarna. Ordböjning och syntax*, Stockholm.
- LIGHTFOOT, David (1991) *How to Set Parameters: Arguments from Language Change*, Cambridge, MA: MIT Press.
- LIGHTFOOT, David (1999) *The Development of Language: Acquisition, Change and Evolution*, Malden, Mass. & Oxford: Blackwell.
- LOCKWOOD, W. B. (1964) *An introduction to Modern Faroese*, Munksgaard, Copenhagen.
- LONG, M. (1990) «Maturational constraints on language development», *Studies in Second Language Acquisition*, 12, 251-285.
- MAGNUSSÓN, F. (1990) *Kjarnafærsla og THað-innskot aukasetningum í íslensku, Málvísindastofnun, Háskóla Íslands, Reykjavík.*
- MANZINI, M. & K. Wexler (1987) «Parameters, Binding Theory, and Learnability», *Linguistic Inquiry*, 18:3, 413-444.
- MATOS, G. (1998) «Negação frásica e concordância negativa em português europeu», *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Aveiro, 198-218.
- MEISEL, J. (1994) «Getting FAT: Finiteness, Agreement and Tense in Early Grammars», Jürgen Meisel (ed.), *Bilingual First Language Acquisition: French and German Grammatical Development*, John Benjamins, Amsterdam.
- MEISEL, J. (1995) «Parameters in acquisition», P. Fletcher & B. MacWhinney (eds.), *Handbook of child language*, Cambridge, MA: Blackwell.
- MENDES, A. Q. (1991) *A Referência Temporal no Discurso Conversacional aos 2 e 3 Anos de Idade*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- MORGAN J. L. & L. L. Travis (1989) «Limits on negative information on language learning», *Journal of Child Language*, 16, 531-552.
- NEWPORT, E & T. Supalla (1990) «A possible critical period effect in the acquisition of a primary language», Ms. University of Rochester.
- PESETSKY, D. (1982) *Paths and Categories*, Ph.D. Dissertation, MIT.

- PESETSKY, D. & Esther Torrego (2001) «T-to-C Movement: Causes and Consequences», M. Kenstowicz (ed.), *Ken Hale: A Life in Language*, Cambridge (Mass.): MIT Press, 355-426.
- PHILLIPS, C. (1996) «Root Infinitives are Finite», A. Stringfellow, D. Cahana-Amitay, E. Hughes & A. Zukowski (eds.), *Proceedings of BUCLD 20*, Somerville, MA: Cascadilla Press (disponível online em [http://www.ling.udel.edu/colin/research/papers/bu\\_1995.pdf](http://www.ling.udel.edu/colin/research/papers/bu_1995.pdf)).
- PIERCE, A. (1992b) *Language acquisition and syntactic theory: A comparative analysis of French and English child grammar*, Dordrecht: Kluwer.
- PINKER, S. (1984) *Language Learnability and Language Development*, Cambridge, MA: Harvard University Press.
- PINKER, S. (1989) *Learnability and Cognition: The acquisition of Argument Structure*, Cambridge, MA: MIT Press.
- PIZUTTO E. & M. Caselli (1992) «The acquisition of Italian morphology: implications for models of language development», *Journal of Child Language*, 19, 491-557.
- PLATZACK, C. (1988) «The Emergence of a word order difference in Scandinavian subordinate clauses», *Special Issue on Comparative Germanic Syntax: McGill Working Papers in Linguistics*, 215-238.
- PLATZACK, C. & A. Holmberg (1989) «The Role of AGR and Finiteness», *Working Papers in Scandinavian Syntax*, 43, 51-76.
- POEPEL, D. & K. Wexler (1993) «The Full Competence Hypothesis of Clause Structure in Early German», *Language*, 69:1, 1-33.
- POLLOCK, J.-Y. (1989) «Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP», *Linguistic Inquiry*, 20:3, 365-424.
- POWERS, S. M. (1996) *The Growth of the Phrase Markers: Evidence from Subjects*, Doctoral thesis, University of Maryland.
- RADFORD, A. (1990) *Syntactic theory and the acquisition of the English syntax*, Oxford: Blackwell.
- RAPOSO, E. (1992) *Teoria da Gramática: A faculdade da linguagem*, Lisboa, Caminho.
- RAPOSO, E. (1995) «Da Teoria de Princípios e Parâmetros ao Programa Minimalista: algumas ideias-chave», *O Programa Minimalista*, Trad. de Eduardo Raposo, Caminho, 15-37.
- ROBERTS, I. (1993) *Verbs in Diachronic Syntax*, Kluwer, Dordrecht.

- ROEPER, T. (1992) «From the Initial State to V2: Acquisition Principles in Action», J. Meisel (ed.), *The Acquisition Of Verb Placement: Functional Categories And V2 Phenomena In Language Acquisition*, Dordrecht, The Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 333-370.
- ROEPER, T., & J. de Villiers (1992) «Ordered decisions in the acquisition of wh-questions», J. Weissenborn, H. Goodluck, & T. Roeper (eds.), *Theoretical issues in language acquisition: Continuity and change in development*, Hillsdale, NJ: Erlbaum, 191–236.
- ROHRBACHER, B. (1994) *The Germanic VO Languages and the Full Paradigm: A Theory of V to I Raising*, Ph.D. Dissertation, University of Massachusetts, Amherst.
- ROHRBACHER, B. (1999) *Morphology-Driven Syntax: A theory of V to I raising and pro-drop*, John Benjamins, Amsterdam.
- ROHRBACHER, B. & A. Vainikka (1995) «Verbs and subjects before age 2: The earliest stages in Germanic L1 acquisition», *Proceedings of the Northeastern Linguistic Society*, 25, 55-69.
- SALUSTRI, N. & N. Hyams (2006) «Looking for the universal core of the RI stage», V. Torrens & L. Escobar (eds.), John Benjamins, Amsterdam, 159-182.
- SANTOS, A. L. (2006) *Minimal Answers. Ellipsis, syntax and discourse in the acquisition of European Portuguese*, Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- SCALISE S. & E. Guevara (2005) «The Lexicalist Approach to Word-Formation and the Notion of Lexicon», P. Stekauer & R. Lieber (eds.), *Handbook of Word-Formation*, Studies in Natural Language and Linguistic Theory, 64, Springer, Amsterdam, 147-186.
- SELIGER, H. (1978) «Implications of Multiple Critical Period Hypotheses for Second Language Learning», Ritchie. W. (ed.), *Second Language Acquisition Research*, New York, Academic Press, 11-20.
- SIGURÐSSON, H. (1989) *Verbal syntax and case in Icelandic in a comparative GB approach*, Ph.D. Dissertation, University of Lund, Lund, Sweden.
- SPORTICHE, D. (1988) «A Theory of Floating Quantifiers and Its Corollaries for Constituent Structure», *Linguistic Inquiry*, 19:3, 425-450.
- SPROUSE, R. (1998) «Some Notes on the Relationship between Inflectional Morphology and Parameter Setting in First and Second Language Acquisition», Marie-Luise Beck (ed.), *Morphology and its Interfaces in Second Language Knowledge*, John Benjamins, Amsterdam.

- THRÁISSON, H. (1996) «On the (non)-universality of functional projections», Werner Abraham, Samuel David Epstein, Höskuldur Thráisson & C. Jan-Wouter Zwart (eds.), *Minimal Ideas: Syntactic Studies in the Minimalist Framework*, John Benjamins, Amsterdam/Philadelphia, 253-281.
- TORRENS, V. (1995) «The acquisition of inflection in Spanish and Catalan», C. T. Schütze, J. B. Ganger & K. Broihier (eds.), *Papers on language processing and acquisition*, MIT Working Papers in Linguistics, 26, Cambridge, MA: MIT Press.
- TRAVIS, L. (1984) *Parameters and Effects of Word Order Variation*, Dissertação de Doutorado, MIT.
- TROSTERUD, T. (1989) «The null subject parameter and the new Mainland Scandinavian word order: a possible counter example from a Norwegian dialect», Jussi Nieme (ed.), *Papers from the 11th Scandinavian Conference of Linguists*, 87-100.
- TRUSCOTT, J. & K. Wexler (1989) «Some problems in the parametric analysis of learnability», R. J. Matthews & W. Demopoulos (eds.), *Learnability and linguistic theory*, Dordrecht: Kluwer, 155-176.
- VALIAN, V. (1988) «Positive evidence, indirect negative evidence, parameter setting and language learning», Unpub. Msc. Hunter College.
- VALIAN, V. (1990a) «Logical and psychological constraints on the acquisition of syntax», L. Frazier & J. de Villiers (eds.), *Language Processing and Language Acquisition*, Dordrecht: Kluwer, 119-145.
- VERRIPS, M. & J. Weissenborn (1992), «Routes to Verb Placement in Early German and French: the Independence of Finiteness and Agreement», Jürgen Meisel (ed.), *The Acquisition of Verb Placement: Functional Categories and V2 Phenomena in Language Development*, Dordrecht: Kluwer.
- VIKNER, S. (1995a) «Verb Movement and Expletive Subjects in the Germanic Languages», Oxford University Press, Oxford.
- VIKNER, S. (1997) «V-to-I movement and inflection for person in all tenses», Liliane Haegeman (ed.), *The New Comparative Syntax*, Longman, London, 189-213.
- WEISSENBORN, J. (1990) «Functional categories and verb movement», *Linguistische Berichte*, 3, 190–224.
- WEISSENBORN, J. (1992) «Null Subjects in Early Grammars: Implications for Parameter Setting Theory», J. Weissenborn, H. Goodluck & T. Roeper (eds.), *Theoretical Issues in Language Acquisition*, Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.

- WEISSENBORN, J. (1994) «Constraining the child's grammar: local well-formedness in the development of verb movement in German and French», Barbara Lust, Margarita Suñer & John Whitman (eds.), *Syntactic Theory and First Language Acquisition: Cross-Linguistic Perspectives*, Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 215-247.
- WEXLER, K. (1990) «Innateness and maturation in linguistic development», *Developmental Psychobiology*, 23, 645-660.
- WEXLER, K. (1992) «Optional infinitives, head movement and the economy of derivations in child grammar», *Verb Movement*, D. Lightfoot & N. Hornstein (eds.), Cambridge: Cambridge University Press, 305-350.
- WEXLER, K. (1993) «The Subset Principle is an Intensional Principle», E. Reuand & W. Abraham (eds.), *Knowledge and Language*, Kluwer.
- WEXLER, K. (1994) «Optional infinitives, head movement and economy of derivation», N. Hornstein & D. Lightfoot (eds.), *Verb movement*, Cambridge: CUP, 305-350.
- WEXLER, K. & M. Manzini (1987) «Parameters and Learnability in Binding Theory», T. Roeper & E. Williams (eds.), *Parameter Setting*, Dordrecht: Reidel, 41-76.
- WEXLER, K. & P.W. Culicover (1980) *Formal principles of language acquisition*, Cambridge, MA: MIT Press.
- WHITMAN, J. (1994) «In Defense of the Strong Continuity Account of the Verb-Second», Barbara Lust, Margarita Suñer & John Whitman (eds.), *Syntactic Theory and First Language Acquisition: Cross-linguistic Perspectives - Volume 1, Heads, Projections and Learnability*, Lawrence Erlbaum Associates, Hillsdale, New Jersey.
- WHITMAN, J., K-O. Lee & B. Lust (1991) «Continuity of the Principles of Universal Grammar in First Language Acquisition: The Issue of Functional Categories», NELS Proceedings of the North Eastern Linguistics Society Annual Meeting, 21. University of Quebec at Montreal, University of Massachusetts: Amherst, 383-397.

## 7 Anexo

Teste 1:

Eu gosto de banda desenhada.

DP<sup>2</sup>

Tu tínhamos um equipamento do Benfica.

PN

Eu amigos muitos tenho.

DN

O autocarro passou rápido pela minha rua.

DP<sup>1</sup>

As batatas fritas muito sabem a sal.

OP

Eu saíste à rua.

P

A Joaquina gosta pouco de amendoins.

DP<sup>1</sup>



Nós gostas de bananas.	PN
Nós poder ir de tarde à piscina.	F
Eu são o melhor que há.	PN
O Pedro conhece a minha professora.	DP <sup>2</sup>
A bicicleta rápido passou pelo portão.	OP
Gosto de amigos simpatiquinhos.	DN
Eu moramos em Benfica.	N
Eu dormes de noite.	P
Nós ouviram o cão ladrar.	P
Os gelados sabem muito a caramelo.	DP <sup>1</sup>
Nós posso ir de tarde à piscina.	N
A Andreia baixo falou com a irmã.	OP
A Cristina sabe tocar guitarra.	DP <sup>2</sup>
Nós pediste brinquedos no Natal.	PN
O bife que comi ontem sabia muito a sal.	DP <sup>1</sup>
Nós bebem sumo de laranja.	P
Eu dar uma prenda à Ana.	F
A pizza muito sabe a orégãos.	OP
Eu saías à rua	P
Eu tenho uma amiga que é Joana a.	DN
Eu dormias de noite.	P
O Ricardo baixo falou com a professora.	OP
Eles púnhamos o livro na prateleira.	P
As costeletas sabem muito a picante.	DP <sup>1</sup>
Nós trabalhei num teatro.	N
A cor preferida da Maria é o rosa.	DP <sup>2</sup>
Eles gostam pouco de ir ao cinema	DP <sup>1</sup>
Nós ouvem o cão ladrar.	P
O meu colega disse-me que esteja a chover.	DN
Eu provaram a gelatina de morango.	PN
O Manuel falou baixo com o pai.	DP <sup>1</sup>
Vocês ias ao centro comercial.	N
Nós beber sumo de laranja.	F
A Joana falou baixo com a irmã.	DP <sup>1</sup>

Tu cantar canções de embalar.	F
O periquito cantava muito bem.	DP <sup>2</sup>
Nós beberam sumo de laranja.	P
As pipocas que comi ontem muito sabiam a açúcar.	OP
Ninguém não veio ao último espectáculo.	DN
Nós gostavas de bananas	PN
Eu saís à rua.	P
A moto rápido passou pela portagem.	OP
Eu dormiste de noite.	P
Eu gosto mais de cães do que de gatos.	DP <sup>2</sup>
O Pedro pouco gostou de ir ao circo.	OP
Eu demos uma prenda à Ana.	N
A minha mãe se chama Gertrudes.	DN
Eu morávamos em Benfica.	N
Nós bebiam sumo de laranja.	P

Teste 2:

A pizza muito sabe a orégãos.	OP
Os gelados sabem muito a caramelo.	DP <sup>1</sup>
O meu colega disse-me que esteja a chover.	DN
A Cristina sabe tocar guitarra.	DP <sup>2</sup>
Eu damos uma prenda à Ana.	N
Tu trago a bola de futebol.	P
Eu perdi as chaves de casa.	P
Nós telefonou à Maria.	PN
Eu morámos em Benfica.	N
Eu gosto de banda desenhada.	DP <sup>2</sup>
A bicicleta rápido passou pelo portão.	OP
Ninguém não veio ao último espectáculo.	DN
Vocês recebem prendas no Natal.	N
Vocês ver desenhos animados.	F
Eu saías à rua.	P
As pipocas que comi ontem muito sabiam a açúcar.	OP

Eu amigos muitos tenho.	DN
A cor preferida da Maria é o rosa.	DP <sup>2</sup>
Tu tivemos um equipamento do Benfica.	PN
O Ricardo baixo falou com a professora.	OP
Vocês peço uma prenda ao Pai Natal.	PN
Vocês voltar segunda-feira.	F
Vocês sonhávamos com um amigo.	P
Gosto de amigos simpatiquinhos.	DN
Nós ouviam o cão ladrar.	P
O periquito cantava muito bem.	DP <sup>2</sup>
Vocês foste ao centro comercial.	N
O Pedro pouco gostou de ir ao circo.	OP
A minha mãe se chama Gertrudes.	DN
As batatas fritas muito sabem a sal.	OP
Eu provavam a gelatina de morango.	PN
A Joana falou baixo com a irmã.	DP <sup>1</sup>
Vocês sonhámos com um amigo.	P
Eu gosto mais de cães do que de gatos.	DP <sup>2</sup>
Vocês sabemos contar até dez.	P
As costeletas sabem muito a picante.	DP <sup>1</sup>
O bife que comi ontem sabia muito a sal.	DP <sup>1</sup>
Tu pintei um quadro.	P
Eu dávamos uma prenda à Ana.	N
Eu morar em Almada.	F
A Andreia baixo falou com a irmã.	OP
Vocês recebias prendas no Natal.	N
A moto rápido passou pela portagem.	OP
O Pedro conhece a minha professora.	DP <sup>2</sup>
Tu pintava um quadro.	P
A Joaquina gosta pouco de amendoins.	DP <sup>1</sup>
Eles gostam pouco de ir ao cinema.	DP <sup>1</sup>
Nós bebem sumo de laranja.	P
Tu usamos t-shirts amarelas.	PN
Nós ouviram o cão ladrar.	P

O Manuel falou baixo com o pai.	DP <sup>1</sup>
Tu pinto um quadro.	P
Vocês pedia uma prenda ao Pai Natal.	PN
O autocarro passou rápido pela minha rua.	DP <sup>1</sup>
Eu tenho uma amiga que é Joana a.	DN
Tu trazer a bola de futebol.	F

Teste 3:

As pipocas que comi ontem muito sabiam a açúcar.	OP
O meu colega disse-me que esteja a chover.	DN
A Cristina sabe tocar guitarra.	DP <sup>2</sup>
A bicicleta rápido passou pelo portão.	OP
Gosto de amigos simpatiquinhos.	DN
Ele visitámos o museu.	PN
Ele vejo desenhos animados na televisão.	P
Ele estávamos no campo de futebol.	PN
Vocês sonhamos com um amigo.	P
Eu gosto de banda desenhada.	DP <sup>2</sup>
As batatas fritas muito sabem a sal.	OP
Eu dormias de noite	P
A Joana falou baixo com a irmã.	DP <sup>1</sup>
A minha mãe se chama Gertrudes.	DN
Ele desenhei uma estrela.	P
Vocês coube dentro do armário.	PN
Nós gostavas de bananas.	PN
Eu tenho uma amiga que é Joana a.	DN
As costeletas sabem muito a picante.	DP <sup>1</sup>
Eles gostam pouco de ir ao cinema.	DP <sup>1</sup>
O bife que comi ontem sabia muito a sal.	DP <sup>1</sup>
A cor preferida da Maria é o rosa.	DP <sup>2</sup>
Tu quis um gelado de morango.	P
Ninguém não veio ao último espectáculo.	DN
O autocarro passou rápido pela minha rua.	DP <sup>1</sup>

Os gelados sabem muito a caramelo.	DP <sup>1</sup>
Eles volto segunda-feira.	PN
O Ricardo baixo falou com a professora.	OP
Ele estamos no campo de futebol.	PN
O periquito cantava muito bem.	DP <sup>2</sup>
A Andreia baixo falou com a irmã.	OP
Eles jogávamos à bola.	P
A pizza muito sabe a orégãos.	OP
Tu cantar canções de embalar.	F
Nós ouvem o cão ladrar	P
Tu trazia a bola de futebol.	P
Vocês vais ao centro comercial.	N
Eu gosto mais de cães do que de gatos.	DP <sup>2</sup>
A Joaquina gosta pouco de amendoins.	DP <sup>1</sup>
Eles jogar à bola.	F
Ele fazer um bolo.	F
Tu mostra os dentes.	P
Vocês soubemos contar até dez.	P
Vocês ias ao centro comercial.	N
A moto rápido passou pela portagem.	OP
Vocês sabíamos contar até dez.	P
Eu morávamos em Benfica.	N
Nós poder ir de tarde à piscina	F
O Pedro pouco gostou de ir ao circo.	OP
Eu amigos muitos tenho.	DN
Vocês sonhámos com um amigo.	P
Vocês recebeste prendas no Natal.	N
O Manuel falou baixo com o pai.	DP <sup>1</sup>
Eu moramos em Benfica.	N
O Pedro conhece a minha professora.	DP <sup>2</sup>
Eu demos uma prenda à Ana.	N

Teste 4:

Ele partiste a jarra de vidro.	P
A Cristina sabe tocar guitarra.	DP <sup>2</sup>
A bicicleta rápido passou pelo portão.	OP
Eu tenho uma amiga que é Joana a.	DN
Eles veio do parque infantil.	N
Tu trazer a bola de futebol	F
Os gelados sabem muito a caramelo.	DP <sup>1</sup>
O meu colega disse-me que esteja a chover.	DN
Eu damos uma prenda à Ana.	N
Ele visitamos o museu.	PN
Eu gosto de banda desenhada.	DP <sup>2</sup>
A Joaquina gosta pouco de amendoins.	DP <sup>1</sup>
Ele comer muitos doces.	F
Ele mediste um metro de altura.	P
O Ricardo baixo falou com a professora.	OP
Eles jogamos à bola.	P
Vocês voltar segunda-feira.	F
Ninguém não veio ao último espectáculo.	DN
Ele partias a jarra de vidro.	P
A cor preferida da Maria é o rosa.	DP <sup>2</sup>
A Joana falou baixo com a irmã.	DP <sup>1</sup>
Eles estar no jardim infantil.	F
A pizza muito sabe a orégãos.	OP
Eles dizias que vai chover.	PN
Ele medias um metro de altura.	P
O periquito cantava muito bem.	DP <sup>2</sup>
A Andreia baixo falou com a irmã.	OP
As pipocas que comi ontem muito sabiam a açúcar.	OP
Eles pusemos o livro na prateleira.	P
Ele estivemos no campo de futebol.	PN
Eu amigos muitos tenho.	DN
Ele medes um metro de altura.	P
Eu morámos em Benfica.	N
O Pedro pouco gostou de ir ao circo.	OP

As costeletas sabem muito a picante.	DP <sup>1</sup>
Eu gosto mais de cães do que de gatos.	DP <sup>2</sup>
Ele partes a jarra de vidro.	P
Vocês recebias prendas no Natal.	N
O autocarro passou rápido pela minha rua.	DP <sup>1</sup>
Eles pomos o livro na prateleira.	P
Eles jogámos à bola.	P
Eles gostam pouco de ir ao cinema.	DP <sup>1</sup>
Eu dávamos uma prenda à Ana.	N
Eles dizes que vai chover.	PN
Eu gosto mais de cães do que de gatos.	DP <sup>2</sup>
Eles jogávamos à bola	P
A minha mãe se chama Gertrudes.	DN
Ele visitávamos o museu.	PN
O Manuel falou baixo com o pai.	DP <sup>1</sup>
Eles púnhamos o livro na prateleira.	P
Gosto de amigos simpatiquinhos.	DN
As batatas fritas muito sabem a sal.	OP
Eles lava as mãos.	N
A moto rápido passou pela portagem.	OP
O bife que comi ontem sabia muito a sal.	DP <sup>1</sup>
Eles preparaste uma festa.	PN